



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Patrícia Alexandra Aguiar Lopes

CRIANÇAS QUE SENTEM, CRIANÇAS FELIZES
UM PROJETO DE INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA EM
EDUCAÇÃO EMOCIONAL EM CONTEXTO DE CASA DE
ACOLHIMENTO TEMPORÁRIO

Relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação orientado pela
Professora Doutora Maria Filomena Ribeiro da Fonseca Gaspar e apresentada à
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Julho de 2019

Agradecimentos

Está a chegar ao fim mais uma etapa importante da minha vida e por isso só me resta agradecer a todas as pessoas que me apoiaram em todo este percurso.

À Professora Doutora Maria Filomena Gaspar, orientadora de estágio, agradeço por todo o apoio, dedicação e disponibilidade e sobretudo pelos momentos de aprendizagem e pelas suas palavras de incentivo que me fizeram acreditar no valor das Ciências da Educação.

Tenho que agradecer à Dr.^a Ana Luísa Dinis, por me ter acolhido e me ter feito sentir parte do Ninho dos Pequenitos desde o primeiro dia. Agradeço também todos os conhecimentos transmitidos e todo o apoio prestado, a sua disponibilidade, os seus conselhos e todos os desafios lançados, o que contribuiu sem dúvida para o meu crescimento pessoal e profissional.

À minha família, agradeço de coração pelo apoio em todas as decisões, pois sempre acreditou que seria capaz e sem ela nada disto seria possível.

Agradeço também à minha madrinha Filipa, por ter partilhado comigo esta experiência e por todo o apoio. Será sem dúvida uma pessoa que levo para a vida.

A todos os meus amigos que me acompanharam e motivaram ao longo desta caminhada e que me deram força para não desistir.

Tenho que agradecer também às crianças do Ninho dos Pequenitos que de um modo especial animaram os meus dias, por tudo o que aprendi com elas, pelos momentos de partilha e alegria que me proporcionaram.

A todos, muito obrigado!

Resumo

O Acolhimento Residencial surge como uma resposta necessária e importante para as crianças que se encontram expostas a situações de risco e/ ou perigo. Esta é uma realidade em muitas famílias portuguesas, o que tem conduzido a diversos estudos, mudanças legislativas e institucionais e intervenções de diferentes tipos.

O presente relatório intitulado “Crianças que sentem, crianças felizes”: Um projeto de intervenção socioeducativa em Educação Emocional em contexto de Casa de Acolhimento Temporário” pretende fundamentar, dar a conhecer e refletir sobre todo o trabalho desenvolvido durante o período do estágio curricular do Mestrado em Ciências da Educação, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, realizado no Ninho dos Pequenitos, no ano letivo de 2018/2019. Esta casa pertence à Associação SORRISO- Associação dos Amigos do Ninho dos Pequenitos e acolhe e encaminha crianças dos 0 aos 6 anos que se encontrem numa situação de perigo, pondo em causa o seu bem-estar e desenvolvimento integral.

O projeto realizado, que se intitula de “ Crianças que sentem, crianças felizes” é a atividade a que se dá mais destaque neste relatório, uma vez que o seu principal objetivo foi contribuir para o desenvolvimento das competências emocionais das crianças em situação de acolhimento.

Palavras- chave: Acolhimento Residencial, Crianças e Jovens em Risco e/ou Perigo, Casa de Acolhimento, Emoções, Desenvolvimento Emocional

Abstract

The Residential Reception is a necessary and important answer for children who are exposed to situations of risk and / or danger. This is a reality in many Portuguese families, which has led to various studies, legislative and institutional changes and interventions of different types.

This report entitled "Children who feel happy children: A socio-educational intervention project in Emotional Education in the context of a residential care center" intends to inform and reflect on all the work developed during our internship of the Master's degree in Educational Sciences, of the Faculty of Psychology and Educational Sciences of the University of Coimbra, held in Ninho dos Pequenos, in the academic year 2018/2019. This residential care centre belongs to the Association SORRISO - Association of Friends of Ninho dos Pequenos for children from 0 to 6 years who are in a situation of danger, jeopardizing their well-being and integral development.

The project, entitled "Children who feel happy children", is the activity that is most highlighted in this report, since its main goal was to contribute to the development of the emotional competences of children.

Keywords: Residential care, children and youngsters in risk or danger, residential centre, emotions, emotional development

Índice

Formulário de Abreviaturas.....	6
Índice de Gráficos.....	8
Índice de Figuras	7
Índice de Tabelas páginas.....	9
Lista de Anexos	10
Introdução.....	11
Capítulo 1: Enquadramento Institucional.....	13
1.1 Associação SORRISO- Associação dos Amigos do Ninho dos Pequenitos	13
1.1.1 Missão, Visão e Valores	15
1.2 O Ninho dos Pequenitos como Resposta Social.....	16
1.2.1 As instalações	16
1.2.2 Caracterização do público-alvo	17
1.2.3 A equipa.....	20
1.2.4 O processo de acolhimento e o seu método de intervenção	21
Capítulo 2: Enquadramento Conceptual.....	26
2.1 A criança e os seus direitos valorizados	26
2.2 A Lei que protege as crianças e jovens em perigo	28
2.3 O Acolhimento Residencial como uma resposta importante para as crianças e jovens expostos a situações de risco e/ ou perigo.....	34
2.4 A realidade do Acolhimento de Crianças e Jovens em Portugal.....	37
2.5 Desenvolvimento Emocional.....	44
2.5.1 As emoções.....	44
2.5.2.1 Alegria	46
2.5.2.2 Tristeza	47
2.5.2.3 Medo.....	48
2.5.2.4 Raiva.....	49
2.5.2.5 Surpresa	49
2.5.2.6 Nojo	50
2.5.3 Inteligência emocional.....	51
2.5.4 Competência emocional	56
2.5.5 Regulação emocional.....	58

2.5.6 Desenvolvimento emocional nas crianças.....	60
2.5.6.1 Desenvolvimento emocional dos 0 aos 12 meses.....	67
2.5.6.2 Desenvolvimento emocional dos 2 aos 5 anos	68
2.5.6.3 Desenvolvimento emocional dos 6 aos 12 anos	69
Capítulo 3: Projeto “ Crianças que sentem, crianças felizes”.....	71
3.1 Caracterização do público-alvo	71
3.2 Diagnóstico.....	72
3.3 Planificação	74
3.4 Aplicação- Execução	79
3.5 Avaliação	82
3.5.1 Das crianças.....	82
3.5.2 Análise SWOT.....	90
Capítulo 4: Outras atividades	92
Considerações finais.....	102
Referências Bibliográficas.....	105
Anexos.....	110

Formulário de Abreviaturas

CNPDP CJ – Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

EMAT- Equipa Multidisciplinar de Apoio Técnico aos Tribunais

IPSS – Instituição de Particular de Solidariedade Social

ISS – Instituto da Segurança Social

LPCJP – Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

LTE – Lei Tutelar Educativa

PSEI – Plano Socioeducativo Individual

SNPI - Sistema Nacional de Intervenção Precoce

SORRISO – Associação dos Amigos do Ninho dos Pequenitos

Índice de Figuras

Figura 1 - Crianças e jovens em situação de acolhimento caracterizados no ano 2017 (ISS, 2018).....	38
Figura 2 - Número de crianças e jovens por local de acolhimento (ISS, 2018).....	38
Figura 3 - Distribuição por características particulares de crianças e jovens em situação de acolhimento (ISS, 2018).....	40
Figura 4 - Situações de perigo na origem da situação de acolhimento (ISS, 2018).....	41
Figura 5 - Duração do acolhimento residencial generalista das crianças e jovens (ISS, 2018).....	42

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Idades das crianças acolhidas no Ninho dos Pequenitos	19
Gráfico 2 – Idade das crianças acolhidas no Ninho dos Pequenitos que cessaram o acolhimento durante o período de estágio	20
Gráfico 3 - Motivo do acolhimento das Crianças do Ninho dos Pequenitos.....	20
Gráfico 4 - Distribuição por género de crianças e jovens em situação de acolhimento (Adaptado do ISS, 2018)	39
Gráfico 5 - Distribuição por idades de crianças e jovens em situação de acolhimento (ISS, 2018).....	39

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Sessões do Projeto “Crianças que sentem, crianças felizes”	76
Tabela 2 - Análise SWOT do projeto “Crianças que sentem, crianças felizes”	90
Tabela 3 - Análise SWOT do Estágio	104

Lista de Anexos

Anexo I- Matriz de Planificação da 1ª sessão

Anexo II – Matriz de Planificação da Atividade 1 da 1ª Sessão

Anexo III - Matriz de Planificação da Atividade 2 da 1ª Sessão

Anexo IV – Matriz de Planificação da 2ª Sessão

Anexo V - Matriz de Planificação da Atividade 1 da 2ª Sessão

Anexo VI - Matriz de Planificação da Atividade 2 da 2ª Sessão

Anexo VII - Matriz de Planificação da Atividade 3 da 2ª Sessão

Anexo VIII - Matriz de Planificação da Atividade 4 da 2ª Sessão

Anexo IX - Matriz de Planificação da 3ª Sessão

Anexo XX - Matriz de Planificação da Atividade 1 da 3ª Sessão

Anexo XI - Matriz de Planificação da Atividade 2 da 3ª Sessão

Anexo XII - Matriz de Planificação da Atividade 3 da 3ª Sessão

Anexo XIII - Matriz de Planificação da 4ª Sessão

Anexo XIV - Matriz de Planificação da Atividade 1 da 4ª Sessão

Anexo XV - Matriz de Planificação da Atividade 2 da 4ª Sessão

Anexo XVI - Matriz de Planificação da Atividade 3 da 4ª Sessão

Anexo XVII - Matriz de Planificação da 5ª Sessão

Anexo XVIII - Matriz de Planificação da Atividade 1 da 5ª Sessão

Anexo XIX - Matriz de Planificação da Atividade 2 da 5ª Sessão

Anexo XX - Matriz de Planificação da 6ª Sessão

Anexo XXI - Matriz de Planificação da Atividade 1 da 6ª Sessão

Anexo XXII - Matriz de Planificação da Atividade 2 da 6ª Sessão

Anexo XXIII - Matriz de Planificação da 7ª Sessão

Anexo XXIV - Matriz de Planificação da Atividade 1 da 7ª Sessão

Anexo XXV - Matriz de Planificação da Atividade 2 da 7ª Sessão

Anexo XXVI – Algumas atividades realizadas na implementação do projeto

Anexo XXVII – Outras atividades realizadas no estágio.

Introdução

O presente relatório fundamenta e descreve todo o trabalho desenvolvido no âmbito do estágio curricular, inserido no plano de estudos referente ao segundo ano do Mestrado em Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Maria Filomena Gaspar.

O estágio possibilitou-nos conhecer a dinâmica de uma Casa de Acolhimento Temporário e também compreender a importância das Ciências da Educação neste contexto. No âmbito desta unidade curricular é importante alcançar objetivos como: “efectuar uma leitura pluridisciplinar dos vários contextos formais, não formais e informais de ação educativa; selecionar e utilizar procedimentos metodológicos adequados e fidedignos para a análise e caracterização dos diversos parâmetros da realidade educacional; integrar a dimensão analítica de descrição e diagnóstico das situações com a dimensão operativa da intervenção, fazendo prova de capacidades estratégicas de planificação e antecipação dos efeitos prováveis da ação interventiva; deliberar de forma autónoma na avaliação/ revisão das atividades prosseguidas com vista aos objetivos postulados e promover práticas heurísticas que configurem a identidade profissional do/a especialista em Ciências da Educação” (Regulamento dos Estágios no Âmbito dos Mestrados Académicos- Área das Ciências da Educação, 2016).

Este estágio decorreu na Casa de Acolhimento Temporário, Ninho dos Pequenos, pertencente à Associação SORRISO- Associação dos Amigos do Ninho dos Pequenos, com uma duração de 9 meses, de setembro de 2018 a maio de 2019 e teve a orientação da Dr.^a Ana Luísa Dinis, Educadora Social no Ninho dos Pequenos.

O relatório que se apresenta denominado Crianças que sentem, crianças felizes é constituído por quatro capítulos. O capítulo 1 inclui o Enquadramento Institucional, onde foi efectuada uma caracterização da Associação SORRISO bem como da Casa de Acolhimento, Ninho dos Pequenos onde efetivamente se realizou o estágio curricular.

O capítulo 2 diz respeito ao Enquadramento Conceptual onde se aborda um pouco como evoluiu o reconhecimento dos direitos das crianças, sendo referida também alguma da lei bem como o sistema que promove e protege as crianças e jovens em risco/perigo. Em seguida, aborda-se o Acolhimento Residencial como sendo uma alternativa a estas crianças, nas situações em que as famílias se revelam incapacitadas para cuidar dos filhos, colocando em causa o seu superior interesse e por fim, para que possamos compreender um pouco melhor como decorre o processo de acolhimento de Crianças e

Jovens em Portugal iremos analisar alguns indicadores importantes do Relatório CASA 2017, um relatório que retrata a Caracterização Anual da Situação de Acolhimento de Crianças e Jovens.

Em seguida, no capítulo 3 é apresentada a intervenção realizada através do projeto intitulado *Crianças que sentem, crianças felizes*, descrevendo as suas diferentes fases: diagnóstico, planificação, aplicação-execução, avaliação e por fim, uma reflexão final acerca do mesmo.

No capítulo 4 fazemos referência às restantes atividades nas quais podemos colaborar durante todo o estágio curricular.

Terminamos o nosso relatório com a apresentação das considerações finais, onde realizamos uma reflexão do todo este percurso, fazendo uma análise das aprendizagens adquiridas, bem como dos ganhos aprendidos ao nível dos conhecimento e das competências desenvolvidas. Por fim, terminamos com uma reflexão sobre o contributo das Ciências da Educação num contexto de Casa de Acolhimento Temporário.

Capítulo 1: Enquadramento Institucional

Neste capítulo é efetuada uma caracterização da Associação SORRISO, bem como da Casa de Acolhimento, Ninho dos Pequenitos onde efetivamente se realizou o estágio curricular.

1.1 Associação SORRISO- Associação dos Amigos do Ninho dos Pequenitos

A SORRISO- Associação dos Amigos do Ninho dos Pequenitos trata-se de uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), sem fins lucrativos e reconhecida como pessoa coletiva de utilidade pública. Esta entidade foi instituída no ano de 1998 através da determinação de alguns técnicos e cidadãos em proporcionar atividades de apoio à criança privada da família, nomeadamente:

- “a angariação de fundos para a promoção e desenvolvimento do Ninho dos Pequenitos;

- a promoção de ações de sensibilização e dinamização da sociedade e dos profissionais em relação às crianças em risco” (Projeto Educativo, 2017).

A Associação SORRISO encontra-se situada na Rua Augusta, em Coimbra. Os seus dois principais objetivos são: “acolher crianças dos 0 aos 6 anos desprovidas de um meio familiar adequado e proporcionar às crianças acolhidas, condições que sejam promotoras de um bom desenvolvimento físico, sócio afetivo e educativo, num ambiente onde prevaleça a segurança, a atenção e o amor” (Estatutos SORRISO, 2015).

Além dos objetivos referidos anteriormente acrescem ainda, secundariamente, os seguintes objetivos: “organizar ações de sensibilização da comunidade e dos profissionais, em geral, para a problemática da criança em risco e da criança institucionalizada e angariar meios financeiros destinados a melhorar o conforto e a qualidade do atendimento das crianças acolhidas, procurando envolver a Sociedade Civil” (Estatutos SORRISO, 2015).

Com o intuito de dar resposta a estes objetivos, esta Associação propõe-se a desenvolver e manter algumas atividades, que se traduzem nos seguintes objetivos:

- a) “Proporcionar à criança a satisfação de todas as suas necessidades básicas;
- b) Proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança;

- c) Promover respostas pedagógicas diversificadas, adequadas às necessidades e aos interesses das crianças, procurando despistar e diagnosticar os aspetos em défice, no sentido de promover um desenvolvimento global e harmonioso;
- d) Disponibilizar assistência médica e acompanhamento psicossocial, promovendo o diagnóstico, tratamento e acompanhamento adequado das crianças com patologia, se necessário articulando com outros serviços hospitalares;
- e) Fomentar a inserção da criança em equipamentos sociais da comunidade;
- f) Elaborar o projeto de vida de cada criança em articulação com o Centro Distrital da Segurança Social, Comissões de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo e Tribunais, procurando evitar institucionalizações prolongadas;
- g) Promover e incentivar a participação das famílias, ajudando-as a compreender as reais necessidades das crianças, tendo sempre em conta o projeto de vida delineado” (Estatutos SORRISO, 2015).

A Associação SORRISO é a entidade que garante a gestão do Ninho dos Pequenitos.

A obra “ O Ninho dos Pequenitos” foi criada nos anos 30 do século passado, pelo Professor Bissaya Barreto, tendo como principal finalidade a proteção da criança. Inicialmente, as instalações situavam-se no edifício da Associação Académica de Coimbra, tendo nessa altura como propósito o internamento de crianças em risco de contágio, por tuberculose da mãe. Em 1963, foi incluído na Obra de Assistência Materno Infantil Bissaya Barreto e situa-se neste momento na Maternidade Bissaya Barreto.

Mais tarde, em 1988, foi integrado num projeto que resultou na criação da Unidade de Intervenção Precoce na Relação Mãe/ Filho do Centro Hospitalar de Coimbra através da Portaria nº 532/91 publicada no DR I Série a 20/06/91.

Após a concretização de vários contactos entre o Centro Regional de Segurança Social de Coimbra e a Fundação Bissaya Barreto foi efetuado em 1990 um acordo de

cooperação com esta instituição, o qual veio a ser denunciado pela Fundação Bissaya Barreto em 2014.

Ainda em outubro de 2004 é realizado um protocolo entre o Centro Distrital de Segurança Social e a SORRISO, tendo sido destinada a esta instituição a tutela do Ninho dos Pequenitos.

Presentemente, a SORRISO tem estabelecido um acordo atípico para Casa de Acolhimento, com o Centro Distrital de Segurança Social de Coimbra, assim como um Protocolo com o Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra.

1.1.1 Missão, Visão e Valores

Como já foi mencionado anteriormente, o Ninho dos Pequenitos encontra-se sob tutela da Associação SORRISO, que orienta a sua atividade tendo como referência uma missão, uma visão e diversos valores. Relativamente à sua missão, ela visa “acolher crianças em situação de perigo, desenvolver respostas no âmbito do acolhimento temporário de crianças e prestar serviços a crianças privadas de meio familiar, dos 0 aos 6 anos”. No que respeita à sua visão, procura “ser reconhecida como uma IPSS de referência no Distrito de Coimbra e implementar políticas e práticas de referência na qualidade e inovação no acolhimento infantil”. Quanto aos valores, rege-se por “valorizar a criança, garantindo os cuidados adequados às suas necessidades e promovendo os direitos consagrados na Convenção dos Direitos da Criança, facultando condições promotoras de saúde, educação e desenvolvimento integral da criança”; um segundo valor trata-se da “intervenção centrada no interesse superior da criança, conduzindo o processo de intervenção, desde o acolhimento até à desinstitucionalização da criança, tendo como base o respeito pela privacidade, individualização e integração da criança na comunidade envolvente”; um outro valor é ser “parceiro, promovendo a cooperação com entidades da comunidade envolvente, de modo a identificar necessidades e desenvolver estratégias que possibilitem a concretização dos objetivos e projetos”; por fim, um último valor é “a melhoria contínua, sendo uma IPSS em constante aperfeiçoamento, com introdução de novas práticas, mediante o envolvimento de órgãos sociais,

profissionais, parceiros, voluntários, sócios e comunidade” (Ninho dos Pequenitos, 2018a)

1.2 O Ninho dos Pequenitos como Resposta Social

O Ninho dos Pequenitos constitui-se como uma resposta social, sendo uma Casa de Acolhimento, com o principal fim de “acolher e encaminhar crianças dos 0 aos 6 anos que se encontrem em situação de perigo, pondo em causa o seu bem estar e desenvolvimento integral” (Ninho dos Pequenitos, 2018b). Esta casa tem capacidade para acolher 20 crianças, contudo, o acordo atípico estabelecido com o Instituto de Segurança Social antevê apenas 15 vagas. O Ninho dos Pequenitos atua mediante um “regime aberto”, o que permite a “livre entrada e saída das crianças, segundo as normas gerais de funcionamento, tendo apenas como limites os consequentes das suas necessidades educativas e da proteção dos seus direitos, interesses conforme o artigo 53º da Lei de Promoção e Protecção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP) – Lei 147/99 de 1 de setembro e alterado pela Lei n.º 142/2015, de 8 de setembro” (Regulamento Interno, 2017).

A Casa de Acolhimento funciona 24 horas por dia e todos os seus horários são ajustáveis ao ritmo de cada criança e de cada faixa etária, de forma a prestar os cuidados apropriados às suas necessidades e assegurar as condições que promovam os direitos destas crianças estimados na Convenção dos Direitos da Criança, sobretudo o direito à educação, bem-estar e desenvolvimento integral e possibilitando assim, uma vida diária personalizada e a integração na comunidade de todas as suas crianças.

1.2.1 As instalações

Relativamente às suas instalações, o Ninho dos Pequenitos é constituído pelos seguintes espaços:

- 1 Berçário com 6 berços;
- 2 Quartos¹ cada um com 5 camas de grades;
- 1 quarto com 4 camas;
- 1 Casa de banho inserida na área do berçário;
- 1 Casa de banho de apoio aos restantes quartos;

¹ Todos os quartos estão também equipados com mobílias para os pertences individuais das crianças.

- 1 Casa de banho de funcionários;
- 1 Gabinete de Apoio e Vigilância;
- 1 Sala de visitas para familiares dos bebés;
- 1 Sala de visitas para familiares das outras crianças;
- 1 Sala de atividades inserida na área do berçário;
- 1 Sala de atividades lúdico-pedagógicas;
- 1 Sala de estar;
- 1 Sala de refeições;
- 1 Copa;
- 1 Gabinete Técnico;
- 1 Gabinete Administrativo;
- 1 Área de rouparia/ lavandaria;
- 1 Vestiário, com cacifos individuais, para funcionários;
- 2 Arrecadações;
- 1 Área exterior de recreio (Regulamento Interno, 2017).

1.2.2 Caracterização do público-alvo

Como já foi mencionado anteriormente, o Ninho dos Pequenitos tem capacidade para acolher 20 crianças sendo que são apenas previstas 15 vagas. Este tem como público destinatário crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 6 anos. No final do nosso estágio estavam na casa 16 crianças, com idades entre os 2 meses e os 6 anos, como se pode observar no Gráfico 1. No entanto, ao longo do período de estágio foram acolhidas crianças que aquando a sua desinstitucionalização tinha idades compreendidas entre os 3 meses e 1 ano de idade, como é possível observar no Gráfico 2.

É importante também mencionar que o Ninho dos Pequenitos também acolhe bebés recém nascidos, cujas mães/ pais decidiram dar consentimento prévio para a adoção.

No que diz respeito á caracterização sociofamiliar destas crianças, é importante mencionar que estas são provenientes sobretudo de contextos familiares disfuncionais. São por isso, crianças a quem foi aplicada medida de promoção e proteção pelas entidades aptas para o efeito como as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) ou os Tribunais. Assim, relativamente aos seus contextos familiares podemos identificar os seguintes fatores de risco:

- “Gravidez indesejada;
- Família monoparental;
- Família reconstituída com filhos de outras relações;
- Família com muitos filhos;
- Família desestruturada (relação conflituosa entre pais, violência doméstica, vínculos conjugais pouco sólidos, mudança frequente de companheiro);
- Família com problemas socio económicos e habitacionais (carência económica, situações profissionais instáveis e ausência de hábitos de trabalho, isolamento social, sem suporte de família alargada, vizinhos ou amigos, ou mantendo com estes um relacionamento conflituoso; condições habitacionais precárias, com pouca organização e falta de higiene)” (Projeto Educativo, 2017).

Podemos observar algumas destas problemáticas no Gráfico 2, relativamente à população acolhida atualmente no Ninho dos Pequenitos.

Relacionados com o contexto familiar destas crianças existem também fatores de risco intrínsecos às características individuais dos pais, tais como:

- “Alcoolismo, toxicodependência;
- Perturbação da saúde mental e cognitiva;
- Antecedentes de maus tratos infantis;
- Antecedentes de comportamento desviante;
- Personalidade imatura e impulsiva, baixo autocontrole, reduzida tolerância às frustrações, vulnerabilidade ao stress, baixa autoestima;
- Incapacidade de reconhecer as necessidades dos filhos, assumindo uma atitude intolerante, indiferente ou excessivamente ansiosa, face às responsabilidades relativas à criação dos mesmos;
- Incapacidade não só para admitirem que o filho foi ou possa ser maltratado, como também para lhe oferecer proteção no futuro;
- Pais jovens;
- Baixo nível económico e cultural;
- Desemprego;
- Inexperiência e falta de conhecimentos básicos sobre o processo de desenvolvimento da criança;

• Ausência de competências parentais e perturbação no processo de vinculação com os filhos” (Projeto Educativo,2017).

Assim, mediante estas características há que reconhecer a vulnerabilidade destas crianças sobretudo tendo em conta a sua idade, grau de dependência, necessidades e a possibilidade de existirem problemas de saúde mental e física.

Daí que também a maioria possa revelar problemas emocionais, comportamentais e/ ou fracas competências pessoais e sociais, que influenciam diretamente o seu bem-estar e a sua integração na comunidade.

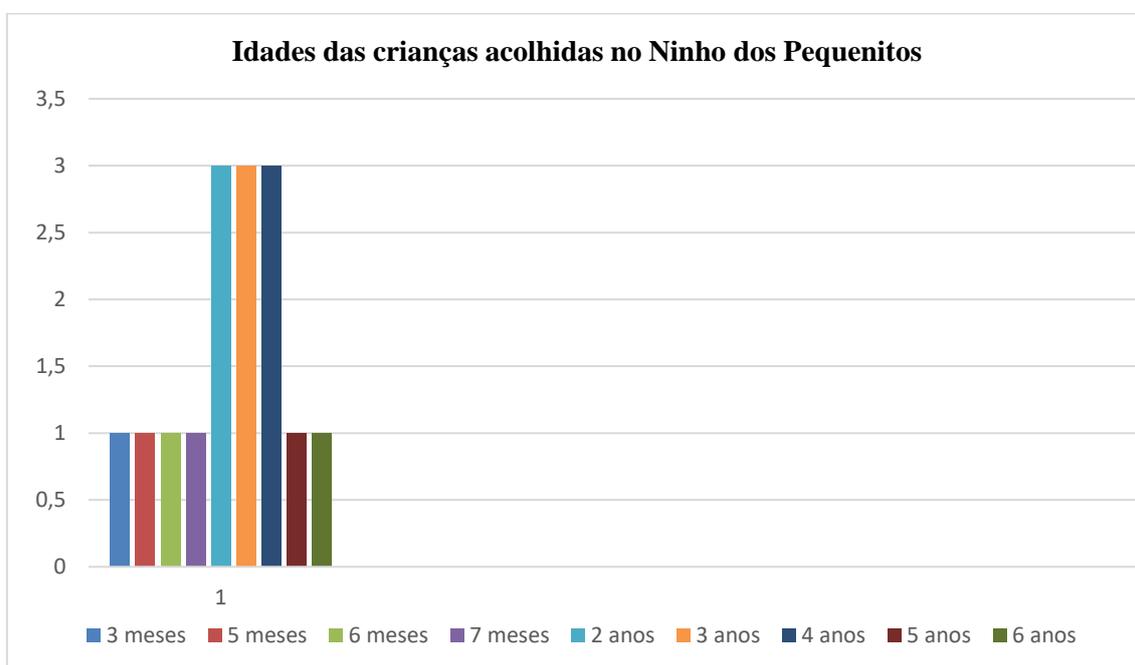


Gráfico 1 – Idades das crianças acolhidas no Ninho dos Pequenos

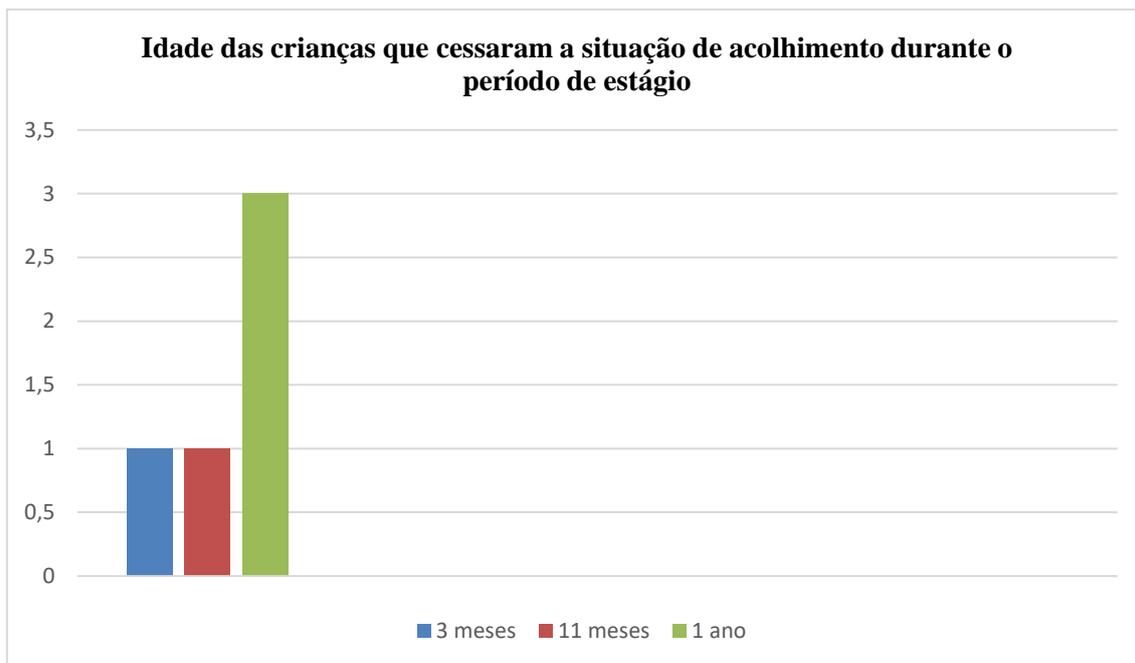


Gráfico 2 – Idade das crianças acolhidas no Ninho dos Pequenos que cessaram o acolhimento durante o período de estágio

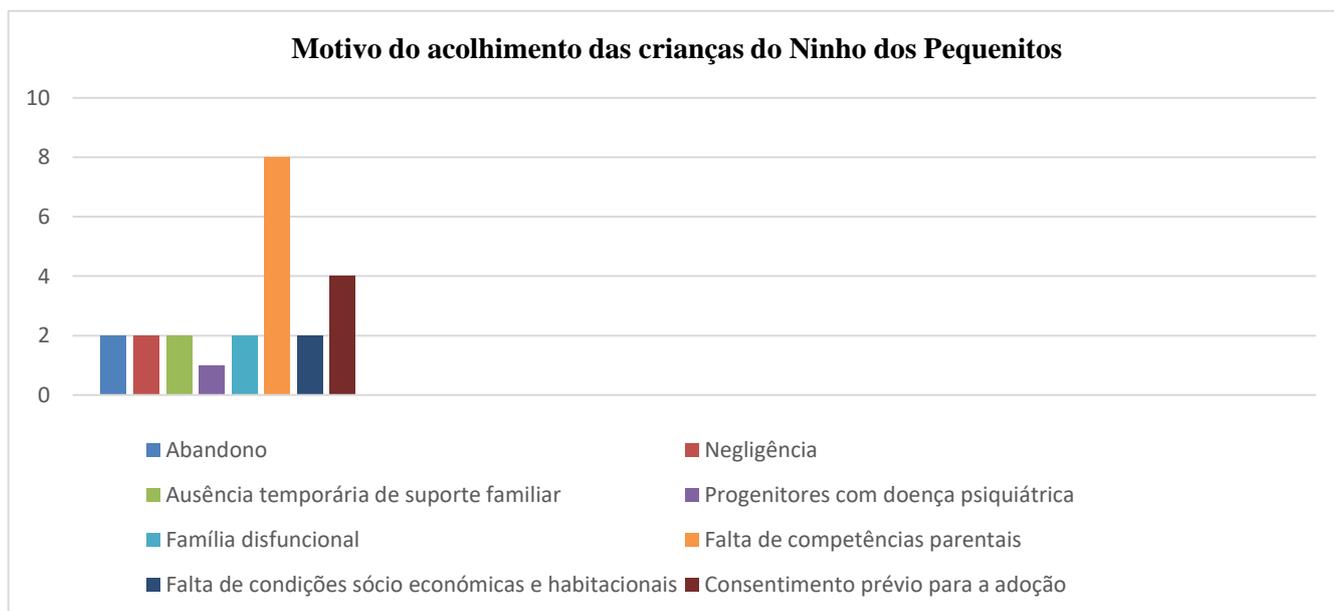


Gráfico 3 - Motivo do acolhimento das Crianças do Ninho dos Pequenos

Nota: Cada criança acolhida poderá apresentar mais que um motivo para o seu acolhimento.

1.2.3 A equipa

O Ninho dos Pequenos dispõe da colaboração dos seguintes recursos humanos:

- “Diretora Técnica;
- Equipa técnica: organizada de modo pluridisciplinar, inclui uma Assistente Social (a acumular funções de Diretora Técnica), uma Educadora Social e uma Psicóloga;
- Equipa educativa: 10 Funcionárias de Ação Educativa;
- Equipa de apoio: 1 Administrativa;
- Equipa de Consultadoria Técnica: 1 Médica Pediatra e 1 Médica Psiquiatra de Infância e Adolescência” (Regulamento Interno, 2017).

Para além destes técnicos, existe ainda um acordo com o Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, que permite o acesso aos profissionais de saúde da Maternidade Bissaya Barreto.

1.2.4 O processo de acolhimento e o seu método de intervenção

Como mencionado anteriormente, as crianças acolhidas no Ninho dos Pequenitos são encaminhadas pelos Tribunais de Família e Menores ou pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), através de um pedido formal onde é solicitada vaga para o seu acolhimento. Este pedido é efectuado pela Equipa de Gestão de Vagas pertencente ao Instituto da Segurança Social (ISS), especificando em relatório a situação atual da criança e o motivo pelo qual é necessário o seu acolhimento em instituição.

Sendo a admissão da criança da responsabilidade da equipa técnica da Casa de Acolhimento é fundamental que a mesma avalie este pedido e que apresente a sua aprovação positiva ou negativa, evidenciando os motivos que a justificam. Neste sentido, e após a chegada do pedido de admissão, a equipa técnica deverá proceder aos seguintes passos:

- “análise dos relatórios e dados clínicos que acompanham o pedido de entrada;
- avaliação por parte da instituição para verificar a possibilidade de acolher uma criança com determinadas características;
- articulação, sempre que necessário, com os serviços que pedem o acolhimento da criança, no sentido de obter mais informações;

- decisão acerca se é possível admitir a criança e a sua comunicação por escrito à entidade que pede o acolhimento;

- e articulação com a entidade que solicita o acolhimento para agendamento da data de admissão”.

Quando o parecer é positivo relativamente à admissão da criança, inicia-se a preparação do seu acolhimento sendo para isso necessário, realizar a abertura do seu processo individual, atribuir-lhe um gestor de caso, acomodar o seu espaço individual e preparar a sua prenda de boas vindas (Projeto Educativo, 2017).

De acordo com o que foi referido anteriormente o processo individual de cada criança, inclui toda a “informação acerca da criança e da sua família, bem como todas as diligências realizadas no domínio da avaliação, acompanhamento e definição do projeto de vida” (Projeto Educativo, 2017).

Além disso, a Casa de Acolhimento possui também alguns “instrumentos de trabalho para registo do acompanhamento das crianças (ex: registo da alimentação dos bebés), assim como a utilização de instrumentos de avaliação, devidamente validados pelas entidades competentes”(ex: “ Schedule of Growing Skills II²”) (Projeto educativo, 2017).

No dia do acolhimento da criança, a técnica gestora do caso acompanha a mesma à instituição e em reunião com a equipa técnica expõe o seu parecer acerca dos motivos do acolhimento bem como apresenta algumas informações que na sua opinião, são fundamentais para o acompanhamento da criança na instituição (integração pré-escolar caso se aplique, acompanhamentos de saúde necessários, visitas de familiares e contactos que são autorizados ou se considera adequados a ter com outros elementos da família ou pessoas próximas).

Ainda nesta fase, a equipa técnica deverá, “procurar conhecer as características da criança, os seus hábitos de sono e alimentação, bem como os seus pertences e pessoas significativas para ela. É também criado o seu processo clínico, avaliado o seu estado de saúde e recolhidos os seus documentos. Muito importante neste momento de integração é familiarizar a criança com os pares já residentes na casa bem como com os

² Teste de Avaliação do Desenvolvimento é um instrumento de avaliação que permite avaliar crianças dos 0 aos 60 meses, muito utilizado na área da Intervenção Precoce. O nível de desenvolvimento da criança é avaliado em nove domínios de competências, sendo estes: Controlo Postural Passivo; Controlo Postural Activo; Locomotoras; Manipulativas; Visuais; Audição e Linguagem; Fala e Linguagem; Interação Social e Autonomia Pessoal. Sendo também possível obter resultados relativamente à área cognitiva.

Os resultados obtidos possibilitam comparar a idade cronológica (biológica) da criança com a idade corrigida (obtida através do resultado do teste) e compreender se criança se está a desenvolver segundo um padrão normal ou não.

adultos. Ainda neste processo, a família de cada criança deverá ser informada, sendo-lhe entregue e lido o manual de acolhimento para pais, explicadas as características e regras da instituição, programas de visitas e mostrando disponibilidade para as atender sempre que necessário, de acordo com os horários estabelecidos. Por fim, é assinada pela família e os técnicos da Casa de Acolhimento uma declaração de tomada de conhecimento” (Projeto Educativo, 2017).

Após a integração da criança na casa e no período de um mês e meio após o seu acolhimento, os técnicos responsáveis deverão efetuar uma avaliação diagnóstica, abrangendo todas as áreas em que colaboram, sendo no entanto, a responsabilidade última do gestor de caso na sua concretização. Posteriormente a esta avaliação é redigido o respetivo relatório que deverá conter os seguintes aspetos:

- “ avaliação do comportamento, desenvolvimento, adaptação à casa e quando se aplica, desempenho em contexto pré-escolar da criança;

- elaboração da história de vida, avaliando a estrutura e funcionamento da família (elaboração do genograma);

- e construção do relatório de avaliação diagnóstica” (Projeto Educativo, 2017).

A partir deste relatório são definidos os objetivos gerais e específicos do Plano Socioeducativo Individual (PSEI) de cada criança.

Este é um “documento técnico cuja principal função é facilitar a identificação das ações e sistematizar a intervenção que a Casa de Acolhimento pretende realizar com a criança” (Projeto Educativo, 2017). Este deverá ser elaborado no prazo de dois meses após o acolhimento, sendo que a sua concepção se fundamenta nas necessidades reconhecidas em cada criança nos domínios do desenvolvimento global e emocional, do contexto sócio familiar e escolar, sendo estas sinalizadas através de um resumo da avaliação diagnóstica .

Assim o PSEI será organizado por um ou vários projetos de intervenção, mediante as necessidades reconhecidas. Os elementos que fazem parte deste plano são os seguintes:

- “dados de identificação da criança, identificados na avaliação diagnóstica, de natureza desenvolvimental, emocional, sócio familiar e escolar;

- índice dos projetos a desenvolver;

- descrição promenorizada de cada projeto, incluindo objetivos, estratégias/ações, responsáveis pelas ações, calendarização, critérios de avaliação, recursos

humanos, materiais e financeiros, assim como, orientações para o acompanhamento pós projeto;

- aprovação do Plano Socioeducativo Individual;
- avaliação do Plano Socioeducativo Individual” (Projeto Educativo, 2017).

Independentemente da duração do acolhimento de cada criança, a equipa técnica redige semestralmente um relatório de acompanhamento a ser enviado à CPCJ, ao Tribunal ou à Equipa Multidisciplinar de Apoio Técnico aos Tribunais (EMAT) ou, no caso de a data de revisão da medida aplicada se encontrar próxima. Também poderá ser o Tribunal a solicitar à Casa de Acolhimento informações específicas de cada processo e, nesse caso, o relatório será emitido diretamente ao Tribunal, com conhecimento ao gestor de caso. Este relatório tem um “carácter informativo e de comunicação com a CPCJ ou EMAT no que respeita à evolução da situação de cada criança, ao seu processo educativo e contextos significativos para ela (família, escola, grupo de pares, etc.,). Neste relatório poderão ainda constar propostas de alteração da situação da criança, nomeadamente, a alteração do regime de visitas, um parecer sobre o projeto de vida, entre outros” (Projeto Educativo, 2017).

Relativamente á definição do projeto de vida das crianças acolhidas no Ninho dos Pequenitos, este trata-se de um processo contínuado, dinâmico e flexível, tornando-se primordial defini-lo no mais curto espaço de tempo.

Quando o projeto de vida de uma criança, determinado pelo Tribunal é a adoção e depois da chegada do pedido de relatório feito pela Equipa de Adoção da Segurança Social, são desenvolvidas as seguintes ações:

- “elaboração e envio de relatório acerca da criança nas vertentes de saúde, desenvolvimento global, história familiar, escolaridade, visitas dos familiares e características revelantes. Sendo ainda enviadas fotografias da criança;
- de acordo com a idade da criança, é importante envolvê-la no processo, preparando-a para a integração na nova família;
- elaboração do dossier para os futuros pais: entregue na reunião preparatória da aproximação da criança (contendo informação promenorizada das características e rotinas da criança, bem como fotografias suas e documentos);
- reunião com a equipa de adoção, técnicos da casa de acolhimento e futuros pais, no sentido de informar e planificar o processo de aproximação com a criança;

- concretização e avaliação do processo de aproximação á criança e informação á equipa de adoção da sua evolução;

- preparação da saída da criança da Casa de Acolhimento, reunindo os seus objetos pessoais, caso o plano seja bem sucedido, entre os quais se destaca o Livro de História de Vida ou o Albúm da Criança (Livro do bebé), dependendo da idade da criança” (Projeto Educativo, 2017).

Quando o projeto de vida decidido pelo Tribunal é a reunificação familiar, desencadeiam-se as seguintes ações:

- “definição com o tribunal e com o gestor de caso da EMAT de um plano de aproximação e (re) integração da criança na família biológica nuclear ou alargada;

- concretização e avaliação do referido plano;

- informação sobre o ponto da situação ao gestor de caso da EMAT e quando solicitado, ao Tribunal;

- desde que o plano seja bem sucedido é preparada a saída da criança da Casa de Acolhimento, reunindo os seus documentos, fotografias e objetos pessoais” (Projeto Educativo, 2017).

Para finalizar podemos ainda referir que durante o acolhimento de cada criança, o seu apoio educativo é ajustado à sua idade e características individuais, possibilitando-lhe assim:

- “criar e estabelecer um equilíbrio emocional estável e crescer em harmonia;

- compensar a carência afetiva e insegurança;

- crescer como ser autónomo, responsável, livre e criativo;

- compreender e aceitar as regras e limites;

- tornar-se pessoa estável com capacidade de integração e mudança, espírito de iniciativa e criatividade, de estabelecer amizades e sentimentos de partilha;

- desenvolver a expressão e comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização e de compreensão do mundo” (Projeto Educativo, 2017).

Capítulo 2: Enquadramento Conceptual

O presente capítulo aborda um pouco de como evoluiu o reconhecimento dos direitos das crianças, sendo também mencionada alguma da lei que protege as crianças e jovens que se encontram em risco e/ ou perigo e por isso os seus direitos não são defendidos nem reconhecidos. Em seguida, é abordado o processo de acolhimento residencial como sendo uma resposta importante para estas crianças e jovens, onde as suas famílias se revelam incapazes para cuidar de si, colocando em causa o seu superior interesse. Por fim, para compreendermos um pouco melhor como decorre o processo de acolhimento de Crianças e Jovens em Portugal serão analisados alguns indicadores importantes do Relatório CASA 2017, um relatório que retrata a Caracterização Anual da Situação de Acolhimento de Crianças e Jovens.

2.1 A criança e os seus direitos valorizados

A criança, “nem sempre foi considerada como um sujeito de direitos e deveres, só mais tarde e já tardiamente foi reconhecido que esta necessita de cuidados específicos, uma vez que se encontra em constante desenvolvimento” (Monteiro, 2010 citado por Santos, 2014, p.28).

Neste sentido, surge então no ano de 1989, a Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas e ratificada por Portugal a 21 de setembro de 1990. Esta foi considerada uma referência notável na consagração dos direitos da criança e na forma como esta é vista e compreendida.

A partir desta convenção, passou a definir-se a criança “ como todo e qualquer indivíduo com idade inferior a 18 anos” (p.6), revelando assim uma nova perspetiva que a reconhece como um sujeito autónomo de direitos.

É também referenciado neste documento que “para o desenvolvimento harmonioso da sua personalidade, esta deve crescer num ambiente familiar, em clima de felicidade, amor e compreensão”(p.3).

Assim, é importante assinalar o papel fundamental que a família tem na sua vida, pois é através desta, que “recebe os cuidados básicos e partilha da convivência em ambientes propícios ao seu harmonioso crescimento e bem-estar, reconhecendo sempre os seus direitos” (UNICEF, 1990, p. 3).

Contudo, acontece que muitas vezes as crianças nem sempre vivem em ambientes facilitadores ao seu desenvolvimento saudável, acabando, muitas vezes, por serem expostas a situações de risco ou perigo.

Assim, voltando um pouco mais atrás no tempo, é importante mencionar que era a Igreja Católica e mais tarde, o Estado, quem tinham o compromisso de cuidar destas crianças mais desprotegidas. Porém, foi ao longo do séc.XX que foram fundadas as primeiras instituições de acolhimento para crianças e jovens, sendo que muitas destas ainda se encontravam ligadas à igreja católica, com um cariz assistencialista e com o principal fim de ajudar crianças e jovens desprotegidos ou com distúrbios de comportamento, substituindo assim o papel das famílias e da comunidade.

Contudo mais tarde, no ano de 1999, foram aprovadas duas leis importantes no sentido de as proteger, que se constituíram como o apoio a uma intervenção adequada, com áreas e responsabilidades determinadas. Distinguindo-se então: a Lei Tutelar Educativa (LTE), quando justificada pelo ato da criança ou jovem e a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP), quando promovida por atos ou omissões da responsabilidade dos seus pais ou do seu representante legal.

Assim, estas duas leis permitem compreender as circunstâncias em que os menores necessitam de intervenção protetora do Estado e aquelas onde a intervenção se justifica mediante o propósito cautelar educativo.

Segundo Mendes e Santos (2014), a “LTE pretende que sejam reconhecidas às crianças/ jovens em situação de delinquência “... as garantias concedidas aos adultos pelo direito constitucional e pelo direito processual penal [...], mas salvaguardando simultaneamente a herança positiva do modelo de proteção” (p.51).

Assim, importa também salientar que os conceitos de “ criança e jovem” evidenciam-se, nestas duas leis vigentes, definindo-se como sendo uma criança ou jovem, uma “ pessoa com menos de 18 anos ou uma pessoa com menos de 21 anos que solicite a continuação da intervenção iniciada antes de atingir os 18 anos” (art.º5, LPCJP).

Já com a nova Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, o Estado e a sociedade passam a ter um compromisso importante na promoção e proteção dos direitos das crianças e jovens em risco, assegurando o seu bem estar e desenvolvimento integral.

Porém, para compreendermos melhor estes conceitos de risco e perigo é importante defini-los, ainda que, para muitos profissionais sejam ainda difícil clarificá-los corretamente.

No entanto, de acordo com a Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens (CNPDPJ, 2018a), “ as situações de risco implicam um perigo potencial para a concretização dos direitos da criança (ex. situações de pobreza), embora não atingindo o elevado grau de probabilidade de ocorrência que o conceito de perigo encerra”. Desta forma, consideramos que uma criança se encontra em risco, quando a sua atual situação ou estado se denotam como desadequados, inconsistentes ou desequilibrados perante aquilo que é suposto enquanto seres humanos”. Assim, nestas situações é importante realizar uma intervenção a nível individual, após uma apreciação e estudo da criança ou jovem bem como do seu ambiente próximo.

A mesma Comissão mencionada anteriormente (CNPDPJ, 2018b), declara que o conceito de perigo se baseia na “ probabilidade grave ou a já ocorrência de um dano a diversos níveis como saúde, segurança, formação, educação ou o desenvolvimento integral da criança”.

Desta forma, resultante de situações repetidas de negligência, existiu a necessidade de decretar através da lei, a proteção da criança e do jovem que se encontram expostos a riscos e/ ou perigos, tal como está estipulado no artigo 19º da Convenção sobre os Direitos da Criança (1990), que refere que: “ o estado deve proteger a criança contra todas as formas de maus-tratos por parte dos pais ou outros responsáveis pelas crianças e estabelecer programas sociais para a prevenção dos abusos e para tratar as vítimas” (p.13).

2.2 A Lei que protege as crianças e jovens em perigo

Mediante esta realidade, é fundamental reconhecer a necessidade de intervir considerando o superior interesse e a proteção da criança. Assim, segundo Loulé (2010), “ a problemática das crianças e jovens em risco/ perigo merece e justifica medidas sociais e jurídicas que envolvam o Estado e toda a Sociedade (p.41).

Neste sentido importa fazer referência à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo aprovada pela lei nº147/99 de 1 de setembro (com as seguintes alterações: Lei nº31/2003, de 22 de agosto, a Lei nº142/2015, de 8 de setembro e, recentemente, a

Lei nº23/2017, de 23 de maio), que tem por objeto “ (...) a promoção dos direitos e a protecção das crianças e dos jovens em perigo, por forma a garantir o seu bem-estar e desenvolvimento integral”(art.º 1).

Ainda segundo a mesma Lei (LPCJP) e de acordo com o seu art.º3, representam situações de perigo para a criança, quando esta:

- a) “Está abandonada ou vive entregue a si própria;
- b) Sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais;
- c) Não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal;
- d) Está aos cuidados de terceiros, durante período de tempo em que se observou o estabelecimento com estes de forte relação de vinculação e em simultâneo com o não exercício pelos pais das suas funções parentais;
- e) É obrigada a atividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento;
- f) Está sujeita, de forma directa ou indirecta, a comportamentos que afectem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional;
- g) Assume comportamentos ou se entrega a actividades ou consumos que afectem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação”.

Deste modo, e após a explicação dos conceitos de risco e perigo apresentados anteriormente entendemos que o “ conceito de risco de ocorrência de maus tratos em crianças é mais amplo e abrangente do que o das situações de perigo” (CNPDCJ, 2018c).

Quando tais situações acontecem é fundamental criar um plano de intervenção que permita terminar com a situação de risco ou perigo, sem que seja preciso aplicar medidas formais neste procedimento. Esta intervenção só será conseguida atuando de forma consensual com os pais, representantes legais ou quem tenha a guarda de facto e

quando não existir constestação por parte da criança ou do jovem com idade igual ou superior a 12 anos.

Quando isto não é possível, cabe às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens atuar, promovendo, salvaguardando e protegendo os direitos da criança, desde que seja conseguido o consentimento evidente dos pais, do representante legal ou da pessoa que tenha a guarda de facto e da não resistência do menor com idade igual ou superior a 12 anos. Assim as CPCJ's intervêm “promovendo os direitos da criança e do jovem e prevenindo ou pondo termo a situações susceptíveis de afectar a segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral da criança ou jovem” (Decreto-Lei nº 147/99, de 1 de setembro, art.º12).

Nos casos em que a intervenção por parte destas comissões não é realizável, ou por falta de aprovação dos pais, do representante legal ou de quem tenha a guarda de facto da criança ou do jovem, assim como quando outras instâncias não conseguem por fim à situação de perigo ou risco em que a criança ou jovem se encontram expostos, o poder legal de aplicar medidas compete aos órgãos jurisdicionais, especialmente ao Tribunal de Família e Menores. Geralmente, esta intervenção acontece quando (Decreto- Lei nº142/15, de 8 de setembro, art.º 11º):

- a) “Não esteja instalada comissão de protecção de crianças e jovens com competência no município ou na freguesia da respectiva área da residência ou a comissão não tenha competência, nos termos da lei, para aplicar a medida de promoção e protecção adequada;
- b) A pessoa que deva prestar consentimento, haja sido indiciada pela prática de crime contra a liberdade ou a autodeterminação sexual que vitime a criança ou jovem carecidos de protecção, ou quando, contra aquela tenha sido deduzida queixa pela prática de qualquer dos referidos tipos de crime;
- c) Não seja prestado ou seja retirado o consentimento necessário à intervenção da comissão de protecção, quando o acordo de promoção e de protecção seja reiteradamente não cumprido ou quando ocorra incumprimento do referido acordo de que resulte situação de grave perigo para a criança;
- d) Não seja obtido acordo de promoção e protecção, mantendo-se a situação que justifique a aplicação de medida;

- e) A criança ou o jovem se oponham à intervenção da comissão de protecção;
- f) A comissão de protecção não obtenha a disponibilidade dos meios necessários para aplicar ou executar a medida que considere adequada, nomeadamente por oposição de um serviço ou entidade;
- g) Decorridos seis meses após o conhecimento da situação pela comissão de protecção não tenha sido proferida qualquer decisão e os pais, representante legal ou as pessoas que tenham a guarda de facto da criança ou jovem requeiram a intervenção judicial;
- h) O Ministério Público considere que a decisão da comissão de protecção é ilegal ou inadequada à promoção dos direitos ou à protecção da criança ou do jovem;
- i) O processo da comissão de protecção seja apensado a processo judicial, nos termos da lei;
- j) Na sequência da aplicação de procedimento urgente previsto no artigo 91.º”.

Neste sentido, a intervenção tutelar de promoção e protecção realizada pelas Comissões de Protecção de Crianças e Jovens ou pelos Tribunais, especificamente, através da aplicação de uma medida de promoção e protecção, deve respeitar os seguintes princípios (Decreto- Lei nº142/15, de 8 de setembro, art.º 4):

- a) “**Interesse superior da criança:** a intervenção deve atender prioritariamente aos interesses e direitos da criança e do jovem, nomeadamente à continuidade de relações de afeto de qualidade e significativas, sem prejuízo da consideração que for devida a outros interesses legítimos no âmbito da pluralidade dos interesses presentes no caso concreto;
- b) **Privacidade:** a promoção dos direitos da criança e do jovem deve ser efetuada no respeito pela intimidade, direito à imagem e reserva da sua vida privada;
- c) **Intervenção precoce:** a intervenção deve ser efetuada logo que a situação de perigo seja conhecida;

- d) **Intervenção mínima:** a intervenção deve ser desenvolvida exclusivamente pelas entidades e instituições cuja ação seja indispensável à efetiva promoção dos direitos e à proteção da criança e do jovem em perigo;
- e) **Proporcionalidade e atualidade:** a intervenção deve ser a necessária e a ajustada à situação de perigo em que a criança ou o jovem se encontram no momento em que a decisão é tomada e só pode interferir na sua vida e na da sua família na medida do que for estritamente necessário a essa finalidade;
- f) **Responsabilidade parental:** a intervenção deve ser efetuada de modo a que os pais assumam os seus deveres para com a criança e o jovem;
- g) **Primado da continuidade das relações psicológicas profundas:** a intervenção deve respeitar o direito da criança à preservação das relações afetivas estruturantes de grande significado e de referência para o seu saudável e harmónico desenvolvimento, devendo prevalecer as medidas que garantam a continuidade de uma vinculação securizante;
- h) **Prevalência da família:** na promoção dos direitos e na proteção a criança e do jovem deve ser dada prevalência às medidas que os integrem em família, quer na sua família biológica, quer promovendo a sua adoção ou outra forma de integração familiar estável;
- i) **Obrigatoriedade de informação:** a criança e o jovem, os pais, o representante legal ou a pessoa que tenha a guarda de facto têm direito a ser informados dos seus direitos, dos motivos que determinaram a intervenção e da forma como esta se processa;
- j) **Audição obrigatória e participação:** a criança e o jovem, em separado ou na companhia dos pais ou da pessoa por si escolhida, bem como os pais, representante legal ou pessoa que tenha a sua guarda de facto, têm direito a ser ouvidos e a participar nos atos e na definição da medida de promoção dos direitos e de proteção;
- k) **Subsidiaridade:** a intervenção deve ser efetuada sucessivamente pelas entidades com competência em matéria de infância e juventude, pelas

comissões de proteção de crianças e jovens e, em última instância, pelos tribunais”.

No que diz respeito às Medidas de Promoção e Proteção, estas promovem os direitos e a proteção das crianças e jovens em perigo e destinam-se a:

- a) “ Afastar o perigo em que estes se encontram;
- b) Proporcionar-lhes as condições que permitam proteger e promover a sua segurança, saúde, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral;
- c) Garantir a recuperação física e psicológica das crianças e jovens vítimas de qualquer forma de exploração ou abuso (Decreto-Lei nº142/2015, de 8 de setembro, art.º 34).

Independentemente da sua natureza, estas medidas podem ser executadas:

- Em meio natural de vida:
 - a) “Apoio junto dos pais;
 - b) Apoio junto de outro familiar;
 - c) Confiança a pessoa idónea;
 - d) Apoio para a autonomia de vida
- Em regime de colocação:
 - e) Confiança a pessoa selecionada para adoção;
 - f) Acolhimento residencial;
 - g) Confiança a família de acolhimento ou a instituição com vista à adoção” (Decreto-Lei nº142/15, de 8 de setembro, art.º 35).

Esta última alínea é considerada a executar em meio natural de vida no primeiro caso e de colocação, no segundo e terceiro caso.

Ainda relativamente à aplicação destas medidas, é importante referir que estas são apenas da responsabilidade das comissões de proteção e dos tribunais, tendo como exceção a última, cuja competência é somente dos tribunais.

Assim, para terminar podemos constatar que a história do acolhimento residencial em Portugal retrata um progresso em conjunto com a evolução dos direitos das crianças, expressos nas leis estabelecidas em matéria de infância e juventude, tendo

em conta que durante um longo período as crianças eram vistas como seres privados de direitos.

2.3 O Acolhimento Residencial como uma resposta importante para as crianças e jovens expostos a situações de risco e/ ou perigo

Quando na vida de uma criança existem inquietações no seu processo de crescimento ou quando a sua família é incapaz de corresponder de forma responsável às suas necessidades afetivas, de segurança e dignidade, verificando-se sucessivas rupturas nos laços familiares e sociais, é importante que provisoriamente ou definitivamente a criança ou jovem sejam distanciados do seu meio familiar, uma vez que têm o direito à proteção, e por isso o Acolhimento Residencial veio a revelar-se uma resposta importante nestes casos.

Este aparece então como uma resposta necessária e importante para as situações de risco e perigo que ocorrem no ambiente familiar, e sobretudo, nas situações em que a família não demonstra possuir as condições indispensáveis para favorecer, à criança ou jovem um desenvolvimento harmonioso.

Assim, de acordo com o Instituto da Segurança Social (2005), é importante evidenciar os factos que levam à institucionalização de crianças e jovens, organizados em três situações- tipo:

- “- a ausência de uma parentalidade capacitada, em que os pais frequentemente estão ausentes, quer física quer emocionalmente;
- as carências socioeconómicas da família, que se traduzem na sua incapacidade para assegurar condições adequadas à criança ou jovem;
- e comportamentos desviantes e marginais dos próprios jovens” (p.47).

Desta forma, com o propósito de afastá-los do perigo em que se encontram, o acolhimento residencial define “a sua colocação aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações, equipamento de acolhimento e recursos humanos permanentes, devidamente dimensionados e habilitados, que lhes garantam os cuidados adequados” (Decreto-Lei nº142/15, de 8 de setembro, art.º49).

É através da Lei nº147/99, de 1 de setembro que é uniformizado o acolhimento em instituição, contudo só na segunda versão da lei (Decreto Lei nº142/15, de 8 de setembro), é que aparece de forma clara a alusão às casas de acolhimento como “uma solução para problemáticas específicas e necessidades de intervenção educativa e terapêutica evidenciadas pelas crianças e jovens a acolher” (art.º50b).

Assim, o acolhimento residencial “tem lugar no que se denomina casa de acolhimento e obedece a modelos de intervenção socioeducativos adequados às crianças e jovens nela acolhidos” (Decreto-Lei nº142/15, de 8 de setembro, art.º 50). Para que se criem “condições que garantam a adequada satisfação de necessidades físicas, psíquicas, emocionais e sociais das crianças e jovens e o efetivo exercício dos seus direitos, favorecendo a sua integração em contexto sociofamiliar seguro e promovendo a sua educação, bem estar e desenvolvimento integral” (Decreto-Lei nº142/15, de 8 de setembro, art.º49).

As casas de acolhimento são “estruturadas em unidades que possibilitam uma relação afetiva de tipo familiar, uma vida diária personalizada e a integração na comunidade, sendo que o regime desta organização e funcionamento é definido em diploma próprio” (Decreto-Lei nº142/15, de 8 de setembro, art.º 53).

Esta medida de acolhimento residencial é reconhecida como fundamental pelo facto de que muitas das vezes, como descrito anteriormente, as medidas em meio natural de vida se revelarem escassas, incapazes ou até mesmo irrealizáveis, havendo assim a necessidade de intervir, e como última opção, a criança é retirada à sua família, ficando esta aos cuidados de instituições devidamente organizadas para atender às suas necessidades básicas, protegendo-as e garantindo o seu bem estar e desenvolvimento global.

Esta medida possui várias respostas sociais que por isso deverão coincidir com intervenções de natureza distinta. Assim, as casas de acolhimento podem organizar-se por unidades especializadas, designadamente:

- a) “Casas de acolhimento para resposta em situações de emergência;
- b) Casas de acolhimento para resposta a problemáticas específicas e necessidades de intervenção educativa e terapêutica evidenciadas pelas crianças e jovens a acolher;
- c) Apartamentos de autonomização para o apoio e promoção de autonomia dos jovens”. (Decreto-Lei nº142/15, de 8 de setembro, art.º50).

Relativamente à integração no acolhimento, a medida de acolhimento residencial é planeada ou, por vezes resulta de situações de emergência urgente:

- “A integração planeada pressupõe a preparação da integração na casa de acolhimento, mediante troca de informação relevante entre a entidade que aplica a medida, a entidade responsável pela gestão das vagas em acolhimento e a instituição responsável pelo acolhimento, tendo em vista a melhor proteção e promoção dos direitos da criança ou jovem a acolher e incide, designadamente, sobre:
 - a) “A avaliação do plano de intervenção executado em meio natural de vida, nos casos aplicáveis;
 - b) A situação de perigo que determina a aplicação da medida;
 - c) As necessidades específicas da criança ou jovem a acolher;
 - d) Os recursos e características da intervenção que se revelem necessários, a disponibilizar pela instituição de acolhimento”.
- A intervenção planeada pressupõe ainda a preparação informada da criança ou jovem e, sempre que possível, da respetiva família;
- A integração urgente em casa de acolhimento é determinada pela necessidade de proteção da criança quando ocorra situação de emergência” (Decreto- Lei nº142/15, de 8 de setembro, art.º51).

Importa ainda referir que, esta medida tem uma duração definida no acordo ou na decisão judicial, sendo revista após terminado o prazo estabelecido nestes documentos. Em qualquer situação, esta revisão nunca poderá ultrapassar os 6 meses, contudo, por vezes pode ocorrer antes do prazo definido caso se justifique. Esta pode determinar a cessação da medida, a substituição por outra medida mais adequada e a continuação ou prorrogação da execução da medida (Decreto-Lei nº142/15, de 8 de setembro, art.º62).

Neste sentido, a tentativa de que os períodos de tempo do acolhimento sejam curtos, relaciona-se sobretudo com a definição do projeto de vida da criança imediato, considerando-se sempre o superior interesse da criança.

Contudo, é importante referir que o “processo de institucionalização de uma criança ou jovem pressupõe alguns riscos, que se não forem tidos em consideração,

poderão prejudicar o efeito pretendido como medida de proteção das crianças (Camacho, 2012, p.23).

Assim, de forma a dar uma resposta a esta questão e considerando as particularidades e necessidades de cada criança, nas casas de acolhimento deverá estar integrada uma “equipa técnica constituída de modo pluridisciplinar e que integra obrigatoriamente colaboradores com formação mínima correspondente a licenciaturas nas áreas da psicologia e do trabalho social, sendo definido o director técnico entre estes. A equipa educativa integra preferencialmente colaboradores com formação profissional específica para as funções de acompanhamento socioeducativo das crianças e jovens acolhidos e inerentes à profissão de auxiliar de ação educativa e de cuidados de crianças. Existe ainda a equipa de apoio que inclui obrigatoriamente colaboradores dos serviços gerais” (Lei n.º 142/2015, de 8 de setembro, art.º54).

Sempre que seja necessário, as casas de acolhimento podem recorrer aos serviços e respostas presentes na comunidade, sobretudo nas áreas da Saúde e do Direito.

Por fim, é importante mencionar que o acolhimento residencial é uma realidade em muitas famílias portuguesas, o que tem conduzido a diversos estudos, mudanças legislativas e institucionais e intervenções de diferentes tipos.

2.4 A realidade do Acolhimento de Crianças e Jovens em Portugal

De forma a perceber um pouco melhor como decorre o processo de acolhimento de Crianças e Jovens em Portugal iremos em seguida analisar alguns indicadores importantes do Relatório CASA 2017, um relatório que retrata a Caracterização Anual da Situação de Acolhimento de Crianças e Jovens elaborado pelo Instituto da Segurança Social.

Assim, todos os anos, através deste dito relatório, é efectuada uma descrição das várias crianças e jovens (0 aos 20 anos), através da qual tem vindo a ser destacada uma tendência na redução do número de situações de acolhimento. Ainda assim, no ano de 2017 e na totalidade de 400 casas de acolhimento, envolveu 10.410 crianças e jovens (Figura 1), das quais 7.553 (73%) se encontravam em situação de acolhimento (a 1 de novembro de 2017) e entre estas:

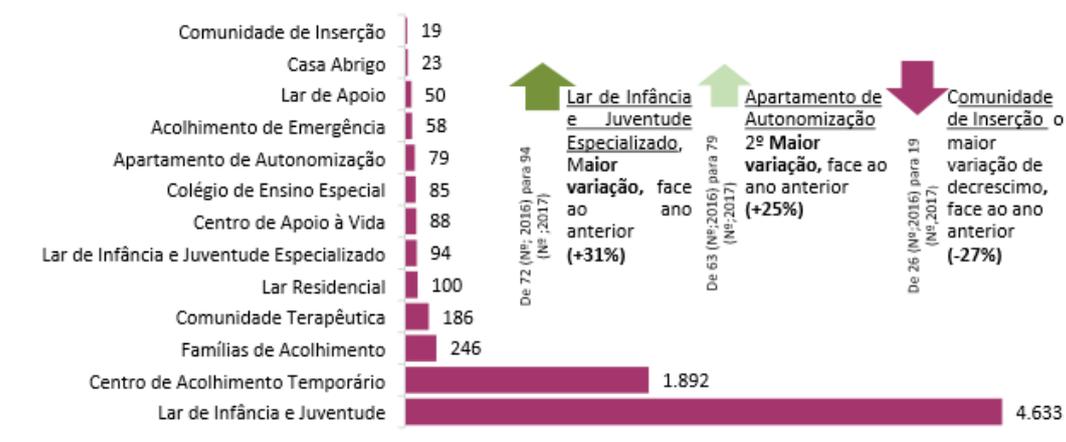
- 5.735 (55%) iniciaram o acolhimento em anos anteriores
- 2.202 (21%) iniciaram o acolhimento no ano em estudo.



Figura 1 - Crianças e jovens em situação de acolhimento caracterizados no ano 2017 (ISS, 2018)

Através do gráfico reproduzido na figura 2, podemos observar que os Lares de Infância e Jovens continuam a ser os locais de acolhimento com maior número de crianças e jovens (4.633; 61%), seguidos, ainda que de longe, pelas Casas de Acolhimento Temporário (1.892; 25%). Desta forma, estas duas respostas de acolhimento generalista garantiram em conjunto o acolhimento da maioria das crianças e jovens (6.525; 87%), evidenciando um maior predomínio relativamente ao número de

Gráfico 8 - Crianças e jovens em situação de acolhimento, por local de acolhimento e principais variações face ao ano anterior (N= 7.553)



total de acolhimentos sendo este de 7.553 crianças e jovens.

Figura 2 - Número de crianças e jovens por local de acolhimento (ISS, 2018)

No que diz respeito ao género e tendo em conta o gráfico 4, permanece uma ligeira predominância de crianças e jovens do sexo masculino: 3.984 (53%), relativamente às do sexo feminino: 3.569 (47%).

Distribuição por género de crianças e jovens em situação de acolhimento

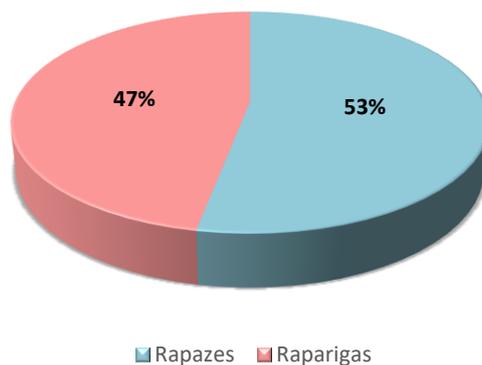


Gráfico 4 - Distribuição por género de crianças e jovens em situação de acolhimento (Adaptado do ISS, 2018)

Também de acordo com anos anteriores, verifica-se uma maior expressão perceptível na população com idade superior a 12 anos em acolhimento (72%; 5.435). Dado que é faixa etária dos 15 aos 17 anos que representa maior peso (36%; 2.735) nas várias respostas de acolhimento. Podemos observar estes dados no gráfico 5.

Distribuição por idades de crianças e jovens em situação de acolhimento

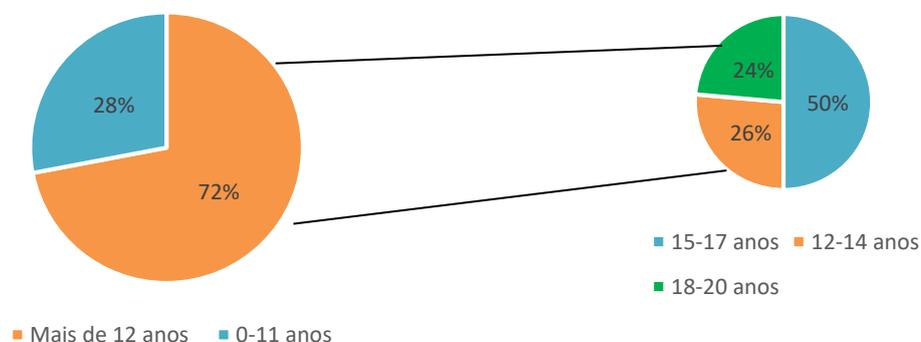


Gráfico 5 - Distribuição por idades de crianças e jovens em situação de acolhimento (ISS, 2018)

Relativamente às características particulares analisadas no relatório CASA 2017, são descritas as seguintes: “problemas de comportamento, toxicod dependência, problemas de saúde mental, debilidade mental, deficiência mental, deficiência física, doença física e consumo esporádico de estupefacientes, suspeita de prostituição, acompanhamento pedopsiquiátrico/ psiquiátrico regular e acompanhamento psicológico regular” (ISS, 2018, p.49).

Assim importa referir das 4.582 crianças e jovens identificados como possuindo alguma das características particulares mencionadas anteriormente, 2.119 (28%) crianças e jovens revelaram problemas de comportamento que variam de intensidade.

As idades onde esta problemática mais se salienta variam dos 15 aos 17 anos, representando 57% (1.204) dos jovens com problemas de comportamento.

Relativamente ao grau de intensidade, 1.546 jovens apresentam problemas comportamentais ligeiros, o que representam 73% da totalidade a quem foram identificadas questões comportamentais.

Quanto ao uso de medicação esta foi administrada por 1.643 crianças e jovens (22%). Todas estas informações estão representadas na figura 3.

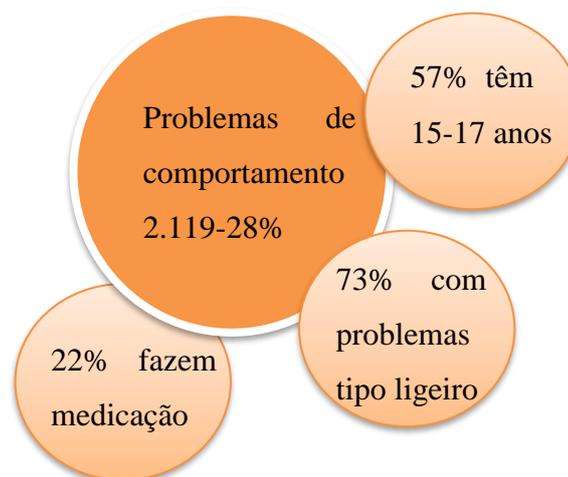


Figura 3 - Distribuição por características particulares de crianças e jovens em situação de acolhimento (ISS, 2018)

No que diz respeito aos motivos que levaram à abertura do processo de promoção e proteção, foram analisadas 17.600 situações de perigo e/ou risco,

considerando-se que para a mesma a criança ou jovem poderão coexistir várias situações de perigo e / ou risco em simultâneo (Figura 4).

Gráfico 41 - Situações de perigo que estiveram na origem da situação de acolhimento (N=17.600)

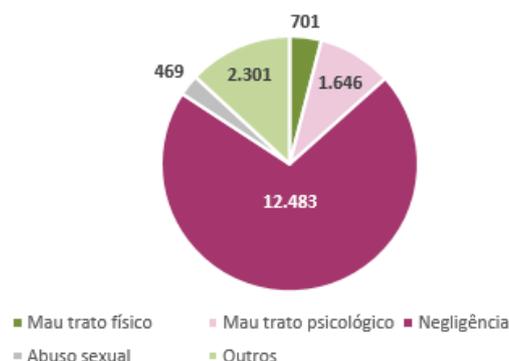


Figura 4 - Situações de perigo na origem da situação de acolhimento (ISS, 2018)

Através do gráfico reproduzido na Figura 4, é claro que das várias formas de perigo, a negligência é aquela que apresenta maior relevância englobando 12.483 (71%) crianças e jovens em situação de acolhimento. De entre os motivos que se encontram relacionados à negligência, destaca-se a “falta de supervisão e acompanhamento familiar, em que a criança é deixada só, entregue a si própria, ou com irmãos igualmente crianças, por largos períodos de tempo, a exposição a modelos parentais desviantes e/ ou a falta de cuidados ao nível da educação e saúde” (ISS,2018,p.76).

No que diz respeito à duração do acolhimento das 6.583 crianças e jovens em acolhimento residencial generalista, podemos verificar no gráfico representado na figura 5) que: há um ano e menos encontram-se em acolhimento 2.852 , entre os dois e os três anos estão 1.446 e em situação de acolhimento com 4 anos ou mais permanecem 2285 crianças e jovens. Sendo que a maioria (57%) encontra-se acolhida há 2 anos ou mais.

Gráfico 58 –Duração do acolhimento residencial generalista das crianças e jovens (N=6.583)

Analisado a duração do acolhimento das 6.583 crianças e jovens em acolhimento generalista *na sua maioria (57%) encontra-se acolhida há 2 e mais anos.*

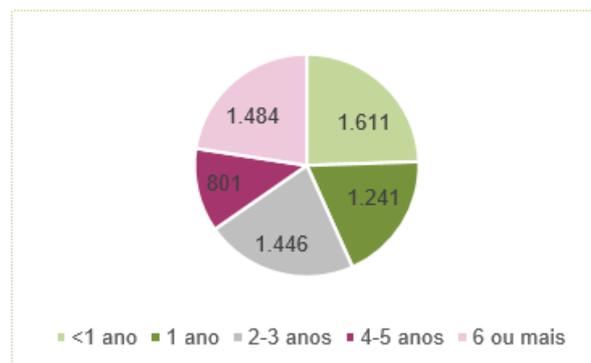


Figura 5 - Duração do acolhimento residencial generalista das crianças e jovens (ISS, 2018)

Em seguida, podemos destacar ainda algumas informações apresentadas no Relatório CASA 2017 e que consideramos importantes relativamente à situação de acolhimento no universo das 7.553 crianças e jovens acolhidos:

- Tal como nos anos anteriores, continua a assinalar-se o predomínio do número de crianças e jovens do sexo masculino, entre os 12 e os 20 anos (72%) com especial incidência do grupo que tem entre 15 e 17 anos (36%).
- Relativamente à escolaridade predomina a frequência de respostas educativas e formativas, creches e educação pré-escolar (91%).
- Existe predomínio das crianças e jovens em casas de acolhimento generalista (87%) e uma fraca expressão do acolhimento familiar (3%).
- A identificação de um padrão de comportamentos disruptivos em 28% das crianças e jovens em situação de acolhimento, em grupos dos 15-17 anos (57%) e dos 12-14 anos (22%).
- Os jovens que necessitam de apoio / acompanhamento psicológico regular (29%) e / ou pedopsiquiátrico (21%) integram o grupo dos 15-17 anos.
- A duração temporal do acolhimento situa-se em média em 3,6 anos no conjunto das respostas de acolhimento.
- Verificou-se um aumento no número de crianças e jovens com projeto de vida definido (92,3%).

- O projeto de vida “ adoção” é o que representa maior expressão no grupo de crianças em situação de acolhimento em crianças com idades dos 0 aos 3 anos (38,3%) e dos 4 e 5 anos (32,4 %).

- Mais de metade (81%) das crianças e jovens que entraram no acolhimento em 2017, ficou acolhida próxima do seu contexto familiar e social de origem.

- A grande maioria das crianças e jovens que cessou o acolhimento apresentava as seguintes características:

- tinha mais de 15 anos;
- era do sexo masculino;
- saiu de Lares de Infância e Juventude;
- concretizou o projeto de vida no seio de uma família, nuclear ou adotiva;
- ficou sujeita a outra medida de promoção e proteção a executar em meio natural de vida ou a outra figura jurídica;
- frequentava respostas educativas e formativas.

O Balanço Sintético Comparativo [2016 -2017] do Relatório CASA 2017 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens (ISS, 2018, p.20) salienta dois factos importantes que revelam as expetativas do próprio sistema de acolhimento na redução das situações de acolhimento:

- Uma diminuição (de 8.175 para 7.553) do número de crianças e jovens a viver em acolhimento;
- Um aumento do número total de crianças e jovens (de 2.513 para 2.857) que cessaram a situação de acolhimento.

Mediante os dados acima apresentados, podemos considerar que em Portugal o número de crianças e jovens presentes no acolhimento ainda é elevado. Porém, considera-se que esta é uma resposta a aplicar como última alternativa, de mesma forma que se trata de uma resposta que garante a proteção e a promoção dos direitos das crianças e dos jovens.

Para terminar, importa salientar que “Portugal começa a dar sinais positivos no caminho da prevenção e / ou redução da institucionalização de crianças e jovens, facto

também visível em 2017, no número dos que iniciaram o acolhimento (menos 8% do que em 2016)” (ISS, 2018, p.135).

2.5 Desenvolvimento Emocional

Neste capítulo iremos abordar alguns aspectos do desenvolvimento emocional, abordando especificamente como este ocorre nas crianças. Consideramos importante abordar este tema, uma vez que a grande maioria das crianças e jovens em acolhimento residencial são geralmente identificados como sendo um grupo de risco relativamente à manifestação de problemas emocionais, comportamentais e/ ou fracas competências pessoais e sociais, que influenciam diretamente o seu bem-estar e a sua integração na comunidade.

Assim, iremos começar por abordar as emoções, a forma como estas são classificadas, os conceitos de inteligência emocional competência emocional e regulação emocional bem como o modo como se processa o desenvolvimento emocional nas crianças nas diversas fases da sua infância.

2.5.1 As emoções

Segundo Goleman (2003) “todas as emoções são, essencialmente, impulsos para agir, planos de instância para enfrentar a vida”. Tal como a própria raiz da palavra emoção indica, *motere*, significa em latim o verbo “mover”, juntando-se o prefixo “-e”, o que resulta na expressão “mover para”, e acaba assim por sugerir que a propensão para agir está implícita em todas as emoções” (p.28).

Assim, sentir uma emoção é considerado como algo natural, pois esta desempenha funções importantes, não só a nível individual bem como a nível social, ou seja, através das relações que se criam com os outros, revelando ser uma componente fundamental ao longo de todo o crescimento do ser humano.

Neste sentido, no interior da nossa bagagem emocional, cada emoção desempenha uma função única, sendo que as emoções mais desagradáveis, como a zanga, o medo ou a tristeza, exercem um papel mais adaptativo, contudo, todas elas são fundamentais para nos sentirmos funcionais. Assim, mais importante do que reprimir as emoções é senti-las e conseguir geri-las de forma adequada.

Segundo Bisquerra (2000, citado por Vale, 2012) ao abordar a classificação das emoções é importante que se considerem alguns elementos, tais como “intensidade, especificidade e temporalidade”. De acordo com a mesma autora, a “intensidade diz respeito à força com que se experiencia uma emoção; a especificidade define a emoção e possibilita atribuir-lhe um rótulo que a distingue das outras; e a temporalidade confere uma dimensão temporal à emoção” (p.19).

Desta forma, podemos identificar as emoções como agradáveis ou desagradáveis, ou seja, como emoções positivas ou negativas. Para além destas, identificamos também as emoções ambíguas, tratando-se de emoções que não são positivas nem negativas, ou que poderão ser ambas, de acordo com a situação. Estas são intituladas por alguns autores de problemáticas ou borderline e/ ou neutras.

Neste sentido, de acordo com Lazarus (1991), podemos agrupar as emoções da seguinte forma:

- **Emoções positivas:** “são o resultado de uma avaliação favorável relativamente ao alcançar de objetivos ou a aproximar-se deles;
- **Emoções negativas:** referem-se a diversas formas de ameaça, frustração ou atraso na concretização de um objetivo ou conflito entre objetivos;
- **Emoções borderline:** representam um estado que pode provocar equívocos;
- **Não emoções:** trata-se de estados indefinidos, que podem conduzir a múltiplas interpretações suscetíveis de gerar confusão” (p.82).

É importante referir que perante esta organização, podemos ainda classificar as emoções como primárias ou básicas, que se exprimem através da expressão facial e emoções secundárias ou sociais, que resultam das emoções básicas e por vezes da combinação entre elas.

As emoções primárias surgem durante a infância e são mais facilmente definíveis, entre as quais se incluem o medo, a zanga, o nojo, a surpresa, a tristeza e a felicidade. As emoções secundárias ou também designadas de sociais são experienciadas mais tarde e dependem de uma aprendizagem que resulta dos relacionamentos sociais que estabelecemos, implicando assim uma avaliação cognitiva das situações. Entre estas destacam-se a simpatia, a compaixão, a vergonha, a culpa, o orgulho, o ciúme, a inveja, a gratidão, etc.,

Contudo, a classificação das emoções varia tendo em conta diferentes autores. Alguns referem como três grandes emoções básicas, a ira, ansiedade e depressão e outros indicam seis, sendo as seguintes: felicidade, tristeza, ira, surpresa, medo e desgosto.

Ainda segundo Izard (1997, citado por Vale, 2012) a teoria diferencial das emoções “propõe onze emoções primárias, cada uma com um efeito diferente no sistema cognitivo, sendo estas: interesse, alegria, satisfação, surpresa, tristeza, raiva, aversão, contentamento, medo, vergonha, timidez” (p. 20).

Todavia, geralmente é referido com mais frequência o número seis de emoções básicas, tendo em conta, que as outras resultam das combinações seguintes ou intensidades possíveis destas seis.

Dentro destas seis emoções básicas identificamos a alegria, tristeza, medo, raiva, o nojo e a surpresa. De forma a compreender cada uma delas iremos em seguida fazer uma pequena descrição de todas.

2.5.2 As emoções básicas

2.5.2.1 Alegria

De acordo Freitas-Magalhães (2007) “a emoção alegria é uma das emoções básicas mais fáceis de reconhecer e está relacionada com o bem-estar e os sentimentos positivos, proporcionando boas sensações a quem a experiencia” e permitindo assim, ultrapassar os medos e explorar o mundo (p.180).

Esta emoção é considerada como a mais positiva e relaciona-se com aspetos psicológicos, como “a sensação de confiança e contentamento, a felicidade, o bem-estar, o otimismo e a sensação de poder ser amado” (Correia, 2014, p.65). Assim as suas características são o prazer, a diversão, a satisfação, a euforia e o êxtase (Freitas-Magalhães, 2007, p.180).

Neste sentido, considera-se que esta emoção é motivada por situações que implicam a satisfação de necessidades básicas, o sucesso em determinadas tarefas, ou a realização de certos desejos pessoais, sendo por isso propiciada por um motivo que revela prazer e que se reflete na autoestima da pessoa, originando assim uma sensação de alívio, animação e interesse.

Ainda segundo Darwin (1872/2006 citado por Vale, 2012), “o sorriso é a expressão genuína da alegria, sendo considerado como uma resposta inata e tradutora desta emoção” (p.64).

2.5.2.2 Tristeza

A tristeza é uma emoção que surge devido a momentos de separação, perda, decepção ou fracasso. Pelo facto de ser algo negativo, o individuo geralmente comporta-se de modo a conseguir controlar as circunstâncias que revelem mal-estar, de modo a evitar que estas voltem a acontecer. Assim, trata-se de momentos em que a pessoa se sente geralmente nostálgica, angustiada, melancólica, desanimada, magoada, desconsolada, desesperada, etc.,

Segundo Freitas-Magalhães (2007), “as reações psicofisiológicas da tristeza determinam-se pela redução dos mecanismos que levam ao entusiasmo, convívio, diversão e atividades de prazer”(p.177).

Por vezes, a tristeza resulta num humor triste e gera novas emoções tristes sempre que a pessoa se relembra de uma perda que viveu. Podemos assim, destacar alguns tipos de perda que causam tristeza, entre eles, “o desprezo de um amigo, a carência de autoestima pelo insucesso de algo, a perda de admiração por parte do outro, a falta de saúde e também a perda de objetos considerados de grande valor para a pessoa” (Freitas- Magalhães, 2007).

Esta emoção pode também surgir mediante a reação a um episódio real negativo para o individuo, ou então resultar num estado emocional que já perdura há mais tempo. O que demonstra que um período de tempo duradouro de tristeza, em muitas situações oculta poderá dar origem a um estado depressivo e a uma baixa autoestima.

Assim, muitas vezes quando nos sentimos tristes, existem alguns sinais indicadores da tristeza, nomeadamente, quando pronunciamos expressões como: “Estou em baixo”, “Só me apetece chorar”, “Hoje não me sinto bem”, “Já nem consigo rir”.

Porém, há determinadas pistas que podemos observar numa pessoa quando esta se sente triste, sobretudo, o andar com os ombros arqueados e com o olhar e a boca descaídos.

Também certos comportamentos como chorar, soluçar ou suspirar de tristeza é algo natural que acontece quando uma pessoa está triste, e que permite que esta manifeste e muitas vezes domine a emoção que vivencia. Contudo, deverá existir um

autocontrolo ao exprimir a tristeza atendendo à existência de outras emoções. Assim, em muitas circunstâncias onde a alegria é fracassada, surge de imediato uma raiva imponente que logo em seguida é substituída pela tristeza.

2.5.2.3 Medo

De acordo com Freitas-Magalhães (2007) “o medo é um estado interno do individuo, pois este sente que há perigo, logo sente medo. É uma emoção associada ao perigo, que pode ser extremamente breve, mas também pode durar um longo período de tempo” (p.187). Ou seja, trata-se de uma emoção que nos leva a permanecer atentos para não corrermos perigo de vida e por isso constitui-se como uma resposta adaptativa face ao perigo.

Desta forma, alguns dos aspetos que se vivenciam num momento de medo são ansiedade, apreensão, nervosismo, preocupação, susto, cautela, inquietação, pavor, terror, etc, (Freitas-Magalhães,2007, p.187).

Esta emoção, muitas vezes, surge perante situações que provocam admiração e que despertam um alerta imediato dos sentidos da visão e audição.

Assim, o medo é considerado uma emoção negativa e muito subversiva, com um grande impacto fisiológico, que leva a pessoa a reagir e a encarar os perigos para ela mesma se proteger (Correia, 2014, p.69). Desta forma, quando sentimos qualquer tipo de medo e temos consciência do mesmo, torna-se difícil pensar em qualquer outra coisa, tendo em conta que estamos apenas centrados na “ameaça”.

Ainda segundo Freitas-Magalhães (2007) “a intensidade do medo depende se a ameaça é imediata ou está pendente. Uma das respostas ao medo é a cólera sobre o objeto que nos ameaça de modo que podemos alternar a reação de medo com a da cólera tão rapidamente que as emoções se confundem e ao mesmo tempo ficar zangados conosco” (p.188).

Em situações mais extremas, alguns medos poderão desencadear fobias, pois o individuo não consegue enfrentar a base do medo, ou então, quando isso acontece, afeta-o intensamente.

2.5.2.4 Raiva

Uma outra emoção básica é a raiva, nesta prevalece a irritação, vista como um sentimento espontâneo quando uma pessoa se julga vítima numa circunstância reconhecida como injusta para si, quando se sente desrespeitada e/ ou quando agem com desonestidade para consigo. Isto é, revela-se como uma resposta natural nas situações que ameaçam ou ofendem a integridade ou liberdade de uma pessoa.

Esta emoção incita a pessoa a exercer movimentos violentos de ataque ou de defesa, ativando a sua força corporal, o que leva a pessoa a ultrapassar os obstáculos em situações consideradas como perigosas para a sua vida, representando esta emoção uma defesa natural.

Assim, geralmente nos momentos de raiva a pessoa sente fúria, indignação, desconforto e incómodo, ódio, ressentimento, etc.,

Esta emoção é vista como destrutiva, pois incentiva a posições de revolta no individuo, perante algo que é reconhecido por si como correto e justo e lhe é negado, atraído ou ignorado. Desta forma, a raiva surge quando algo aborrece uma pessoa, e assim, existe a necessidade, sobretudo descontrolada de compensar a frustração, exteriorizando a sua tensão.

2.5.2.5 Surpresa

A surpresa é uma emoção que apresenta características ambíguas, pois embora seja de fácil reconhecimento, é difícil descrever como é sentida, uma vez que é imediata e inesperada, tendo por isso um reduzido período de duração.

Esta normalmente é descrita como sendo uma emoção agradável, provocando encantamento e alívio, porém, também poderá em muitos casos originar medo, cólera ou aversão, e nestas circunstâncias desagradáveis poderá ser substituída pelo medo. Sendo que em muitas situações também poderá acontecer que não desperte mais nenhuma outra emoção.

Neste sentido, e de acordo com Correia (2014), mencionamos algumas características relacionadas com esta emoção, tais como: “o espanto, a perplexidade, a admiração e o sobressalto” (p.71). Isto é, trata-se de uma reação que é provocada por algo que a pessoa não estava à espera, alguma coisa inédita ou estranha.

Geralmente, quando somos surpreendidos, tornamo-nos mais atentos e ganhamos mais interesse e curiosidade.

Assim, após momentos de surpresa, surge uma outra emoção influenciada pela qualidade do estímulo repentino, que no caso de ser positivo suscita alegria na pessoa, ou pelo contrário quando é negativo provoca na pessoa raiva, medo, tristeza perante a situação que a pessoa está a vivenciar.

2.5.2.6 Nojo

Por fim, a última emoção básica é o nojo, que se caracteriza por “uma sensação de repulsa ou de evitar algo diante da possibilidade, real ou imaginária, de ingerir uma substância nociva, que tenha propriedades contaminantes, provocando assim um grande desagrado.

O nojo é talvez a emoção básica conhecida há mais tempo, devido aos trabalhos de Darwin ligados à emoção animal.

Esta emoção é evidentemente considerada como uma emoção negativa pois, surge em circunstâncias desagradáveis e aversivas, causando na pessoa uma sensação desagradável tanto fisicamente como psicologicamente. Assim, poderá ser despertada através da observação de matéria decomposta ou circunstâncias, que revelem, no domínio do pensamento abstrato, uma degradação dos valores sociais estimados, sendo que “não só os gostos, cheiros, etc., podem provocar nojo, mas também ações e ideias” (Arruda, 2015, p.19).

Relativamente às componentes das emoções, diversos autores afirmam que estas integram, especificamente uma dimensão neuronal e psicofisiológica, uma componente expressiva e outra ligada à experiência da pessoa (Melo & Soares, 2006, p.42). Saarni (1999) apoiando-se nos trabalhos Lewis e Michalson menciona e descreve cinco componentes importantes das emoções. Refere assim por um lado os indícios que antecedem à experiência de uma emoção, designando-os de desencadeadores emocionais e assinalando assim o papel importante do processo de socialização das emoções, neste domínio, mas também no contexto característico onde as emoções são desencadeadas; e por outro lado, menciona todas as composições de componente biológica (Melo & Soares, 2006, p.42).

Segundo a mesma autora é através duas primeiras componentes, os desencadeadores e os recetores emocionais, que surgem as alterações corporais e neurofisiológicas que explicam os estados emocionais, o que irá resultar na experiência emocional do individuo, tratando-se esta de uma terceira componente mais relacionada com a linguagem e o desenvolvimento cognitivo da pessoa.

Por fim, a última componente é relativa à expressão e aos diferentes modos de expressão emocional, sendo influenciada pelos processos de socialização e pelas normas assimiladas pela pessoa.

Neste sentido, segundo Melo e Soares (2006) podemos considerar que as emoções podem ainda ser definidas como um processo, constituindo-se como “constelações de mudanças na atividade somática e/ou neurofisiológica” ou estados que preparam o individuo para a ação. A emoção está, por definição, estreitamente interligada com os processos regulatórios na medida em que permitem modular a natureza da relação que o individuo estabelece com o que o rodeia” (p.42).

2.5.3 Inteligência emocional

O conceito de inteligência emocional surge pela primeira vez em 1990 sendo proposto pelos autores Salovey e Mayer, contudo, este só ficou mais conhecido através de Goleman no ano de 1995, passando exclusivamente de uma área científica para o domínio publico e por isso, possibilitando aceder a várias publicações acerca deste tema.

De acordo com Goleman (2003) podemos referir que a inteligência emocional é a “capacidade de a pessoa se motivar a si mesma e persistir a despeito das frustrações; de controlar os impulsos e adiar a recompensa; de regular o seu próprio estado de espírito e impedir que o desânimo subjuga a faculdade de pensar; de sentir empatia e de ter esperança”(p.54). Assim, é possível compreender que a inteligência emocional representa a capacidade de identificar e reconhecer as diferentes emoções e sentimentos e ser capaz de geri-los corretamente.

Contudo, isto não é uma tarefa fácil e, embora algumas pessoas adquiram esta capacidade na sua infância, a maioria vai aprendendo ao longo da vida a lidar com todas as emoções vividas no dia a dia.

Assim, para que possamos desenvolver esta habilidade é importante primeiramente que consigamos identificar as emoções em nós próprios e só depois nos

outros. Em seguida é fundamental aprender a controlar as nossas emoções, compreender o que está a acontecer, o que pensamos acerca disso e quais os motivos que nos levam a sentir determinada emoção para que saibamos controlá-la. Daí ser muito importante sabermos expressar e orientar as nossas emoções para criar relações positivas com as outras pessoas, sabendo controlar os nossos impulsos e a confiar nas nossas emoções.

Neste sentido, pessoas que possuem aptidões emocionais bem desenvolvidas, são pessoas que conhecem e conseguem controlar os seus próprios sentimentos, sabendo igualmente reconhecer e lidar eficazmente com os sentimentos dos outros e revelando-se pessoas mais satisfeitas e competentes ao longo da sua vida.

Os autores Salovey e Lopes (2003) mencionam que a inteligência emocional é semelhante a uma das múltiplas inteligências que foram determinadas por Howard Gardner no ano de 1983.

Goleman (2003), refere que Gardner é um dos estudiosos mais prestigiados no estudo da inteligência, pois, apresenta um vasto espectro de inteligências fundamentais para que a pessoa obtenha sucesso na sua vida. Desta forma, a inteligência múltipla, apresentada por Gardner (1983), encontra-se organizada numa lista que inclui sete inteligências. Entre estas destacam-se não só as habilidades verbais e matemáticas, como também as inteligências pessoais (p.59).

Neste sentido, importa salientar que Gardner (1983) descreve as inteligências pessoais, distinguindo entre a inteligência interpessoal que o autor define como “a capacidade de discernir e responder adequadamente aos estados de espírito, temperamento, motivações e desejos de outras pessoas; e a inteligência intrapessoal, que explica como “o acesso aos nossos próprios sentimentos e a capacidade de distinguir entre eles e de neles nos basearmos para guiar a nossa conduta” (Goleman, 2003, p.60).

Mais tarde, Salovey redefiniu as inteligências pessoais de Gardner na sua definição de inteligência emocional, distribuindo-as capacidades por cinco domínios principais:

- *“Conhecer as nossas próprias emoções.* A autoconsciência- o reconhecer um sentimento enquanto ele está a acontecer- é a pedra- base da inteligência emocional. Ser capaz de controlar momento a momento as sensações é crucial para a introspeção psicológica e o autoconhecimento. A incapacidade de reconhecer as nossas próprias sensações deixa-nos à mercê delas. As pessoas que têm uma certeza maior a respeito dos seus sentimentos governam melhor as suas

vidas, tendo uma noção mais segura daquilo que realmente sentem a respeito das decisões que são obrigadas a tomar.

- *Gerir as emoções.* Lidar com as sensações de modo apropriado é uma capacidade que nasce do autoconhecimento. É importante que nos tranquilizemos a nós mesmos, afastando a ansiedade, a tristeza ou a irritabilidade. As pessoas a quem falta esta capacidade estão constantemente em luta com sensações de angústia, enquanto aquelas que a possuem em alto grau recuperam muito mais depressa dos tombos que a vida nos obriga a dar.

- *Motivarmo-nos a nós mesmos.* Mobilizar as emoções ao serviço de um objetivo é essencial para concentrar a atenção, para a automotivação, para a competência e para a criatividade. O autocontrolo emocional- adiar a recompensa e dominar a impulsividade- está subjacente a todo o tipo de realizações. E ser capaz de entrar em estado de “fluidez” permite desempenhos de grande qualidade em todas as áreas. As pessoas que possuem esta aptidão tendem a ser mais altamente produtivas e eficazes em tudo o que fazem.

- *Reconhecer as emoções dos outros.* A empatia, outra capacidade que nasce da autoconsciência, é a mais fundamental das aptidões pessoais. As pessoas empáticas são mais sensíveis aos subtis sinais sociais que indicam aquilo que os outros necessitam ou desejam.

- *Gerir relacionamentos.* A arte de nos relacionarmos é, em grande medida, a aptidão para gerir as emoções dos outros. A competência e incompetência social e as aptidões específicas envolvidas estão na base da popularidade, da liderança e da eficácia interpessoal. As pessoas que possuem bem desenvolvida esta capacidade saem-se bem em tudo o que tenha a ver com interação com terceiros (Goleman, 2003, pp.63-64).

Todavia, como é evidente, as pessoas diferem nas suas capacidades em cada um destes domínios. Algumas serão mais eficazes em controlar a sua ansiedade, no entanto poderão ter dificuldades em acalmar as perturbações das outras pessoas. Contudo, estas falhas ao nível das aptidões emocionais podem ser trabalhadas, uma vez que cada “um destes domínios representa um conjunto de hábitos e repostas que, com o esforço adequado podem ser aperfeiçoados” (Goleman, 2003, p.64).

Ainda de acordo com Goleman (2003), os “ingredientes” da inteligência emocional são os seguintes:

- **Autoconsciência:** reconhecer os sentimentos e construir um vocabulário para eles, e ver as ligações entre pensamentos, sentimentos e reações; saber se são os sentimentos ou os pensamentos que estão a determinar uma decisão; ver as consequências de opções alternativas; aplicar estes conhecimentos às decisões que se tomam a respeito de questões como drogas, etc., A autoconsciência reveste também a forma de reconhecer os nossos pontos fortes e fracos, e vermo-nos a uma luz positiva mas realista.

- **Gestão das emoções:** compreender o que está por detrás de um sentimento, e aprender maneiras de lidar com a ansiedade, a fúria e a tristeza. Também o assumir a responsabilidade pelas próprias decisões e ações e levar os compromissos até ao fim.

- **Empatia:** compreender os sentimentos dos outros, ver as coisas da sua perspectiva, respeitar as diferenças no modo como as pessoas sentem a respeito disto ou daquilo. O relacionamento é um dos aspetos aprofundados, incluindo aprender a ser um bom ouvinte e um bom fazedor de perguntas; distinguir entre aquilo que alguém diz ou faz e as nossas próprias reações e juízos; ser franco e aberto em vez de agressivo ou passivo; e aprender as artes de cooperação, de resolução de conflitos, de negociar compromissos” (p.290).

Todavia, existem algumas pessoas que não conseguem desenvolver totalmente a sua inteligência emocional e por isso, não conseguem de todo exprimir os seus sentimentos. Na verdade, “parecem não ter sentimentos, embora isto possa dever-se ao facto de serem incapazes de exprimir uma emoção e não a uma ausência de emoções propriamente ditas. Estas pessoas são chamadas de “ alexitímicos” e caracterizam-se como tendo dificuldade em descrever tanto os seus sentimentos como os das outras pessoas, por possuir um vocabulário emocional muito limitado, por serem incapazes de discriminar emoções e distingui-las das sensações corporais, de modo que podem falar de sentir borboletas no estômago, palpitações, suores sem saberem que estão a sentir-se ansiosos” (Goleman, 2003, pp.70-71).

Os alexitímicos sentem-se confusos relativamente aos seus próprios sentimentos e ficam de igual forma baralhados quando as outras pessoas lhes falam dos seus. Assim, esta inaptidão para interpretar os sentimentos das outras pessoas revela que existe um

grande déficit ao nível da inteligência emocional, que terá profundo impacto em outras áreas da vida.

Uma vez que, ocasionalmente as emoções das pessoas são expressidas em palavras, um aspeto importante para compreender os sentimentos dos outros é a capacidade de interpretar os sinais não verbais como o tom da voz, o gesto, a expressão facial, etc transmitidos por outras pessoas,

Desta forma, consideramos que estas pessoas são muito incapacitadas nesta habilidade da inteligência emocional que é a autoconsciência. Sendo que esta se trata da capacidade de identificarmos “o que sentimos no momento em que as emoções se agitam dentro de nós” (Goleman, 2003, p.71).

Podemos então assumir que as nossas emoções influenciam de forma positiva ou negativa a nossa capacidade de pensar e definem realmente os limites da nossa habilidade para usar as nossas aptidões mentais inatas e, portanto, acabarão por ter um grande impacto na nossa vida. Goleman (2003) afirma que “é na medida em que somos motivados por sentimentos de entusiasmo ou de prazer naquilo que fazemos, ou até por um ótimo grau de ansiedade que nos propuliona para a realização dos nossos objetivos, que a inteligência emocional é uma aptidão-mestra, uma capacidade que afeta profundamente todas as outras faculdades, quer facilitando-as, quer interferindo com elas” (p.101).

Desta forma, quanto mais à vontade estivermos em relação às nossas próprias emoções, mais aptos estaremos para compreender e interpretar os sentimentos dos outros.

Esta aptidão designa-se de empatia e segundo Goleman, (2003) requer “calma e recetividade necessárias para que os subtis sinais de sentimentos de outra pessoa possam ser recebidos e imitados pelo nosso próprio cérebro emocional” (p.125). Esta aptidão de afeto empático, implica que nos coloquemos no lugar do outro, o que nos leva a guiar-nos por determinados princípios morais. (p.126).

É ainda importante destacar que “toda a emoção forte tem na sua origem um impulso para agir e gerir esses impulsos é a base da inteligência emocional” (Goleman, 2003, p.165).

Ainda de acordo com Goleman (2003), é fundamental que consigamos direcionar as emoções para um objetivo produtivo, tratando-se de uma capacidade necessária, sobretudo para “ controlar um impulso e adiar a recompensa, regular os nossos estados de espírito de modo a facilitarem o pensamento em vez de o impedirem,

motivar-nos a nós mesmos para insistir e tentar mais uma vez face aos desaires, ou descobrir meios de entrar em fluxo para obter um melhor desempenho, tudo testemunha o poder da emoção para guiar o esforço eficaz” (p.116).

Neste sentido, é muito importante que desde a nossa infância e sobretudo ao longo da nossa vida consigamos desenvolver e melhorar a nossa competência emocional, para que consigamos sobretudo exprimir corretamente as nossas emoções.

2.5.4 Competência emocional

De acordo com Gross (1998, citado por Melo & Soares, 2006), a competência emocional define-se como “a capacidade de saber como usar as emoções para uma vantagem plena”. Também Saarni (s/d citado por Melo & Soares) descreve a competência emocional como o facto “de emergirmos de um encontro despoletador de emoções com a sensação de termos conseguido o que nos tínhamos proposto fazer”, o que parece relacionar-se com a evolução de todas as componentes das emoções (p.45).

Dentro das competências emocionais podemos incluir a autoconsciência, isto é, a “capacidade de identificar, expressar e gerir os sentimentos, o controlo de impulsos e o adiamento da recompensa e o lidar com o stress e a ansiedade”. Assim, de modo a controlar os impulsos para agir é essencial em primeiro lugar indicar ações alternativas tal como as consequências e só posteriormente, agir. Aqui é importante “adquirir algumas competências interpessoais, como saber interpretar indicações sociais e emocionais, ouvir e conseguir resistir a influências negativas, saber analisar as coisas da perspectiva da outra pessoa e entender que comportamentos são aceitáveis em determinada situação” (Goleman, 2003, p.282).

Saarni (1999) refere que competência emocional revela êxito pessoal nos relacionamentos sociais que envolvem as emoções.

A competência emocional surge como “uma expressão extensa e abrangente, incluindo vários “ processos contributivos dos quais Saarni (1999 citado por Vale,2012) evidencia três: “o ego, a disposição moral e a história evolutiva”. Sendo estes “elementos complexos e que se situam-se num plano temporal e cultural” (p.31).

Relativamente ao ego, importa destacar que as interações entre os indivíduos e os seus contextos sociais e físicos próximos, proporcionam uma interpretação acerca como as diferenças individuais atuam em várias situações, uma vez que, em circunstâncias sociais semelhantes duas pessoas poderam reagir de forma diferente.

Neste sentido, a competência emocional relaciona-se com a “forma como e quando um EU multifacetado experimenta a autoeficácia em situações específicas” (Saarni, 2000, citado por Vale, 2012 p.32).

Daqui resulta uma abordagem socio construtivista, que revela que a competência emocional, tem origem numa construção individualizada da pessoa e é influenciada pela exposição a vários contextos sociais e culturais, pelo funcionamento intelectual e pela observação de outras pessoas, possibilitando à pessoa modificar os contextos mediante a sua interação com eles.

Em relação à história evolutiva, esta relaciona-se com o facto de “aprendemos a atribuir um significado à nossa experiência emocional que está sempre dependente do contexto, da nossa imersão social e das nossas capacidades cognitivas” (Saarni, 2000, citado por Vale, 2012, p.32). Assim, importa salientar que este elemento é único e integra os conceitos que atribuímos à nossa experiência emocional, que se encontra influenciada pelos significados que concedemos aos contextos, de acordo com os padrões e princípios que vão de encontro aos papéis que exercemos.

Por fim, o terceiro elemento que favorece a competência emocional é o papel da disposição moral. Aqui podemos salientar “conceitos como simpatia, autocontrolo, justiça e senso de obrigação” (Saarni, 2000, citado por Vale, 2012, p.32). Assim, quando a vida é vivenciada em conformidade com o senso ou disposição moral, traduzindo-se na competência emocional, verificamos que se trata de uma vida que se caracteriza pela integridade pessoal.

De acordo Saarni (2000 citado por Vale, 2012) os autores Walker e Henning mencionam que “o compromisso moral e a integridade pessoal são inseparáveis da experiência social e emocional do sujeito” (p.32).

Neste sentido, uma vida equilibrada, descrita pela integridade pessoal, retrata uma competência emocional amadurecida.

Compreendemos assim, que as competências emocionais são importantes para que uma pessoa seja bem sucedida ao transmitir as suas ideias, objetivos e intenções no dia a dia.

Importa referir também que a aptidão para exprimir corretamente as emoções é fundamental para que as pessoas consigam interagir entre elas, ou seja, a competência emocional é importante para fortalecer a interação e as relações sociais que se criam entre as pessoas.

Porém, é importante referir que apesar de a competência emocional ser considerada sob uma perspectiva da experiência pessoal, na verdade esta é também experienciada na interação com os outros.

Quando o sucesso pessoal é aplicado nos relacionamentos sociais, o sujeito pode, ao mesmo tempo que reage emocionalmente, investir nos seus conhecimentos e na sua interpretação acerca das emoções.

Importa salientar algumas capacidades importantes a desenvolver relacionadas com a competência emocional. Uma delas é ter “consciência do estado emocional mesmo que esse estado tenha múltiplas emoções (Saarni, 1999 citado por Vale, 2012, p.34). Ou seja, é fundamental compreender o que se sente numa certa situação, bem como o modo como uma pessoa se sente, o que pode representar algumas pistas para que saibamos como atuar, encontrando diferentes soluções para agir.

Outra capacidade importante é o ser capaz de diferenciar as emoções alheias com o apoio em expressões que revelem consenso cultural relativamente ao significado das emoções. Isto é, perceber o que os outros sentem, leva-nos a ter consciência do que nós mesmos sentimos.

A quarta aptidão é a capacidade para “um envolvimento de empatia e de compreensão nas experiências emocionais alheias”. Tendo em conta que são destacados na empatia dois elementos, sendo estes, uma reação emocional face aos outros, que se constrói nos primeiros seis anos de vida, e uma reação cognitiva em que a criança é capaz de perceber o ponto de vista ou a perspectiva do outro” (Saarni 1999, citado por Vale, 2012, p.34).

É sobretudo durante a infância que se adquirem as algumas competências sócioemocionais muito importantes durante toda a vida e que manifestam em empatia, regulação emocional, resolução de problemas.

2.5.5 Regulação emocional

Relativamente ao processo da regulação emocional, é importante que inicialmente a pessoa compreenda o que são as emoções, sendo capazes identifica-las nela própria e nos outros, para que posteriormente saiba controlá-las e expressá-las de forma adequada.

Os autores Eisenberg e Spinrad (2004, citados por Melo & Soares, 2006) definem a regulação emocional como o “processo de iniciar, evitar, inibir, manter ou

modular a ocorrência, forma, intensidade ou duração de estados de sentimentos internos, fisiológicos, relacionados com emoções, processos atencionais e/ ou concomitantes comportamentais das emoções ao serviço de uma adaptação social ou biológica relacionada com o afeto ou o atingir objetivos individuais” (pp.42-43).

Assim, podemos mencionar que a regulação emocional facilita o ajuste da pessoa aos seus contextos próximos, quer através da preparação, manutenção ou modulação, mas também da diminuição das emoções positivas e negativas, o que envolve a alteração das “componentes experienciais e comportamentais, mas também nas manifestações fisiológicas das mesmas” (Melo & Soares, 2006, p.43).

Neste sentido, para que a regulação emocional ocorra é importante saber aplicar algumas estratégias, integrando desde “as mais básicas, que são biologicamente delineadas e características da espécie humana até mesmo à utilização de estratégias cognitivas e a processos mais elaborados que envolvem a modificação de estratégias de planeamento e utilização de distintos recursos de *coping*³”. (Melo & Soares, 2006, p.43). Segundo Reverendo (2011), os autores, Saarni, Mumme e Campos (1998) assinalam neste processo a importância das circunstâncias contextuais e relacionais e a sua função reguladora das emoções assinalando, não só a função de regulação como um incentivo a um ajustado funcionamento social e também como um possível regulador das relações.

Considera-se ainda que as distintas componentes das emoções (fisiológica, expressiva e experiência subjetiva) precisam igualmente de regulação, sendo este um “processo facilitado por outras variáveis como a atenção e outras dimensões do temperamento” (Melo & Soares, 2006, p.43).

Relativamente ao processo de regulação emocional, podemos mencionar que de acordo com o Modelo de regulação emocional apresentado por Denham (1998), estão integrados na regulação emocional os componentes emocionais, cognitivos e comportamentais. A dimensão emocional é enfatizada pelo auto-acalmar do ativar fisiológico. A dimensão cognitiva integra o recentrar da atenção e o raciocínio da resolução de problemas. A dimensão comportamental engloba a mudança da expressão, pensamentos ou comportamentos associados com a experiência emocional, assim como

³ Conjunto de estratégias às quais o indivíduo recorre para fazer frente a uma solicitação externa (do ambiente) ou interna (do próprio indivíduo) avaliada como constrangedora. Várias pesquisas identificam duas categorias de estratégias de coping básicas: centradas na resolução do problema e as orientadas para a regulação da emoção.

o ser capaz de organizar-se para coordenar a ação direcionando-a para atingir o objetivo individual.

O primeiro componente da regulação emocional é evidentemente emocional. Ao mesmo tempo que a pessoa começa a considerar a emoção sensorial e a relacionar a natureza do seu funcionamento sensorial, provavelmente consegue compreender aspetos das suas próprias emoções, de forma pouco clara. As pessoas entendem o quão forte é vivenciar uma emoção, o quão imediato se podem tomar e quando e como é que estas aumentam.

O segundo elemento é o aspeto cognitivo/ perceptivo. Segundo este depois de a pessoa ter sentido e controlado uma emoção pode guiar a situação, mediante dimensões perceptivas e cognitivas. O que inclui meios internos ou externos que possibilitem reorganizar a atenção de acordo com a intensidade da emoção, bem como da apreciação ao evento emocional.

O terceiro elemento identificado no modelo diz respeito às estratégias para responder diretamente com a emoção que foi sentida e interpretada e, consequentemente, com as suas razões e consequências.

Ainda, segundo Thompson (1994 citado por Vale, 2012), “a regulação emocional envolve processos intrínsecos e extrínsecos responsáveis pela monitorização, avaliação e modificação das reações emocionais, especialmente a sua intensidade e temporalidade, de forma a alcançar os objetivos pessoais. Neste sentido, a regulação emocional adaptativa não se refere à eliminação de certas emoções, mas à modulação da experiência emocional” (p.115).

Gratz e Roemer (2004) apresentam uma definição multidimensional, onde a “regulação emocional envolve, para além da modulação da ativação emocional, a consciência, a compreensão e aceitação das emoções, bem como, a aptidão no controlo dos comportamentos impulsivos e o uso de estratégias de regulação emocional apropriadas e flexíveis” (p.41). Ainda segundo estes autores, a falta de algumas destas capacidades ou mesmo de todas poderá ser um indicador de dificuldades de regulação emocional ou de desregulação emocional.

2.5.6 Desenvolvimento emocional nas crianças

Após compreendermos um pouco acerca do que são as emoções e como são desenvolvidos os processos da inteligência emocional e regulação emocional, bem

como, o modo como as pessoas poderão desenvolver a sua competência emocional, iremos agora compreender como se processa o desenvolvimento emocional nas crianças de acordo com as diferentes etapas da sua infância.

Segundo Jones, Gebelt e Stapley (1999 citado por Vale, 2012) o desenvolvimento emocional integra três etapas. A primeira intitula-se de “aquisição” e é formada por três aspetos: “afeto reflexivo, temperamento e aquisição dos rótulos para as categorias emocionais” (p.24). A segunda etapa é designa-se de “refinamento”, ou que significa, que ao mesmo tempo que as crianças vão “amadurecendo, ocorrem refinamentos na forma de manifestação e de descodificação das emoções (p.25).

Por último, a última etapa é chamada de “transformação” e esta depende das alterações, incluindo dois processos distintos. Assim, um determinado estado emocional irá “influenciar os processos de pensar, agir ou aprender nesse estado, o que leva a dizer que diferentes estados emocionais podem estimular diferentes modos de processar a informação” (p.25).

Assim, é possível verificar que “cada uma das competências-chave que a inteligência emocional engloba, se desenvolve em determinados períodos críticos que se prolongam ao longo de vários anos durante a infância, uma vez que, cada um destes períodos proporciona à criança a oportunidade de adquirir hábitos emocionais positivos” (Goleman, 2003, p.249).

Desta forma, podemos afirmar que as emoções se desenvolvem ao longo de todo o processo de crescimento e que cada uma desempenha uma função diferente no desenvolvimento da criança, revelando benefícios na adaptação da criança aos diversos contextos.

Neste, o medo irá facilitar a regulação de ações impulsivas, a vergonha contribuir para um ajustamento social, o prazer proporcionar estabelecer e conservar relações interpessoais favoráveis, a culpa estimula o sentido de responsabilidade e de saber exprimir corretamente o comportamento empático e por fim, a raiva propicia a mobilização de estratégias de confronto” .

Assim, é importante mencionar que uma estratégia importante para que as crianças sejam capazes de expressar os seus sentimentos e emoções por palavras é através da leitura e exploração de histórias, sendo que, estas geralmente retratam as emoções que elas próprias sentem. Aqui os adultos também desempenham um papel fundamental, ao instruir e ajudar a criança a pensar e refletir acerca das suas emoções, para que entendam como esta se sente e o que pensa em relação ao que os outros

sentem. Uma outra lição emocional importante, aprendida na primeira infância e depois aperfeiçoada ao longo dos anos é o acalmarmos-nos a nós próprios nos momentos mais perturbadores (Goleman, 2003, p.248).

Assim, quando falarmos de emoção e desenvolvimento emocional requer inevitavelmente que falemos também de regulação emocional (Melo & Soares, 2006, p.42).

Contudo, a destreza de nos acalmarmos a nós próprios e de sermos capazes de nos autorregularmos emocionalmente vai sendo aprendida ao longo dos anos, através de “novos meios, e à medida que a maturação do cérebro proporciona à criança ferramentas emocionais progressivamente mais sofisticadas” (Goleman, 2003, p.249).

Da mesma forma que o processo emocional em si mesmo, sofre alterações mediante a experiência e o conhecimento adquirido pela pessoa, sendo que o contexto e o significado atribuído à emoção resultam da sua construção individual.

Os autores Campos, Frankel e Camras (2004, citado por Melo & Soares, 2006) propõem uma abordagem epigenética no desenvolvimento da emoção e da regulação emocional, mencionando que “as conquistas desenvolvimentais de uma fase particular da vida do indivíduo vão facilitar ou dificultar as próximas”. Para estes autores, “o desenvolvimento emocional é influenciado pelas mudanças que ocorrem noutras áreas, como a motora ou linguística e cognitiva, ao mesmo tempo que se constitui fonte de influência, por exemplo, para o desenvolvimento social e a construção de relações” (p.44).

Outros autores como Dunn e Brown (1994, citado por Melo & Soares, 2006) declaram ainda que o que “está em causa no desenvolvimento emocional é uma maior capacidade de envolvimento e intimidade com os outros, pois o aperfeiçoamento da capacidade de comunicação de estados emocionais vai contribuindo, significativamente, para a construção de intimidade e porque, ao longo do desenvolvimento, o indivíduo vai sendo aculturado em formas socialmente desejadas de se comportar em relação às emoções” (p.44).

Relativamente às variáveis temperamentais, estas também se desenvolvem ao longo da vida, sendo possível verificar “mudanças na reatividade e na regulação emocional da pessoa, contudo é nas idades mais precoces que se verificam as maiores transformações e os principais marcadores de alteração” (Melo & Soares, 2006, p.44).

É sobretudo na etapa pré-escolar que as crianças melhoram a sua capacidade de comunicar, o que lhes permite associar as emoções aos acontecimentos que são vividos por elas. Assim, para que seja possível desenvolver a linguagem emocional, é importante que esta seja capaz de identificar e reconhecer o que acontece no seu interior, perceber os seus sentimentos e conseguir expressá-los, aplicando assim uma linguagem adequada, comunicando os seus sentimentos de uma forma clara e correta.

Segundo Goleman (2003), a capacidade de aprender de uma criança, integra sete componentes-chave ligados à inteligência emocional, sendo estes:

- “Confiança. Uma sensação de controlo e domínio do próprio corpo, comportamento e mundo; a sensação de que a criança tem de que muito provavelmente será bem-sucedida naquilo que tentar, e que os adultos a ajudarão.
- Curiosidade. A sensação de que descobrir coisas é positivo e conduz ao prazer.
- Intencionalidade. O desejo e a capacidade de ter um impacte, e esforçar-se por isso com persistência. Isto relaciona-se com a sensação de competência, de ser eficaz.
- Autocontrolo. A capacidade de modular e controlar as próprias ações de maneiras adequadas à idade; uma sensação de controlo interior.
- Capacidade de relacionar-se. Saber lidar com os outros com base numa sensação de ser compreendido e compreender.
- Capacidade de comunicar. O desejo e a habilidade de trocar verbalmente ideias, sentimentos e conceitos com outras pessoas. Isto relaciona-se com ter confiança nos outros e prazer em relacionar-se com eles, incluindo os adultos.
- Cooperação. A capacidade de equilibrar as próprias necessidades com as dos outros, em atividades de grupo.

Assim, importa também mencionar que “todas as pequenas trocas entre pais e filhos representam uma legendagem emocional e é através da repetição destas mensagens que ao longo dos anos a criança cria o seu núcleo de perspetivas e habilidades emocionais” (Goleman, 2003, p.235).

Tendo em conta, que é especialmente através da imitação do adulto que criança aprende a expressar as suas emoções, sendo para esta mais fácil interiorizar estes modelos quando o adulto comunica através de palavras o que sente.

Neste sentido, as crianças que são emocionalmente competentes conseguem gerir de forma correta as suas emoções, dispõem de mais aptidões e encontram-se mais

capacitadas para resolver problemas e enfrentar os momentos da vida mais stressantes e desafiantes.

Geralmente as crianças que tiveram “uma boa dose de encorajamento e aprovação por parte dos adultos esperam enfrentar com êxito os pequenos desafios da vida”. Por outro lado, as que são “oriundas de lares demasiado áridos, caóticos, ou desinteressados abordam esta mesma pequena tarefa de uma maneira reveladora de que já estão à espera de fracassar, acabando provavelmente viver a vida sob uma perspectiva derrotista” (Goleman, 2003, pp.214-215).

Assim, a forma como os pais lidam com a criança tem um impacto profundo na sua competência emocional desde muito precocemente

Importa também mencionar algumas estratégias que beneficiam o desenvolvimento emocional das crianças sendo estas: enriquecer o seu vocabulário emocional, atribuindo o nome correto às emoções; conversar da forma mais natural possível acerca do que as crianças sentem, de modo a desenvolver uma inteligência emocional mais saudável e ficando por isso mais capazes de identificar e compreender os seus próprios sentimentos e os dos outros; permitir às crianças expressar as emoções, não lhes dizendo algo do género como “Não chores”, mas sim dizer “se tens necessidade de chorar, chora”; incentivá-las a exprimir os seus próprios sentimentos, perguntando como se sentem; fazer com que compreendam que é importante respeitar as emoções dos outros; e ajudar a acalmá-la em momentos de tensão, elogiando-a sempre que revele capacidade de autorregulação.

Todas estas estratégias são importante para que realmente exista uma efetiva aprendizagem emocional, tanto ao nível das emoções negativas (tristeza, medo...) como das positivas (alegria, felicidade...). Dai que a família seja considerada o primeiro grupo onde se realmente se efetuar esta “aprendizagem emocional, de modo a que a criança consiga compreender como se sente e o modo como os outros reagem aos seus sentimentos, sendo também capaz de pensar a respeito desses sentimentos e das alternativas que possui para reagir, o que implica ser capaz ler e exprimir as suas expetativas e medos” (Goleman, 2003, pp.211-212).

Ainda neste sentido, Goleman (2003) refere que “as lições emocionais mais eficazes devem estar ligadas ao desenvolvimento da criança, e ser repetidas em idades diferentes de maneira que se adequem à sua compreensão e capacidade, sempre em evolução (p.295).

Assim, as competências emocionais como a empatia e a autorregulação emocional começam a formar-se a partir dos primeiros meses de vida e é nos anos pré-escolares que se destaca um pico na maturação das “emoções sociais”, que incluem sentimentos como a insegurança, a humildade, o ciúme e a inveja, o orgulho e a confiança (Goleman, 2003, p.296).

Consideramos então que as crianças são capazes de adquirir estas competências não só através do que “os pais dizem e fazem diretamente às crianças, mas também dos modelos que oferecem no modo como lidam com os seus próprios sentimentos e com aqueles que se passam entre o casal” (Goleman, 2003, p.212). Daí que a forma como os pais cuidam dos filhos irá trazer consequências profundas e duradouras para a vida emocional da criança.

O facto de ter pais que sejam emocionalmente inteligentes será um grande benefício para a criança, uma vez que, estes normalmente usufruem de um momento de perturbação da criança para desempenharem o papel de treinadores ou mentores emocionais, de forma a que consigam entender o que é que na verdade está a perturbar os seus filhos e por isso, sejam capazes de os ajudar a procurar formas positivas para acalmar as suas emoções (Goleman, 2003, p.213).

Também se torna importante para a criança que esta saiba que as suas emoções “são recebidas com empatia, aceites e correspondidas, um processo que se intitula de sintonização” (Goleman, 2003, p.121).

Segundo Goleman (2003), são as “pequenas sintonizações que dão à criança a sensação reconfortante de estar emocionalmente ligada, uma mensagem que as mães transmitem quando interagem com os seus filhos. Sintonização que é muito diferente de simples imitação. Assim, para dar a entender que sabemos como uma criança se sente, temos de reproduzir os seus sentimentos íntimos de uma maneira diferente” (p.121).

Ainda segundo o mesmo autor, é “através de sintonizações repetidas, que a criança desenvolve a sensação de que as outras pessoas são capazes de partilhar, e partilharão, os seus sentimentos” (p.122).

Por outro lado, o abandono emocional irá debilitar a empatia, tendo em conta que “os maus tratos emocionais intensos e continuados incluindo ameaças cruéis e sadistas, humilhações e pura maldade, têm um resultado paradoxal”. As crianças que sofreram esta espécie de tratamento podem tornar-se hipersensíveis às emoções dos que as rodeiam. Esta preocupação obsessiva com os sentimentos dos outros é típica das crianças emocionalmente maltratadas que como adultas sofrem os súbitos e intensos

altos e baixos emocionais que por vezes diagnosticados como “desajustamento limiar da personalidade”. Muitas destas pessoas são particularmente “dotadas para captar os sentimentos de quem as rodeia, e muito frequentemente referem ter sido emocionalmente maltratadas durante a infância” (Goleman, 2003, p.123).

Importa também mencionar ainda que algumas crianças revelam uma incapacidade de aprendizagem na vertente das mensagens não verbais, isto é, tem dificuldade em controlar a “linguagem silenciosa da emoção, e que involuntariamente emitem mensagens que criam constrangimento” o que designa de “dissemia” (Goleman, 2003, p. 142).

Geralmente, algumas crianças também não são capazes de interpretar ou exprimir corretamente as suas emoções sentem-se frequentemente frustradas, pois não compreendem o que se passa (Goleman, 2003, p.143).

Importa ainda referir que se verifica uma diferença relativamente à aprendizagem das emoções nos rapazes e nas raparigas, uma vez que, as raparigas se tornam experientes na interpretação de sinais emocionais não verbais, na expressão e comunicação dos seus sentimentos e por outro lado, os rapazes, aprendem a não valorizar as emoções que se relacionam com a vulnerabilidade, culpa, medo ou dor.

Assim, é possível entender que os rapazes e as raparigas aprendem lições distintas acerca da forma de lidar com as emoções. No geral, os pais abordam o tema das emoções mais com as filhas do que com os filhos. Daí, que as raparigas sejam mais informadas relativamente às emoções do que os rapazes. Aqui os pais normalmente usam “palavras mais emocionalmente carregadas quando falam com as filhas do que quando falam com os rapazes. Também sobretudo quando as mães conversam com as filhas acerca dos sentimentos, abordam em mais pormenor os estados emocionais do que quando falam com os filhos. (Goleman, 2003, pp. 152-153).

O facto de as raparigas desenvolverem mais depressa o uso da linguagem do que os rapazes, permite-lhes expressar com mais facilidade os seus sentimentos, contudo “os rapazes, nos quais a verbalização de afetos é menos encorajada, podem acabar por tornar-se largamente inconscientes dos estados emocionais, tanto neles próprios como nos outros” (Goleman, 2003, p.153)

Para concluir, importa referir, que à medida que a criança vai crescendo, as lições emocionais vão se modificando, aqui os pais emocionalmente aptos também desempenham um papel importante para ajudar os filhos em todos “os aspetos básicos da inteligência emocional como, aprender a reconhecer, gerir e controlar os sentimentos;

sentir empatia, e lidar com os sentimentos que surgem nos seus relacionamentos” (Goleman, 2003, p.213). O que acaba por revelar que estas serão melhores a gerir as suas próprias emoções e mais capazes de se acalmarem quando perturbadas, ainda que vivenciem situações perturbadoras com menos frequência do que as crianças onde os aspetos básicos da inteligência emocional ainda não foram totalmente desenvolvidos.

2.5.6.1 Desenvolvimento emocional dos 0 aos 12 meses

Ainda muito precocemente já é possível identificar algumas diferenças individuais nas manifestações de emoções positivas e negativas. Segundo Rothbart (1994, citado por Melo & Soares, 2006) “o sorriso, por exemplo, aparece poucas horas após o parto. Às cinco semanas já são detetáveis vocalizações semelhantes ao riso e aos dois meses são visíveis manifestações de raiva e frustração no bebé” (p.45).

Segundo os autores Derryberry e Rothbart (2001, citados por Melo & Soares, 2006), é no primeiro ano de vida, que a frustração e o medo começam a ganhar alguma estabilidade e é sobretudo no final do primeiro ano que “ se começa a desenvolver o sistema atencional anterior que vai ser largamente responsável pelo desenvolvimento da capacidade de auto-regulação voluntária, ou por reforço (p.45).

Neste período, um aspeto importante relaciona-se com o começo da modulação das experiências emocionais, ou seja, é através da exposição às expressões emocionais dos outros, que a criança começa a compreender a ligação entre as emoções e os comportamentos.

Segundo alguns autores “a maior coordenação nas interações com os adultos prestadores de cuidados contribui para o desenvolvimento da capacidade do bebé de se auto-regular e acalmar. Ao mesmo tempo, a emergência de emoções positivas vai contribuindo fortemente para um saudável desenvolvimento físico e mental da criança” (Melo & Soares, 2006, p.46). Com o passar do tempo, a criança vai desenvolvendo a sua capacidade para discriminar e reconhecer as expressões faciais, que em conjunto com uma maior exatidão nos comportamentos expressivos, irá promover a interação entre pais e filhos, aproximando-os. O que se baseia na ideia defendida por Dunn e Brown (1994) de que “ o desenvolvimento da intimidade acompanha o desenvolvimento emocional (Melo & Soares, 2006, p. 46)

É também através do jogo, que nestas idades as crianças fortalecem a sua “habilidade para manipular as suas expressões emocionais com o principal propósito de

regular o comportamento dos adultos”. (Saarni, 1999, citado por Melo & Soares, 2006, p.46).

2.5.6.2 Desenvolvimento emocional dos 2 aos 5 anos

Por volta dos dois anos, existe uma grande evolução na aptidão da criança para atribuir nome às emoções, isto é, aqui a criança já consegue aplicar rótulos emocionais. Já aos três anos começa a expressar-se relativamente às experiências emocionais dos outros e por volta dos quatro é capaz de entender que as reações emocionais são diferentes de pessoa para pessoa.

De acordo com Izard, Fine, Mostow, Trentacosta e Campbell (2002, citados por Melo & Soares, 2006), “o conhecimento emocional é fortemente acelerado neste período, começando por estabelecer-se ligações entre o sistema emocional e cognitivo que facilitam a compreensão dos outros, o estabelecimento de relações sociais empáticas e a internalização de normas sociais pela observação das expressões faciais das figuras de socialização (p.46).

Aos três anos aproximadamente, a criança já conhece todas as emoções básicas, sendo também nesta fase que geralmente os comportamentos de raiva e oposição crescem. Alguns autores defendem também o aparecimento de expressões emocionais fortes e das emoções sociais, como a culpa ou a vergonha. Por esta altura, geralmente a maioria das conversas entre mães e filhos são acerca da causa das emoções e dos sentimentos.

As crianças começam a conseguir representar a sua expressão emocional e a compreender que os outros também são capazes de o fazer, sobretudo a partir dos dois anos e meio. Isto acabará por facilitar de forma significativa a sua compreensão acerca das relações sociais, permitindo-lhe assim gerir de forma mais eficaz as suas interações interpessoais e contribuindo para fortalecer a capacidade de empatizar com os outros (Melo & Soares, 2006, p. 47).

É por volta dos dois e três anos que surgem as emoções sociais, que irão contribuir para a adoção de comportamentos pró- sociais e um melhor ajustamento das ações da criança, ao seu meio, considerando o que este espera dela. Contudo, nesta fase estas emoções ainda não estão totalmente assimiladas e por isso dependem do acompanhamento de um adulto ou de outra pessoa para se exprimirem.

Segundo Melo e Soares (2006) “a teoria das emoções diferenciais refere que, à medida que as emoções sociais, com cariz auto-avaliativo, se vão repetindo, a criança vai sendo capaz de estabelecer ligações mais apuradas entre sentimentos, comportamentos e consequências das suas ações. As outras emoções básicas continuam a ser fundamentais e, por exemplo, a alegria tende a promover comportamentos de jogo e interação com os pares e a tristeza a aproximação social e suporte emocional” (p.47).

Com o passar do tempo, verifica-se uma crescente evolução das capacidades de auto-regulação da criança, sendo que é entre os 18 e os 48 meses de idade que se regista um grande aumento neste processo.

2.5.6.3 Desenvolvimento emocional dos 6 aos 12 anos

Durante esta fase o temperamento é assinalado com sendo estável, caracterizando-se por uma continuidade relativamente às características anteriores, existindo, contudo, um “refinamento do sistema atencional anterior e, conseqüentemente, da capacidade de auto-regulação da criança” (Melo & Soares, 2006, p.47).

É sobretudo no início do período escolar que ocorrem mudanças significativas. Uma vez que, ao mesmo tempo, os padrões de comunicação mútua, e em especialmente um diálogo aberto e claro com os pais, são fundamentais para o desenvolvimento da auto-regulação na criança, da sua própria auto avaliação e da melhoria das suas competências sociais.

De acordo Collins, Harris e Susman (1995, citados por Melo & Soares, 2006), também a sua aptidão para resolver problemas melhora, em consequência do “desenvolvimento dos recursos cognitivos, o que obriga os adultos a alterarem os seus padrões de comunicação com a criança e adaptarem-se à sua crescente autonomia e capacidade de raciocínio mais elaborado”. (p.48). Podemos ainda considerar que estas competências serão importantes para um melhor entendimento das regras do mundo social e das relações que se estabelecem com diversos agentes sociais.

Neste período, as crianças também são capazes de criar estratégias diferentes e eficazes para enfrentar o stress e algumas situações de risco a que são expostas. Aqui espera-se que os pais apoiem a criança para que esta adquira novos conhecimentos e aumente o seu conjunto de estratégias de auto-regulação. Porém, este trabalho é dificultado uma vez que, normalmente nestas idades as crianças não se sentem tão à

vontade para manifestarem as suas emoções e acabam muitas vezes por se decepcionar tendo em conta a sua incapacidade de responder a todas as suas necessidades e inquietações.

O aparecimento das emoções sociais na criança, irá contribuir para este processo de comparação social, sendo que também as experiências afetivas facilitam na criação de uma imagem de si mesmo. Assim, tendo em conta, as novas imposições sociais, é importante que a criança seja capaz de desenvolver a empatia e os comportamentos de cooperação. Ainda segundo Melo e Soares (2006) o “papel importante das emoções como o medo, a culpa ou a vergonha e da capacidade de controlo por esforço na diminuição da agressividade da criança e no desenvolvimento de comportamentos empáticos” (p.48).

Neste sentido, é fundamental que crianças aprendam a lidar de forma adequada com as suas experiências emocionais negativas, controlando e regulando as suas emoções. Uma vez que de acordo com Abe e Izard (2002, citados por Melo & Soares, 2006) é nesta fase que “começam a sentir emoções auto-avaliativas ou sociais mesmo na ausência de uma audiência, mas a avaliação que fazem dos estímulos pode variar conforme as idades” (p.49).

É sobretudo entre os cinco e os sete anos que as crianças melhoram a sua capacidade de moderar as interações sociais. Geralmente, as crianças em idade escolar tendem a interiorizar como devem ou não expressar e lidar com as suas emoções de forma adaptativa.

Contudo, nesta fase ainda necessitam de auxílio por parte do adulto para gerir e regular as suas emoções, uma vez que só a partir dos sete anos é que começam a ser mais autónomas.

Durante o primeiro ciclo do ensino básico, a regulação da raiva é vista pelas crianças como a mais difícil de alcançar comparativamente à regulação da tristeza. Assim, importa também mencionar que as emoções e os sistemas relacionados com elas, beneficiam muito o ajustamento psicológico e social da pessoa, mas por vezes, também concorrem para o seu desajustamento.

Para terminar, é importante referir que a capacidade de discriminar as emoções, de distinguir emoções negativas de positivas, e de aplicar uma diversidade de rótulos emocionais, associada ao conhecimento emocional da criança, irá contribuir para um melhor ajustamento quando esta se tornar adulta.

Capítulo 3: Projeto “ Crianças que sentem, crianças felizes”

Depois de efetuado o enquadramento conceptual no capítulo anterior e tendo em conta alguns conceitos importantes abordados no mesmo, importa mostrar como é que estes conceitos foram trabalhados no nosso projeto de estágio, que designámos de Crianças que sentem, crianças felizes.

Este projeto centrou-se na temática das emoções e o seu principal objetivo era promover e desenvolver as competências emocionais das crianças do Ninho dos Pequenitos de forma a que estas fossem capazes de identificar e reconhecer em si e nos outros as emoções, contribuindo assim para o seu bem-estar e desenvolvimento integral.

Para a elaboração do projeto, foi necessário apoiarmo-nos no Modelo de Elaboração de Projetos Sociais da autora Pérez Serrano (2008).

Assim, em primeiro lugar é importante definir o que é um projeto. Segundo Pérez Serrano “trata-se de um plano de trabalho com carácter de proposta que consubstancia os elementos necessários para conseguir alcançar os objetivos desejáveis” (Pérez Serrano, 2008, p.16).

Desta forma, ainda segundo a mesma autora os projetos sociais surgem “como consequência do desejo de melhorar a realidade onde estamos inseridos” (p.16). Assim, estes projetos “orientam-se para a resolução de problemas, com o fim de tentar satisfazer as necessidades básicas do indivíduo” (Pérez Serrano, 2008, p.17).

Para tal, é fundamental que conseguir identificar e reconhecer as necessidades presentes, de modo a definir um problema real e a partir deste, construir um plano ponderado e organizado, para que seja possível aplicá-lo na prática. Este plano deve ser flexível, produzindo inovação e mudança, através da originalidade e criatividade, com vista a melhorar o problema.

Por fim, é importante mencionar que este modelo compreende as seguintes etapas: diagnóstico, planificação, aplicação-execução e avaliação.

3.1 Caracterização do público-alvo

De forma a descrever mais pormenorizadamente o projeto desenvolvido durante o estágio, é importante que primeiramente façamos uma breve caracterização do grupo que participou no mesmo.

Relativamente à idade, as crianças que participaram no projeto tinha idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos. Assim, uma vez que se tratava também de um grupo heterogéneo foi necessário adaptar algumas das atividades do projeto.

No que diz respeito à escolaridade, todas as crianças se encontravam integradas em creche ou jardim de infância.

Por fim, importa ainda salientar que estas crianças são oriundas de contextos familiares disfuncionais o que revela ter um grande impacto no seu desenvolvimento emocional. Daí ser importante reconhecer a vulnerabilidade destas crianças e considerar que a grande maioria revela problemas a nível emocional, que acabarão por ter influência ao longo de toda a sua vida.

No entanto, temos que acreditar que as competências emocionais podem ser trabalhadas e aperfeiçoadas ao longo de toda a vida.

Em seguida, apresentam-se as etapas de elaboração do projeto, começando pelo diagnóstico, que se considerou ser necessário para identificar e analisar as necessidades educativas e formativas das crianças integradas em acolhimento residencial.

3.2 Diagnóstico

Para iniciar esta fase do nosso projeto, é importante em primeiro explicar em que consiste a fase de diagnóstico/ identificação de necessidades e justificação da temática do projeto.

Segundo Pérez Serrano (2008) “é necessário que o projeto se baseie numa necessidade real, para a qual se pretende encontrar uma solução e, também, que esta possa ser resolvida com a colaboração de todos. Dado o exposto, é conveniente estudar as necessidades e os recursos para ir ao seu encontro de uma forma realista” (p.31). Assim é importante identificar quais as áreas com maior necessidade de intervenção.

Podemos mencionar que o objetivo desta fase do projeto é o “conhecimento da realidade, de modo a realizar o reconhecimento mais completo possível da situação objeto de estudo e proporcionado os elementos necessários para poder medir os efeitos diretos e indiretos do projeto a realizar, assim como o impacto que irá ter” (p. 31).

Neste sentido, a fase inicial do nosso projeto, de identificação das necessidades, teve início com um período de observação do grupo e da dinâmica da Casa, de forma

também a promover a familiarização com o espaço, equipa técnica, equipa educativa e as crianças acolhidas.

É importante também referir que numa primeira fase, efetuámos a leitura de documentos relativos à instituição, como o Projeto Educativo e o Regulamento Interno da mesma, mas também dos processos individuais de cada criança, através dos quais também foi possível ficar a conhecer um pouco melhor a sua história de vida.

Em alguns momentos do dia, especialmente após a chegada das crianças da creche ou infantário, era também possível interagir com elas, para conhecê-las um pouco melhor e criar com elas uma relação próxima e de confiança, sobretudo com o propósito de compreender qual a área em que seria necessário e importante intervir.

A escolha do tema do projeto resultou essencialmente dos primeiros momentos de observação e interação com as crianças, onde era visível nas suas brincadeiras, grandes sinais de irritabilidade, pouca tolerância à frustração e muitos comportamentos de oposição, o que resultava grande parte das vezes em conflitos entre os pares. Daí acharmos que seria necessário trabalhar com estas crianças as emoções, para que ficassem a conhecê-las, fossem capazes de reconhecê-las em si e no outro e posteriormente, saber lidar com elas e auto acalmar-se nos momentos de maior tensão.

Além disso, através da observação e participação nas sessões de estimulação efetuadas pela Dr.^a Ana Luísa (Educadora Social) com as crianças, conseguimos entender que estas apresentavam algumas dificuldades ao nível da linguagem e da manipulação.

Assim, consideramos que seria importante trabalhar a temática das emoções em conjunto com estas dimensões. Para isso, foi necessário que ao planificar as sessões do projeto dedicadas às emoções fossem incluídas tarefas que permitissem desenvolver e aperfeiçoar as habilidades linguísticas e manipulativas.

Assim, após uma conversa com a Dr.^a Ana Luísa, em que lhe foi mencionada qual a temática que se pretendia trabalhar ao longo do projeto e onde lhe foram explicados os motivos que levaram a essa escolha, ficou decidido que o projeto de estágio teria como tema as emoções. Também após esta conversa ficou decidido que iríamos trabalhar individualmente com cada criança tendo em conta que são crianças que nestas idades tem pouca capacidade de concentração.

3.3 Planificação

Tendo como referência as necessidades identificadas na fase do diagnóstico, passamos agora para a fase da planificação do nosso projeto.

De acordo com Pérez Serrano (2008), a planificação “consiste em procurar antecipar e tentar vislumbrar o que se vai desenrolar e aplicar no futuro (p.) de modo a que esta seja consequente, mas flexível.” (p.39).

Assim, o projeto Crianças que sentem, crianças felizes, tem como base a análise de necessidades realizada, de modo que irá centrar-se nas áreas reconhecidas como as mais necessárias a trabalhar para contribuir para o harmonioso desenvolvimento das crianças.

Depois de definida a área de intervenção, iniciamos agora o processo de planificação, pois segundo Pérez Serrano (2008) “qualquer ação social necessita de ser planificada” (p.37).

Assim, para planificar o projeto foi importante como primeiro passo, perceber quais os conteúdos gerais a abordar ao longo deste. Após a seleção das temáticas a trabalhar foi necessário planificar cada sessão, tendo em conta que todas estas planificações foram adaptadas às características do grupo com que iríamos trabalhar, uma vez que se tratava de crianças pequenas, muito extrovertidas e com uma reduzida capacidade de concentração.

Optou-se assim por organizar o projeto da seguinte forma: inicialmente foi realizada uma sessão de introdução às emoções, para perceber um pouco o que é que as crianças já sabiam acerca deste tema, e em seguida, foram implementadas várias sessões para trabalhar as várias emoções básicas (alegria, tristeza, raiva, medo, nojo e surpresa). No entanto, apesar de todas as atividades se centrarem na temática das emoções pretendeu-se também trabalhar e intervir em áreas como a estimulação da linguagem, a motricidade fina e a livre expressão e o autoconhecimento.

Neste sentido, no decorrer das sessões optou-se sempre por recorrer à utilização de métodos e técnicas mais dinâmicas como por exemplo, a exploração de histórias, jogos e a visualização de vídeos.

De modo a compreender um pouco mais este projeto iremos em seguida apresentar de uma forma breve as várias sessões integradas no projeto. Assim, em cada sessão identificamos o tema a abordar, o objetivo que se pretende que o grupo que

participou no projeto alcançasse e as atividades que foram realizadas. Aqui importa ainda referir que não existia um dia específico para implementar as sessões devido à dinâmica da Casa.

Tabela 1 - Sessões do Projeto “Crianças que sentem, crianças felizes”

Sessões	Tema	Objetivo Geral	Atividades
<p>Sessão 1: “À descoberta das Emoções”</p> <p>(Cf. Anexo I)</p>	<p>Emoções e Autoconhecimento emocional.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as emoções básicas. 	<p>- Leitura e Exploração do Livro “Tudo o que nós sentimos”.</p> <p>- Construção das máscaras de emoções.</p>
<p>Sessão 2: “A Alegria”</p> <p>(Cf. Anexo IV)</p>	<p>Emoções básicas: alegria.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a emoção alegria. 	<p>- Leitura e exploração da história “Todos nós nos sentimos felizes”;</p> <p>- Realização do jogo “Quem está alegre?”;</p> <p>- Desenho de um momento de felicidade;</p> <p>- Construção de um puzzle representativo da emoção alegria.</p>
<p>Sessão 3: “A tristeza”</p>	<p>Emoções básicas: tristeza.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a emoção 	<p>- Visualização e</p>

<p>(Cf. Anexo IX)</p>		<p>tristeza.</p>	<p>exploração do filme “O patinho feio”;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atividade “Descobre a emoção”; - Jogo da memória representativo da emoção tristeza.
<p>Sessão 4: “O medo”</p> <p>(Cf. Anexo XIII)</p>	<p>Emoções básicas: medo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a emoção medo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura e exploração da história “A galinha medrosa”; Atividade de ordenar a história da “galinha medrosa”; - Desenho que represente o medo.
<p>Sessão 5: “A raiva”</p> <p>(Cf. Anexo XVII)</p>	<p>Emoções básicas: raiva.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a emoção raiva. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dramatização da história “Coelhinho Branco Zanga-se”; - Exploração da história em conjunto com a

			demonstração da técnica da tartaruga- estratégia de relaxamento; - Atividade Caixinha da Raiva.
Sessão 6: “O nojo” (Cf. Anexo XX)	Emoções básicas: nojo.	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a emoção nojo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Atividade de estimulação sensorial; - Atividade “ Quando se sente nojo”.
Sessão 7: “ A surpresa” (Cf. Anexo XXIII)	Emoções básicas: surpresa.	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a emoções surpresa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Momento Surpresa (Caixinha da Surpresa); - Que surpresa!

3.4 Aplicação- Execução

As etapas de diagnóstico, planificação e implementação influenciam-se de forma dinâmica. Assim, durante a implementação das sessões foi possível diagnosticarmos novas necessidades e replanificarmos.

Tal como menciona “Pérez Serrano (2008), “a fase de implementação do projeto caracteriza-se por colocar “ em prática o projeto e ter em conta o seu desenvolvimento, acompanhamento e controlo” (p.77).

Assim podemos mencionar que esta fase “implica a ação e execução do projeto, uma vez previstas as tarefas e atividades a realizar, já estamos em condições de as pôr em prática” (Pérez Serrano, 2008, p.80).

Ainda de acordo com a autora “esta fase de realização do projeto existe ter presente todos os elementos do mesmo, com a finalidade de levar a cabo uma tarefa integrada e integradora que complemente tanto a dimensão do diagnóstico e de planeamento com a avaliação e impacto, pois só deste modo o processo de realização do projeto será nítido e dinâmico ao mesmo tempo” (p. 80).

Desta forma, iremos em seguida apresentar uma descrição detalhada de cada uma das sessões, sendo que em anexo se encontra a respetiva matriz de planificação e alguns dos materiais necessários para a concretização da sessão.

Importa ainda referir que todas as sessões foram dinamizadas por nós, à exceção da primeira onde esteve presente a Dr.^a Ana Luísa. Estas decorreram na sala de atividades lúdico-pedagógicas do Ninho dos Pequenitos. É importante também mencionar que uma sessão não foi implementada apenas num dia, tendo em conta que as sessões eram realizadas individualmente com cada criança e o tempo que conseguíamos estar com elas diariamente era reduzido e neste caso seria impossível implementar a sessão com todas as crianças num só dia. Em anexo encontram-se algumas imagens das atividades realizadas com as crianças no âmbito do nosso projeto (Cf. Anexo XXVI).

1ª Sessão- Introdução às emoções

A primeira sessão do projeto foi considerada a sessão de introdução ao tema das emoções, de forma a compreender o que é que as crianças já sabiam acerca deste tema. Assim, esta sessão tinha como objetivo principal que as crianças conhecessem e identificassem as emoções básicas.

Tal como planificado, iniciámos com uma breve explicação às crianças do que seria feito naquela sessão. Após esta explicação, passámos para a primeira atividade que consistiu na leitura e exploração do livro “Tudo o que nós sentimos” da autora Emma Brownjohn. Este livro fala-nos que todos nós temos sensações, sentimentos e emoções diferentes. Daí que perante diferentes situações nos possamos sentir tristes, alegres, zangados, preocupados, surpreendidos, nervosos, aborrecidos, etc,. Mas este livro aborda que não devemos ter vergonha dos nossos sentimentos e que é importante aceitarmos e confiarmos nos nossos sentimentos e também exprimi-los livremente e partilhá-los com os outros, o que acaba também por nos ajudar a compreender melhor os sentimentos e emoções vivenciados.

Assim, ao mesmo tempo que íamos explorando o livro e interpretando as ilustrações do mesmo em conjunto com as crianças, estas iam interagindo recorrendo a fantoches representativos das emoções, de forma a que conseguissem identificar a expressão facial correspondente às emoções representadas no livro.

Após o final desta atividade, passámos para a realização de uma outra que consistiu na construção de máscaras alusivas às emoções. Aqui, as crianças construíram autonomamente as máscaras tendo para isso à sua disposição vários moldes do rosto humano e também moldes dos elementos da cara (boca, olhos e nariz). No fim depois de todas as crianças concluírem as máscaras tendo colocado na posição correta todos os elementos, pedimos-lhes que identificassem as emoções que as várias máscaras representavam e que nomeassem os vários elementos da cara.

2ª Sessão: A Alegria

Na segunda sessão do projeto foi trabalhada a emoção básica alegria. Esta sessão tinha como principais objetivos que as crianças conhecessem a emoção alegria e que fossem capazes de a identificar em si e nos outros.

Esta teve início com uma descrição curta feita às crianças do que seria feito naquela sessão. Em seguida, foi realizada a leitura e exploração da história “Todos nós nos sentimos felizes, da autora Jane Bingham, aqui as crianças foram respondendo a algumas questões que lhe eram colocadas acerca desta, ao mesmo tempo que iam fazendo a interpretação das ilustrações. No final da atividade foi lhe solicitado que identificassem a emoção abordada ao longo da história.

A segunda atividade da sessão consistiu na realização de um jogo que se designava “Quem está alegre?”, onde se pretendia que o grupo das crianças interpretasse as

ilustrações das peças do jogo. Em seguida, foi-lhe pedido que selecionassem as peças que ilustravam a emoção alegria.

Posteriormente, foi solicitado às crianças que partilhassem connosco algum momento ou situação que já as tivesse deixado muito felizes, assim, após terem mencionado uma dessas situações efetuaram em seguida um desenho acerca da mesma.

A última atividade consistiu na construção de um puzzle representativo da emoção alegria. Foram disponibilizados às crianças dois puzzles diferentes com 12 peças. Depois de as crianças realizarem o encaixe das peças autonomamente, e ao finalizarem os dois puzzles foi-lhe pedido que descrevessem as suas ilustrações de modo a que identificassem a emoção alegria.

3ª Sessão: A Tristeza

A terceira sessão do projeto centrou-se na emoção básica tristeza e tinha como objetivos que as crianças ficassem a conhecer a emoção tristeza e conseguissem identificá-la em si e no outro.

Tal como nas sessões anteriores, inicialmente foi dada uma breve explicação às crianças do que seria feito naquela sessão. Assim, a primeira atividade realizada consistiu na visualização do filme “O Patinha Feio”. Após esta, recordámos e debatemos com elas alguns dos conteúdos principais do filme, sendo que no final-lhe era perguntado qual a emoção que era abordada ao longo do mesmo.

A segunda atividade intitulou-se “Descobre a emoção” e consistiu na exploração de pequenas ilustrações com duas personagens que se encontravam tristes, sendo que foi explicado às crianças qual o motivo através da interpretação das ilustrações. Assim, após interpretarem estas imagens era-lhe perguntado qual a emoção que estava presente nas ilustrações. Em seguida foi-lhe proposto que fossem elas que desenhassem algum momento ou algo em concreto que as deixasse tristes.

Por fim, as crianças tiveram ainda a oportunidade de jogar ao jogo da memória, onde para além de formarem não só os pares das imagens iguais também-lhe foi sugerido que identificassem algumas características faciais da emoção tristeza.

4ª Sessão: O Medo

Esta foi a última sessão a ser implementada e o seu objetivo principal era o de que as crianças conhecessem a emoção medo e a identificassem em si e no outro.

Mais uma vez foi importante que no início fosse explicado às crianças o que iria ser feito ao longo da sessão. A primeira atividade consistiu na leitura e exploração da história

“A Galinha Medrosa” do autor António Mota, ao mesmo tempo, que as crianças iam realizando a interpretação das imagens da história. No final foi lhes pedido que identificassem a emoção abordada.

Uma segunda atividade relacionou-se com a primeira e aqui pretendia-se que as crianças recordassem os principais momentos da história e os ordenassem sequencialmente. No entanto, visto que a história era um pouco longa existiu a necessidade de adaptar a atividade às crianças mais novas. Assim, estas ao mesmo tempo que escutaram a história, nomeavam os animais e os sons dos mesmos de acordo com a ordem com que iam aparecendo ao longo da história.

Para finalizar, a última atividade consistiu na realização de um desenho que retratasse um medo das crianças. Assim, inicialmente estas referiram alguns momentos, situações ou algo em concreto que suscitava medo em si e em seguida fizeram a respetiva ilustração.

3.5 Avaliação

Passando agora para a última fase do projeto que é relativa à avaliação e que segundo Pérez Serrano (2008) “é um processo de reflexão que permite explicar e avaliar os resultados das ações realizadas. Permite-nos reconhecer os erros e os sucessos da nossa prática, a fim de corrigir aqueles no futuro” (p.81).

Esta avaliação resulta essencialmente da observação feita por nós durante as sessões que foram implementadas de forma a compreendermos se foram conseguidos os objetivos propostos através das atividades realizadas. Começamos por realizar uma avaliação individual de cada criança para de seguida elaborarmos uma análise SWOT do projeto implementado.

3.5.1 Das crianças

Passamos a realizar uma apreciação acerca do desempenho de cada criança nas sessões implementadas. Aqui é importante mencionar que das oito crianças que participaram no projeto, apenas seis foram selecionadas para esta avaliação, uma vez que com as restantes não foi possível retirar conclusões muito precisas devido à sua idade e por isso não possuíam a mesma capacidade para compreender quais os objetivos de algumas das atividades realizadas.

É importante ainda referir que de forma a manter a privacidade das crianças não serão revelados aqui os seus nomes.

Criança A

Na primeira sessão, ao longo da exploração do livro “Tudo o que nós sentimos” conseguiu identificar as emoções alegria, tristeza e raiva. Através de pequenas pistas fez corretamente a interpretação das ilustrações onde demonstrou possuir alguns conhecimentos relativos a sentimentos como a solidão, o amor, a gratidão e a generosidade, ainda que não tenha mencionado exatamente os seus nomes. Na segunda atividade conseguiu fazer autonomamente a montagem dos elementos da cara (nariz, olhos e boca) posicionando-os corretamente. Em seguida identificou corretamente as emoções básicas representadas nas máscaras e nomeou-as de forma espontânea, o que revelou já possuir alguns conhecimentos em relação a esta temática.

Na segunda sessão e no decorrer da exploração da história “Todos nós nos sentimos felizes” conseguiu fazer uma boa interpretação da mesma e nomear a maioria dos elementos representados nas ilustrações e conseguiu também identificar ao longo da história a emoção alegria. No jogo “Quem está alegre?” soube interpretar as ilustrações das peças do jogo, referindo que os meninos estavam tristes e felizes e conseguindo selecionar corretamente as que representavam a emoção alegria. Relativamente ao desenho, quando questionada acerca de algo que a deixava muito feliz, respondeu de imediato: fico feliz quando brinco no exterior”. Em seguida fez o respetivo desenho da situação. Por fim, na realização dos puzzles, efetuou sozinha o encaixe das peças e após a sua finalização interpretou corretamente as ilustrações e referiu que os meninos estavam felizes.

Na terceira sessão e ao longo da visualização do filme “O Patinho Feio” conseguiu identificar a emoção tristeza abordada ao longo do filme e no final deste conseguiu recordar os seus principais momentos. Na segunda atividade, após a observação das duas imagens identificou que as personagens estavam tristes, percebendo também os motivos dessa tristeza que eram perceptíveis nas imagens. Em seguida reconheceu que às vezes também ficava triste referindo: “Eu fico triste quando alguém me chateia”. Por fim, no jogo da memória, formou os pares de peças iguais conseguindo identificar a emoção tristeza e nomeando algumas características faciais desta emoção como as sobrancelhas descaídas e a boca fechada e contraída.

Por fim, na quarta sessão e durante a exploração da história “A Galinha Medrosa”, esta conseguiu interpretar corretamente as ilustrações da história e identificar a emoção

medo abordada. Na segunda atividade relacionada com a primeira, com pequenas pistas foi capaz de recordar e ordenar os principais momentos da história. Por fim, na atividade intitulada “ Os meus medos” referiu: “ Eu não tenho medo de nada”.

Criança B

Na primeira sessão e durante a exploração do livro “Tudo o que nós sentimos” conseguiu identificar a expressão facial correspondente às emoções raiva, alegria e tristeza. Interpretou alguns elementos ilustrativos do livro, no entanto demonstrou dificuldade em identificar os sentimentos que o livro abordava. Na segunda atividade conseguiu posicionar corretamente os elementos da cara (nariz, olhos e boca) nas máscaras bem como dizer os seus nomes, e foi ainda capaz de identificar as emoções tristeza, raiva e alegria representadas nas máscaras, contudo, revelou não conhecer as emoções nojo, surpresa e medo.

Na segunda sessão e ao longo da exploração da história “Todos nós nos sentimos felizes” identificou e nomeou alguns elementos das ilustrações e conseguiu identificar a emoção alegria. No jogo “Quem está alegre?” após alguma insistência interpretou as ilustrações das peças do jogo e em seguida selecionou corretamente as que representavam os meninos com caras felizes. Relativamente ao desenho, não conseguiu identificar nada que a deixe feliz, talvez porque devido à sua idade ainda não é capaz de reconhecer esta emoção em si. Sendo importante aqui também mencionar que o seu desenho ainda é muito à base dos rabiscos. Por fim, na realização dos puzzles, com alguma orientação realizou o encaixe das peças e após a finalização destes conseguiu interpretar as suas ilustrações com ajuda, referindo que os meninos estavam felizes.

Na terceira sessão, após a visualização do filme “O Patinho Feio” revelou algumas dificuldades em recordar os principais momentos do filme, contudo, ao longo do filme foi referindo que patinho estava triste. Na segunda atividade, depois da observação das duas imagens conseguiu reconhecer a emoção tristeza. Em seguida, quando questionada acerca do que a deixava triste, não conseguiu referir nada”. Por fim, no jogo da memória, formou os pares de peças iguais conseguindo identificar que os meninos estavam tristes, contudo não foi capaz de identificar nenhuma característica facial da emoção tristeza

Por fim, na quarta sessão, durante a exploração da história “A Galinha Medrosa”, revelou alguma dificuldade em concentrar-se, não conseguindo identificar a emoção medo abordada ao longo da história. Na segunda atividade relacionada com a primeira, soube posicionar através de pequenas pistas os animais mediante a ordem com que iam

aparecendo ao longo da história. No final, na atividade “Os meus medos” não referiu nada que suscitasse medo em si.

Criança C

Na primeira sessão, ao longo da exploração do livro “Tudo o que nós sentimos” reconheceu que as personagens estavam tristes, felizes e zangadas. Conseguiu também nomear alguns elementos das ilustrações com que estava mais familiarizada, porém, revelou alguma dificuldade em identificar os sentimentos que são abordados neste livro. Na segunda atividade das máscaras das emoções, com alguma orientação soube posicionar os elementos da cara (olhos, nariz e boca) bem como nomeá-los corretamente. Após terminadas as máscaras, foi capaz apenas de identificar as emoções raiva, alegria e tristeza através das expressões faciais representadas nas máscaras e não identificou o nojo, o medo e a surpresa.

Na segunda sessão e no decorrer da exploração da história “Todos nós nos sentimos felizes”, reconhecer alguns elementos das ilustrações com a ajuda de pequenas pistas verbais e identificou a emoção alegria. No jogo “Quem está alegre?” fez corretamente a seleção das peças que representavam a emoção alegria. Relativamente ao desenho, mencionou que ir à praia a deixava muito feliz e em seguida fez o respetivo desenho desta situação. Por fim, na realização dos puzzles, com alguma orientação verbal fez o encaixe das peças e após completar os dois puzzles conseguiu descrever as imagens representadas e referiu que os meninos estavam felizes.

Na terceira sessão e ao longo da visualização do filme “O Patinho Feio” referiu que o patinho feio se sentia triste e no final com alguma ajuda recordou os principais momentos do filme. Na segunda atividade, após a observação das duas imagens e quando questionada acerca de como se sentiriam as personagens, respondeu que estavam tristes. Em seguida não conseguiu referir algo em concreto que a deixasse triste”. Por fim, no jogo da memória, formou os pares de peças iguais e mencionou que os bonecos representados nas peças estavam tristes, mas não conseguiu identificar nenhuma característica facial da emoção tristeza através das imagens.

Por fim, na quarta sessão e durante a exploração da história “A Galinha Medrosa”, identificou a emoção medo através de algumas pistas. Na segunda atividade relacionada com a primeira, também com ajuda recordou e ordenou os principais momentos da história. Na atividade “Os meus medos” mencionou: “ Tenho medo de fantasmas” realizando em seguida o respetivo desenho.

Criança D

Na primeira sessão, durante a exploração do livro “Tudo o que nós sentimos” conseguiu identificar as emoções tristeza, raiva e alegria expressas pelas personagens do livro, também com alguma orientação fez a interpretação das ilustrações, revelando conhecer alguns dos sentimentos abordados no livro tais como, o amor e a solidão, embora não tenha mencionado exatamente os seus nomes. Na segunda atividade, montou autonomamente as várias máscaras sabendo mencionar e posicionar corretamente os elementos da cara (boca, nariz e olhos). Depois de terminadas as máscaras identificou sem dificuldade as emoções alegria, tristeza e raiva através das suas expressões faciais, no entanto, não conseguiu identificar o medo, o nojo e a surpresa.

Na segunda sessão e ao longo da exploração da história “Todos nós nos sentimos felizes” reconheceu e nomeou os elementos das ilustrações da história bem como identificou a emoção alegria abordada ao longo da história. No jogo “Quem está alegre?” selecionou corretamente as peças alusivas à emoção alegria e referiu ainda que nas restantes estavam representados meninos tristes. Relativamente ao desenho, quando questionada acerca de algo que a deixava feliz mencionou; “Ir à escola”. Por fim, na realização dos puzzles, efetuou sozinha o encaixe das peças e após terminá-los, interpretou de forma correta as imagens representadas nestes e conseguiu identificar a emoção alegria.

Na terceira sessão e após a visualização do filme “O Patinho Feio” conseguiu nomear as ideias principais do mesmo e identificou a emoção que o patinho estava a sentir. Na segunda atividade, depois da interpretação das duas imagens referiu que as personagens estavam tristes. Em seguida, quando lhe foi perguntado o que a deixava triste, conseguiu reconhecer que às vezes também fica triste, e deu como exemplo “Quando me tiram os brinquedos”. Por fim, no jogo da memória, formou os pares de peças iguais e identificou a emoção tristeza que estava representada nas peças do jogo, contudo, só após terem sido dadas muitas pistas é que conseguiu identificar uma característica facial da emoção tristeza que foi a boca fechada e contraída.

Por fim, na quarta sessão e durante a exploração da história “A Galinha Medrosa”, revelou alguma dificuldade em interpretá-la, contudo, conseguiu no final identificar a emoção medo presente na mesma. Na segunda atividade relacionada com a primeira, foi capaz de ordenar os principais momentos da história com pequenas pistas verbais. Na atividade “Os meus medos” referiu: “Tenho medo de bruxas, fantasmas e monstros” e no final desenhou alguns fantasmas no seu pote dos medos.

Criança E

Na primeira sessão, ao longo da exploração do livro “Tudo o que nós sentimos”, mencionou que as personagens estavam zangadas, contentes e tristes, conseguiu também nomear alguns elementos das ilustrações que lhe eram conhecidos, porém, não foi capaz de identificar os sentimentos que são abordados no livro. Na segunda atividade, após alguns momentos de distração soube posicionar e dizer corretamente os nomes dos elementos da cara(olhos, nariz e boca), após concluir as máscaras das emoções apenas conseguiu identificar as emoções alegria, raiva e tristeza representadas nas máscaras e demonstrou não conhecer o medo, a surpresa e o nojo.

Na segunda sessão e no decorrer da exploração da história “Todos nós nos sentimos felizes”, identificou alguns elementos das ilustrações da história com que está familiarizada e no final identificou a emoção alegria, mencionado que as personagens estavam felizes. No jogo “Quem está alegre?”, demonstrou alguma dificuldade em selecionar as peças que representavam a emoção alegria. Relativamente ao desenho, quando questionada acerca de algo que a deixava muito feliz, referiu:” Quando brinco com o meu pai” e de seguida fez o respetivo desenho deste momento. Por fim, na realização dos puzzles, após algumas pistas verbais conseguiu realizar o encaixe das peças e no final interpretou as suas ilustrações corretamente, referindo que os meninos estavam felizes.

Na terceira sessão e ao longo da visualização do filme “O Patinho Feio” reconheceu que o patinho ficou triste, sendo que no final através de algumas pistas recordou os principais momentos do filme. Na segunda atividade, após a observação das duas imagens reconheceu que as personagens estavam tristes. Em seguida quando questionada sobre algo que o deixava triste, não foi capaz de referir nada. Por fim, no jogo da memória, após formar os pares de peças iguais conseguiu identificar a emoção tristeza, mas não nomeou nenhuma característica facial desta emoção.

Por fim, na quarta sessão e durante a exploração da história “A Galinha Medrosa”, apesar de alguma distração mencionou os animais que iam aparecendo ao longo da história, através da interpretação das ilustrações, no entanto, não foi capaz de identificar a emoção medo abordada durante a história. Na segunda atividade relacionada com a primeira, através de muitas pistas verbais ordenou os principais acontecimentos da história. Na atividade “ Os meus medos” não referiu nada que lhe causasse medo.

Criança F

Na primeira sessão e durante a exploração do livro “Tudo o que nós sentimos” identificou sem dificuldade as emoções raiva, tristeza e alegria, fazendo igualmente a

interpretação das ilustrações da história corretamente e revelando assim conhecer alguns dos sentimentos que o livro refere tais como a generosidade, solidão, gratidão e amor, apesar de não ter referido exatamente os seus nomes. Na segunda atividade, fez a montagem das máscaras autonomamente, sabendo nomear e posicionar corretamente os elementos da cara (olhos, nariz e boca). Conseguiu também identificar corretamente todas as emoções representadas nas máscaras, revelando assim algum conhecimento relativamente ao tema das emoções.

Na segunda sessão e ao longo da exploração da história “Todos nós nos sentimos felizes”, fez uma boa interpretação da história, referindo facilmente os elementos das suas ilustrações e identificando também a emoção alegria abordada ao longo da mesma. No jogo “Quem está alegre?”, selecionou corretamente as peças que representavam a emoção alegria e mencionando também que as restantes representavam a emoção tristeza. Relativamente ao desenho, quando lhe foi perguntado o que a deixava feliz, ela referiu de imediato o seguinte: “Brincar com os meus amigos”. Por fim, na realização dos puzzles, realizou os dois puzzles sem ajuda e após terminá-los descreveu corretamente as suas ilustrações bem como identificou a emoção alegria que estava representada nestes.

Na terceira sessão e após a visualização do filme “O Patinho Feio”, através de poucas pistas verbais recordou os principais acontecimentos do filme e no final identificou a emoção tristeza presente no mesmo. Na segunda atividade, depois da observação das duas imagens conseguiu reconhecer que as personagens se sentiam tristes. Em seguida, quando questionada acerca do que a deixava triste, não referiu nada em concreto. Por fim, no jogo da memória, formou os pares de peças iguais, identificou a emoção tristeza e através de pequenas pistas identificou pequenos pormenores característicos da expressão facial da emoção tristeza, tais como, as sobrancelhas descaídas e mais juntas e a boca fechada e contraída.

Por fim, na quarta sessão e durante a exploração da história “A Galinha Medrosa”, foi capaz de identificar a emoção medo e conseguiu interpretar as ilustrações da história sem dificuldade. Na segunda atividade relacionada com a primeira, através de poucas pistas verbais ordenou corretamente os principais momentos da história. Na atividade “Os meus medos”, quando lhe foi perguntado do que é que tinha medo, respondeu de imediato o seguinte: “No Carnaval, a minha mãe assustou-me vestida de palhaço, e eu tive medo”.

Uma vez que não foi possível implementar todas as sessões planificadas e por isso não conseguimos concluir o projeto, não conseguimos comprovar se este de facto trouxe os efeitos esperados, contudo, para completar ainda mais esta fase do projeto achamos pertinente também realizar uma apreciação do projeto tendo em conta o que foi realizado.

Passamos agora para um momento de reflexão acerca de projeto, uma vez que, qualquer projeto nunca estará totalmente completo e, por isso, poderá vir sempre a sofrer melhorias.

O projeto Crianças que sentem, crianças felizes foi pensado como forma de dar resposta às necessidades identificadas das crianças acolhidas no Ninho dos Pequenitos, uma Casa de Acolhimento pertencente à Associação SORRISO. Este projeto teve por base uma intervenção socioeducativa na qual participaram de oito crianças com idades compreendidas entre os dois e os seis anos.

As áreas definidas como importantes para a intervenção com estas crianças, inseriram-se na fase de diagnóstico do projeto, onde foi realizada uma análise de necessidades e aqui foi perceptível após alguns momentos de observação e interação com o grupo, que este revelava grandes níveis de irritabilidade, alguns comportamentos de oposição bem como pouca tolerância à frustração.

Além disso, com a observação e participação nas sessões de estimulação realizadas pela Dr.^a Ana Luísa, a Educadora Social do Ninho dos Pequenitos foi possível compreender que estas crianças revelavam dificuldades em áreas como a linguagem e a manipulação.

Assim, achamos que seria pertinente intervir nestas duas vertentes e neste sentido decidimos definir como temática geral do nosso projeto as emoções, pretendendo-se trabalhar não só o autoconhecimento emocional, ou seja, a capacidade de identificar as emoções em si mesmo, mas também o reconhecimento das emoções nos outros.

De modo a conseguir ligar as duas áreas de intervenção decidimos incluir nas planificações das sessões deste projeto diversas atividades que permitissem também trabalhar com as crianças as suas capacidades de manipulação e linguagem.

Relativamente à aplicação do projeto, consideramos que a principal limitação foi o pouco tempo que conseguíamos trabalhar com as crianças diariamente tendo em conta que todas elas estavam integradas em creche ou jardim de infância e nem todos os dias era possível estar com elas, devido a outras atividades inseridas na dinâmica da casa (reuniões, entrevistas a pais, realização de trabalhos de expressão plástica), o que não nos permitiu concluir o projeto.

Ainda assim, a avaliação do projeto, inclui as sessões que foram implementadas. Através desta conclui-se que de uma forma geral as crianças se mantiveram motivadas e envolvidas nas atividades que integraram as sessões do projeto.

Assim, após uma análise de todas as sessões podemos referir as seguintes conclusões. Na primeira sessão todas as seis crianças que participaram conseguiram identificar as emoções alegria, tristeza e raiva, contudo mais metade revelou dificuldades em identificar as emoções nojo, surpresa e medo. Relativamente aos sentimentos abordados (gratidão, amor, generosidade e solidão) metade das crianças demonstraram conhecer estes sentimentos ainda que não os tivessem referido exatamente pelo seu nome.

Da segunda sessão podemos concluir que todas as crianças conseguem reconhecer no outro a emoção alegria, contudo, no que diz respeito à capacidade de identificar a emoção alegria em si mesmo, apenas uma criança não conseguiu referir algo que a deixava feliz.

Relativamente à terceira sessão podemos mencionar que todos os elementos do grupo que participou no projeto conseguiram reconhecer no outro a emoção tristeza, porém, só metade revela conseguir identificar em si esta emoção.

Por fim, na quarta sessão duas das seis crianças que integram o grupo demonstraram dificuldade em reconhecer o medo no outro e não conseguiram mencionar nada que cause medo em si.

3.5.2 Análise SWOT

Para finalizar, importa apresentar a Análise SWOT realizada para o projeto que foi implementado.

Tabela 2 - Análise SWOT do projeto “Crianças que sentem, crianças felizes”

Pontos Fortes	Pontos Fracos
Relação positiva entre a formadora e as crianças; Pertinência e adequação dos temas; Estratégias lúdicas utilizadas; Aperfeiçoamento e desenvolvimento de competências ao nível da conceção,	Dificuldade na implementação da primeira sessão com o grupo; Dificuldades na avaliação do impacto; Dificuldade em integrar o projeto nas respostas diárias a dar às crianças no âmbito do estágio;

planificação.	
Oportunidades	Ameaças
Grupo participativo e motivado; Espaço adequado à realização das sessões; Abertura da orientadora local para a implementação do projeto.	Ausência de um elemento da equipa técnica nas sessões; Pouca disponibilidade no horário das crianças para as sessões.

Capítulo 4: Outras atividades

Além das atividades desenvolvidas no âmbito do nosso projeto individual, tivemos ainda a oportunidade de participar e colaborar noutras atividades inseridas na dinâmica da instituição que iremos apresentar em seguida. Em anexo encontramos algumas imagens destas atividades (Cf. Anexo XXVII).

- **Dia das Bruxas**

De forma a comemorar o dia das bruxas foram previamente construídos enfeites para decorar a porta de entrada da casa e a mesa do lanche, com recurso a rolos de papel higiénico e outros materiais. Daí resultaram enfeites engraçados como gatos, morcegos e fantasmas. Para além disso, as crianças realizaram ainda um trabalho de expressão plástica que resultou na construção de um fantasma e que envolveu técnicas como a pintura e o amassar de papel.

No dia das bruxas, as crianças tiveram a oportunidade de vestir fatos alusivos a este dia e de participar na confeção de gelatina juntamente com as funcionárias da casa e posteriormente de participar num lanche convívio.

- **O Outono**

Para trabalhar esta estação do ano foi realizado pelas crianças um trabalho de expressão plástica que consistiu na construção de uma árvore, através da carimbagem das mãos das crianças que representavam as folhas das árvores características desta estação do ano.

- **S. Martinho**

De forma a celebrar este evento foram preparados previamente vários cenários alusivos à Lenda de S.Martinho recorrendo a alguns materiais reciclados. Para comemorar este dia, foi realizada uma recriação desta lenda onde estiveram presentes as crianças do Ninho dos Pequenitos e turma convidada de jardim de infância onde alguns meninos do Ninho dos Pequenitos se encontram integrados.

Após este momento, foi realizado um lanche convivio, onde não faltaram as tradicionais castanhas.

- **Trabalhos expressão plástica de Natal**

No âmbito da época natalícia foi construídos alguns enfeites para decorar a casa, nomeadamente, a construção de postais com renas feitos pelas crianças, através da caribagem do seu pé.

Foi também realizado pelas crianças um trabalho de expressão plástica, no qual construíram um pai natal, através técnicas como a pintura e a colagem.

Além disso, foram também produzidos pelas estagiárias e a Educadora Social do Ninho dos Pequenitos, os convites de natal para distribuir por todos os convidados da festa de natal.

- **Festa de Natal**

A festa de Natal decorreu no dia 20 de dezembro de 2018 e contou com a presença de muitos convidados, nomeadamente, turmas de creches convidadas, onde alguns dos meninos da casa se encontram integrados, alguns representantes da Associação SORRISO e algumas pessoas da Maternidade Bissaya Barreto.

Este evento teve inicio com a dramatização da história “ *Baltasar, o Grande*” da autora Kirsten Sims, que foi realizada pelas estagiárias do Ninho dos Pequenitos e pela Educadora Social. Em seguida, assistimos a uma atuação do coro da Maternidade Bissaya Barreto que nos apresentou com algumas canções alusivas a esta época.

Posteriormente foi realizado um lanche convívio com a participação de todas as pessoas presentes na festa e por fim, recebemos a visita do Pai Natal que distribuiu as prendas a todas as crianças do Ninho.

- **Dia dos Reis**

No âmbito do dia dos reis foi realizado um trabalho de expressão plástica com as crianças que envolveu a construção de coroas decoradas com carimbos de diferentes formas.

- **O Inverno**

De modo a abordar esta estação do ano, realizamos um trabalho de expressão plástica com as crianças. Este consistiu na construção de uma árvore alusiva a esta estação do, onde as crianças aplicaram técnicas como a pintura e a colagem.

- **Carnaval**

Relativamente a este evento festivo, as crianças realizaram um trabalho de expressão plástica onde construíram um palhaço, o que envolveu técnicas como a colagem e a carimbagem das mãos e que nos permitiu trabalhar com elas os elementos da cara humana (boca, olhos e nariz).

- **Dia do Pai**

No âmbito deste dia, as crianças tiveram a oportunidade de criar um postal que decorara com um foguetão, elaborado através da carimbagem do seu pé e da técnica de colagem. No seu interior, este postal continha um desenho feito pelas crianças e uma foto sua. Todas as crianças no final deste trabalho puderam decidir a quem o dariam o seu postal, decidindo oferecer ao seu pai se isso fosse possível, ou caso não existisse a possibilidade de isso se concretizar, poderiam oferecer a alguém especial para elas.

- **Páscoa**

De forma a celebrar esta época festiva as crianças realizaram um trabalho de expressão plástica que envolveu a construção de ninhos de galinhas, envolvendo diversos materiais, bem como a pintura. Foram também construídas cestas, através da técnica do papier maché, com o propósito de decorar a mesa das refeições no dia de Páscoa.

- **Dia da mãe**

Para assinalar esta data comemorativa, construímos com as crianças postais para oferecerem á sua mãe, caso isso fosse possível, ou então a alguém que estas consideraram como sendo especial para si. Através da sua elaboração foi trabalhada a motricidade fina, através do desenho. Assim, no seu interior os postais incluíam uma foto da criança e um

desenho realizado por si. No caso dos bebés como isso não era possível colocámos também uma foto sua e a carimbagem do seu pé.

• Seminário

No dia 12 de abril de 2019, participámos no Seminário denominado “ *Olhares com Sentido*”, incluído na 9ª Campanha de Prevenção de Maus Tratos a Crianças e Jovens e que teve lugar no auditório do Hospital Pediátrico de Coimbra.

Este seminário teve início com uma sessão de Boas-Vindas contando com a apresentação da Professora Doutora Guiomar Oliveira, Diretora da UGI da Pediatria do Hospital Pediátrico- Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra.

A primeira parte deste seminário teve como moderadora a Dr.ª Mónica Oliva da Comissão Regional de Saúde da Mulher da criança e do adolescente (ARS Centro). A apresentação do tema: “O efeito do stress traumático no desenvolvimento cerebral da criança e do adolescente” foi realizada pelo Professor Doutor Miguel Castelo Branco, docente e investigador da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, que abordou assuntos relacionadas com a atividade do cérebro mediante processos de stress traumático nas crianças.

O segundo momento foi dedicado aos jovens, ou seja, tratou-se de um grupo de jovens que foi partilhar com público as suas experiências e dar a sua opinião acerca de temas atuais como o namoro e a violência no namoro, as redes sociais e os padrões de beleza impostos pela sociedade.

A terceira parte intitulou-se de “ What’s up? (H) APP (Y). Assim posso participar, yes!”, que teve como moderadora a Dr.ª Conceição Malhó Gomes, Diretora do Agrupamento de Escolas Coimbra Centro. Neste parte contámos com a presença da Professora Teresa Pessoa, Professora Associada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra que abordou temas como a sociedade da informação- as crianças como entidades digitais, a importância da *internet* e as vantagens que oferece de leitura, comunicação e pesquisa, o conceito de aldeia global e de web 2.0. No final, ainda nos deu a conhecer algumas aplicações que podem ser usadas de forma pedagógica.

Por fim, o último momento antes do encerramento deste seminário, designou-se de “ Uso e Abuso das Novas Tecnologias” e foi moderado pelo professor Luis Moura e Silva, da Wit Software. Neste estiveram presentes vários convidados que abordaram temas como

os perigos que existem online e os comportamentos aditivos, mediante o papel da tecnologia. Neste sentido, foram ainda apresentados alguns dados e notícias relativos a este tema e por fim, mencionadas algumas sugestões acerca de qual o papel dos pais para intervir nesta realidade.

- **Trabalho de expressão plástica da Primavera**

Para trabalhar esta estação do ano foi realizado um trabalho de expressão plástica que resultou na construção de uma borboleta. Para a sua realização foi necessário preparar cartolinas pretas A4 e moldes de borboletas e para concretizar a tarefa as crianças colaram um molde de borboleta na cartolina preta e em seguida pintaram a mesma com pastel bem como coloriram toda a restante cartolina. Em seguida foi descolada a borboleta pintada e com outro molde foi construída uma borboleta em 3D que foi colocada noutra parte da cartolina.

- **Trabalho de expressão plástica dos majericos**

De forma a assinalar os festejos dos Santos Populares foram desenhados vasos com majericos em folhas brancas A3. Em seguida com esponjas e tinta, as crianças coloriram os desenhos. Este trabalho foi usado para decorar o refeitório durante a época dos Santos Populares.

- **Passeio à Romaria Espírito Santo**

No âmbito da comemoração do dia da criança, no dia 31 de maio foi realizado um passeio à Romaria do Espírito Santo em Santo António dos Olivais. Aqui as crianças tiveram a oportunidade de pintar num painel, de assistir a teatro musical realizado pela Academia de Música de Coimbra e por fim, ainda puderam andar nos carroséis.

Para terminar o passeio foi realizado um pequeno-almoço na Mata Nacional de Vale de Canas.

- **Atividade Santos na Freguesia**

No dia 7 de junho as crianças do Ninho dos Pequenos foram assistir ao evento Santos na Freguesia, que decorreu no Terreiro da Erva e foi organizado pela Comissão Social da União de Freguesias de Coimbra. Aqui tiveram a oportunidade de desfrutar de um ambiente acolhedor, cheio de alegria e onde almoçaram sardinha assada com broa.

Anteriormente a este dia, as estagiárias do Ninho e a Educadora Social construíram um arco que serviu para decorar uma das ruas da baixa da cidade.

- **Apresentação dos instrumentos no Jardim de Infância da ANIP**

Após a sugestão da orientadora de estágio, Dr.^a Ana Luisa, elaborámos uma apresentação acerca dos instrumentos musicais em conjunto com a estagiária da Escola D. Duarte, tendo em conta que o tema do Plano de Atividades da instituição, era a “ A música”. Esta ideia resultou da leitura e exploração da história intitulada “ A aula de Tuba”, explorada pela orientadora de estágio em conjunto com as crianças. Assim em seguida, foram abordados os instrumentos integrados na apresentação para que as crianças pudessem conhecê-los. Após esta atividade surgiu a ideia de nos deslocarmos ao Jardim de Infância da ANIP (Associação Nacional de Intervenção Precoce) no dia 11 de junho, para que pudessemos explorar em conjunto com uma das turmas a história e em seguida expor a nossa apresentação acerca dos instrumentos. No final desta atividade as crianças tiveram ainda a oportunidade de construir maracas com garrafas de iogurte e massas.

- **Atividades IAC (Instituto de Apoio à Criança)**

As atividades organizadas pelo IAC foram realizadas no Ninho dos Pequenitos nos dias 7 de maio e 12 de junho. Estas consistiram na leitura e exploração de histórias, na realização de atividades de coordenação motora grossa, com exercícios organizados por sequências que permitiram trabalhar aspetos como as cores, os elementos do corpo (pés e mãos) e o lance de objetos. As crianças poderão também participar em atividades que possibilitavam trabalhar a motricidade fina, como a pintura e a colagem.

- **Passeio ao Portugal dos Pequenitos**

No dia 13 de junho as crianças do Ninho dos Pequenitos foram fazer uma visita ao Portugal dos Pequenitos, onde poderão explorar os seus vários espaços, divertindo-se muito. Em seguida assistiram a uma apresentação de dança organizada por uma turma da Escola Secundária D.Duarte, que gostaram muito e onde puderam interagir com os alunos entrando também na suas brincadeira. Por fim, puderam ainda desfrutar tranquilamente do seu almoço também na Escola Secundária D.Duarte.

- **Sardinhada**

No dia 19 de junho foi realizada a sardinhada no Ninho dos Pequenitos, onde estiveram presentes várias pessoas da Maternidade Bissaya Barreto e alguns representantes da Associação SORRISO.

Neste dia colaborámos na organização e decoração do espaço bem como na preparação desta refeição.

- **Outras atividades realizadas com a estagiária da Escola Secundária D. Duarte**

Todas estas atividades foram realizadas com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os dois e os seis anos e os seus objetivos eram essencialmente promover o autoconhecimento por meio da educação emocional, identificar as diversas emoções abordadas, desenvolver as habilidades sociais e estimular a imaginação e a partilha de sentimentos.

A primeira atividade consistiu na leitura e interpretação da história “ O Monstro das Cores” da autora Anna Llenas, de forma a que através da mesma as crianças fossem capazes de identificar e distinguir as diferentes emoções.

A atividade desenrolou-se da seguinte forma: inicialmente foi pedido às crianças que escutassem atentamente a história “ O Monstro das Cores”. Ao longo da história foi pedido às crianças que retirassem de vários potes, algumas bolinhas de várias cores, representativas das emoções e as colocassem e separassem por frascos de acordo com o sentimento que o monstrinho estava a sentir. Após o final da história e já com as emoções devidamente separadas, as crianças realizaram em seguida uma segunda atividade.

Esta consistiu em colorir um desenho à sua escolha da criança que retratava um dos monstros das emoções. Após colorirem o desenho de acordo com a cor correspondente à emoção, as crianças tinham que identificar a emoção representada pelo monstrinho que tinham selecionado.

A terceira tarefa relacionada também com história referida anteriormente consistiu na pintura e decoração dos frascos que vão surgindo ao longo da história. Assim as crianças coloriram estes frascos com as devidas cores representativas das emoções e decoraram-nos com bolinhas de cartolina brilhante.

Por fim, a última tarefa realizada também se relacionou com a história “ O Monstro das Cores” e consistiu na construção dos monstros representados na história. Para a concretização da mesma, cada criança teve a oportunidade de escolher o molde de um monstro feito em feltro e em seguida selecionar quais os olhos e boca que lhe iria colocar. Após a criança ter terminado o seu monstrinho, pode ainda atribuir-lhe um nome à sua escolha.

- **Aniversários**

No decorrer do estágio, foi nos possível participar em algumas festas de aniversário das crianças, sendo que no Ninho dos Pequenitos este evento é assinalado da forma mais familiar possível com a oferta de uma prenda e a existência de um bolo.

- **Debate Judicial**

Ao longo do estágio curricular, foi nos possível assistir a duas sessões de Debate Judicial no Tribunal de Família e Menores da Figueira da Foz e de Coimbra acompanhando alguns dos elementos da Equipa Técnica convocados para participar nestes debates.

- **Reuniões de Consultadoria Técnica**

Durante o estágio, também foi possível assistir às reuniões de Consultadoria Técnica, realizadas quinzenalmente e onde estiveram presente a equipa técnica e a equipa de consultadoria. Estas reuniões destinam-se à análise e supervisão da intervenção com as crianças acolhidas no Ninho dos Pequenitos.

- **Reuniões em Contexto pré-escolar**

No decorrer do estágio curricular, marcámos presença em várias reuniões realizadas em creches e jardins de infância e nas quais eram abordadas aspetos relativos ao desempenho escolar e outras informações pertinentes relativas às crianças do Ninho dos Pequenitos. Em algumas destas reuniões também esteve presente uma Educadora do Sistema Nacional de Intervenção Precoce (SNIPI) onde foram discutidos e avaliados os objetivos do Plano Individual de Intervenção Precoce (PIIP) da criança.

- **Reuniões com Equipas de Adoção**

Foi possível ao longo do estágio assistirmos a algumas reuniões onde estiveram presentes, a equipa de adoção, os técnicos da casa de acolhimento e os futuros pais e onde discutidas algumas informações para que pudesse ser planeado o processo de aproximação com a criança.

- **Relatório Anual de Atividades**

Embora não tenhamos participado ativamente na elaboração deste relatório, podemos assistir à mesma de forma a compreendermos como este era realizado. Este é documento que integra todas as atividades que se realizam na Casa de Acolhimento bem como, a sua avaliação anual, dando uma perspetiva geral do serviço que o Ninho dos Pequenitos garante às crianças acolhidas.

- **Relatório de Caracterização da Criança**

Apesar de também não termos participado de uma forma ativa, tivemos igualmente a oportunidade de assistir à elaboração deste relatório para compreendermos como é que esta ocorria. Este documento é emitido pela Equipa de Adoção da Segurança Social e engloba uma descrição das características, necessidades e informação pertinente relativa a criança à qual foi aplicada a medida de adoção.

- **Questionário de avaliação diagnóstica**

No âmbito da elaboração do relatório de avaliação diagnóstica, é efetuada a avaliação diagnóstica do contexto familiar da criança. Durante todo o estágio, assistimos a vários atendimentos onde foram realizados os questionários de avaliação diagnóstica relativos ao contexto familiar. Nestes é efetuada uma avaliação promenorizada das condições físicas, culturais, económicas e psicológicas, bem como das suas necessidades e recursos da família da criança.

- **Avaliação do desenvolvimento da criança**

Ao longo do estágio participámos em algumas avaliações relativas ao desenvolvimento da criança. Para a realização das mesmas foi necessário recorrer ao instrumento “Schedule of Growing Skills II”, um teste de avaliação do desenvolvimento

que possibilita avaliar crianças dos 0 aos 60 meses, muito utilizado no domínio da intervenção precoce.

- **Consultas no Hospital Pediátrico**

No âmbito da saúde tivemos a oportunidade de assistir a várias consultas no Hospital Pediátrico de Coimbra em áreas como a Psicologia e o Desenvolvimento, acompanhando assim um técnico do Ninhos dos Pequenitos e as crianças..

Considerações finais

O presente relatório dá conta de todo o trabalho desenvolvido no âmbito do estágio curricular que se encontra inserido no segundo ano do plano de estudos do Mestrado em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Assim, nesta fase iremos refletir acerca deste percurso que decorreu entre setembro de 2018 e junho de 2019. Começamos por referir que esta experiência de estágio foi um grande desafio, mas foi especialmente repleta de grandes aprendizagens que nos permitiram progredir, não só a nível profissional, mas também pessoal e desenvolver novas competências. Tudo isto foi possível graças à equipa técnica, equipa educativa e todas as crianças do Ninho dos Pequenitos que nos receberam da melhor forma e proporcionaram uma boa integração na Casa.

Durante este período acompanhámos as crianças acolhidas no Ninhos dos Pequenitos com idades entre os zero e os seis anos. Este encontra-se situado em Coimbra e está sob tutela da Associação SORRISO- Associação dos Amigos do Ninho dos Pequenitos como já foi referido anteriormente. Antes do seu acolhimento estas crianças encontravam-se expostas a situações de perigo que colocavam em causa o seu bem-estar e desenvolvimento integral.

Assim, estas chegaram ao Ninho devido sobretudo a antecedentes de maus-tratos, negligência e/ incapacidade educativa dos seus pais, o que impossibilitou que continuassem no seu meio familiar. Neste sentido, as mesmas foram encaminhadas pelos Tribunais de Família e Menores ou pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), através de um pedido formal onde foi solicitada vaga para o seu acolhimento e posteriormente, tendo lhe sido aplicada medida de promoção ou proteção.

Esta medida segundo o artigo 49º da Lei n.º 142/15 de 8 de setembro “consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações, equipamento de acolhimento e recursos humanos permanentes, devidamente dimensionados e habilitados, que lhes garanta os cuidados adequados.”

Assim, tendo em conta as características do público alvo do Ninho dos Pequenitos, bem como o que nos diz a literatura, considerámos que seria importante trabalhar no nosso projeto a temática das emoções. Como refere Batista (2013, citado por Vieira, 2017) “os/as cuidadores/as das crianças e dos jovens em acolhimento identificam como principais problemas os de foro emocional e comportamental” (p.12). Ainda de acordo com Moreira

(2018) “o acolhimento em instituição resulta da falta de um suporte familiar, em particular no domínio emocional, o qual não fornecia um desenvolvimento completo e harmonioso à criança/jovem” (p.36). Esta situação de falta de apoio por parte dos pais na educação e desenvolvimento, “culmina na impossibilidade de os jovens se identificarem com as figuras parentais de referência, o que seria extremamente importante para o seu desenvolvimento emocional e social” (Brazelton & Greenspan, 2002, citado por Moreira, 2018, p.43). Assim, concluímos que as experiências negativas vividas antes e por vezes também durante o acolhimento, no ambiente familiar estão relacionadas com problemas emocionais e comportamentais que terão um impacto significativo no futuro destas crianças e jovens.

Assim, com o projeto Crianças que sentem, crianças felizes implementado entre fevereiro e junho de 2019, pretendeu-se como um objetivo principal contribuir para que as crianças desenvolvessem as suas competências emocionais, de modo a conseguirem identificar o que sentem, a reconhecerem as emoções que os outros manifestam e a conseguir lidar e regular da melhor forma com as suas emoções, contribuindo para o seu bem-estar e desenvolvimento integral, mas também para uma melhoria da sua relação com os pares.

Voltando agora à análise de todo o percurso do nosso estágio, consideramos que este nos possibilitou aperfeiçoar e desenvolver novas competências ao nível da conceção, planificação, desenvolvimento e avaliação de ações educativas. Importa também mencionar que nos foi ainda possível melhorar e desenvolver outras competências transversais como a empatia, comunicação assertiva, escuta ativa, resiliência e flexibilidade, muito importantes ao longo de todo o período de estágio.

Tudo isto nos permitiu também desenvolver a capacidade de trabalhar em equipa, de forma a compreender o exercício que é destinado a uma equipa e quais as funções que cada profissional de uma área diferente desempenha. O que resulta num trabalho que se guia pelo mesmo propósito e que neste contexto passa sobretudo por dar resposta às necessidades destas crianças, tendo em conta o contexto onde se encontram inseridas. Neste sentido, podemos também mencionar que em todos os momentos ao longo do nosso estágio assegurámos a nossa ética profissional, mantendo a confidencialidade e o sigilo relativamente à privacidade das crianças que acompanhámos.

Abordando agora o contributo das Ciências da Educação nas Casas de Acolhimento, consideramos que a presença do profissional de Ciências da Educação é uma mais valia pois, poderá realizar trabalho de investigação em diferentes áreas, planificar,

implementar e avaliar projetos socioeducativos de diversas naturezas, englobando a planificação de intervenções que incluem estratégias e métodos adequados ao público e à instituição e com vista à promoção do bem-estar das crianças e jovens e à sua integração na comunidade. Também é importante referir que o profissional das Ciências da Educação poderá realizar um trabalho continuado com as crianças e jovens exercendo funções de Educador Social, de forma a promover o desenvolvimento integral destes, estimulando um ambiente protegido, respeitando a sua identidade, apoiando a sua autonomia e integração social por meio das intervenções socioeducativas que dinamiza.

Para concluirmos este relatório, importa ainda que façamos referência à Análise SWOT relativa a todo este trabalho desenvolvido durante o nosso estágio curricular e na qual, iremos mencionar quais os pontos fortes que possibilitaram que esta experiência fosse mais vantajosa e os pontos fracos que de alguma forma limitaram a nossa intervenção, assim como as oportunidades e os desafios encontrados.

Tabela 3 - Análise SWOT do Estágio

Pontos Fortes	Pontos Fracos
<p>Relação positiva com todas as pessoas da instituição;</p> <p>Boa integração na dinâmica da instituição;</p> <p>Colaboração com a equipa técnica da instituição;</p> <p>Adequação do tema do projeto às necessidades do grupo;</p> <p>Planificação das sessões do projeto adequada às características do grupo;</p> <p>Estratégias lúdicas utilizadas nas sessões;</p> <p>Desenvolvimento e aperfeiçoamento de competências transversais como a empatia, escuta ativa e flexibilidade.</p>	<p>Falta de à vontade na exposição na primeira sessão do projeto;</p> <p>Necessidade de desenvolver mais competências ao nível da avaliação de ações educativas;</p> <p>Dificuldade na avaliação das sessões;</p> <p>Necessidade de desenvolver mais competências ao nível da resolução de problemas.</p>
Oportunidades	Ameaças

<p>Abertura à intervenção junto das crianças;</p> <p>Disponibilidade e acompanhamento da equipa técnica;</p> <p>Receção positiva ao estágio pelo grupo de crianças;</p> <p>Motivação do grupo de crianças e participação positiva no projeto.</p>	<p>Inicialmente pouco conhecimento acerca das funções do profissional de Ciências da Educação numa Casa de acolhimento.</p> <p>Tempo reduzido de contacto com as crianças.</p>
---	--

Referências Bibliográficas

Arruda, M. J. F. C. (2014) *O ABC das Emoções Básicas. Implementação e avaliação de duas sessões de um programa para a promoção de competências emocionais. Um*

enfoque comunitário (Dissertação de Mestrado). Universidade dos Açores, Ponta Delgada.

Associação Sorriso (2018a). *Ninho dos Pequenitos*. Retirado em outubro, 2018, de:

<https://sorriso-ninhodospequenitos.com/index.php/instituicao#verticalTab2>.

Associação Sorriso (2018a). *Ninho dos Pequenitos*. Retirado em outubro, 2018, de:

https://sorriso-ninhodospequenitos.com/index.php/respostas_sociais/item/1.

Associação SORRISO. (2015). *Estatutos SORRISO- Associação dos Amigos do Ninho dos*

Pequenitos. Retirado em novembro, 2018, de: <https://sorriso->

[ninhodospequenitos.com/uploads/instituicao_uploads/Estatutos%20da%20Sorriso%202015.pdf](https://sorriso-ninhodospequenitos.com/uploads/instituicao_uploads/Estatutos%20da%20Sorriso%202015.pdf).

Camacho, L.M.T. (2012). *O desenvolvimento psicossocial de crianças e jovens em risco institucionalizadas* (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Línguas e Administração, Leiria.

Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens.

(2018a,b,c). *Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das*

Crianças e Jovens. Retirado em Dezembro, 2018, de:

<https://www.cnpdpcj.gov.pt/materiais-diversos/a-crianca-em-risco/conceito-de-riscoperigo.aspx>.

Correia, A. S. G. (2014). *A competência no reconhecimento da expressão facial da emoção: Estudo Empirico com crianças e jovens com Perturbação do Espectro do Autismo* (Tese de doutoramento). Universidade Fernando Pessoa, Porto.

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (2016).

Regulamento dos Estágios no Âmbito dos Mestrados Académicos- Área das Ciências da Educação. Retirado em Outubro, 2018, de:

https://www.uc.pt/fpce/normas/pdfs/regulamentos/fpce/Regulamento_Estagios_Mestrados_Academicos_CE_29_Abril.pdf

- Freitas-Magalhães, A. (2007). *A Psicologia das Emoções: o fascínio do rosto humano*. Escrytos
- Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). (1990). *Convenção sobre os direitos da criança*.
- Goleman, D. (2003). *Inteligência emocional* (12.^a ed.). Lisboa: Temas e Debates.
- Gratz, K. L. & Roemer, L. (2004). Multidimensional Assessment of Emotion Regulation and Dysregulation: Development, Factor Structure, and Initial Validation of the Difficulties in Emotion Regulation Scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(1), 41-54.
- Instituto da Segurança Social (2005). *Percursos de vida dos jovens após a saída de Lares de Infância e Juventude*. Lisboa: ISS. IP.
- Lazarus, R. S. (1991). *Emotion and Adaptation*. New York: OXFORD UNIVERSITY PRESS.
- Loulé, F.M.R. (2010). *Crianças em perigo: A prática profissional dos assistentes sociais nas CPCJ's da sub-região do Baixo Mondego* (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Macedo, D., Martinho, F., Simões, H., & Oliveira, V. (2018), *CASA 2017 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: Instituto da Segurança Social, I.P.
- Melo, A. & Soares, I. (2006). Desenvolvimento Emocional e psicopatologia da criança. *Revista PSYCHOLOGICA*, 43, 41-62.
- Mendes, T.S. & Santos, P.V. (2014). *Acolhimento de Crianças e Jovens em Portugal*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Moreira, M. S. O. (2018) *Mãos que protegem, corações que acolhem. O acolhimento de crianças e jovens em Portugal* (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Serviço Social do Porto, Porto.
- Ninho dos Pequenitos. (2017). *Projeto Educativo: Ninho dos Pequenitos*. Consultado em Maio, 2019.
- Ninho dos Pequenitos. (2017). *Regulamento Interno: Ninho dos Pequenitos*. Retirado em outubro, 2018, de: https://sorriso-ninhodospequenitos.com/uploads/instituicao_uploads/Regulamento%20Interno.pdf.
- Pérez Serrano, G. (2008). *Elaboração de projetos sociais: casos práticos*. Porto: Porto Editora.
- Reverendo, I.M.M.S. (2011). *Regulação emocional, satisfação com a vida e percepção da aceitação. Estudo de adaptação e validação da versão portuguesa do Emotion Regulation Index for Children and Adolescents* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Santos, M.R.R. (2014). O sofrimento da criança na vivência da disputa de guarda no contexto da justiça. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 48(1), 25-37.
- Vale, V.M.S. (2012). *Tecer para não ter de remedar: o desenvolvimento socioemocional em idade pré-escolar e o programa anos incríveis para educadores de infância*(Tese de doutoramento). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Vieira, N. D. S. (2017). *Os lugares e as práticas de participação das crianças e a ação do/as adultos/as: Projeto de Intervenção numa Casa de Acolhimento Residencial* (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa.

Legislação Consultada

Diário da República, 1ª série-A – nº 204. Lei n.º 147/99, de 1 de setembro. (Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo).

Diário da República, 1ª série- A – nº 193. Lei nº 31/2003, 22 de agosto. (Segunda alteração à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo).

Diário da República, 1ª série- nº 175. Lei n.º 142/2015, de 8 de setembro. (Terceira alteração à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo).

Diário da República, 1ª série- nº 99. Lei n.º 23/2017, de 23 de maio. (Quarta alteração à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo).

Anexos

Materiais relativos à 1ª Sessão

Anexo I – Matriz de Planificação da 1ª Sessão

Projeto	Crianças que sentem, crianças felizes
Tema	As Emoções Básicas
Ação	Sessão 1: À descoberta das emoções
Local Tempo previsto	Sala de Atividades Lúdico Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra Duas sessões de 45 minutos, com um intervalo de 15 minutos entre elas
Dinamizador(es) responsáveis	Estagiária Patrícia Lopes e Dr.ª Ana Luísa Dinis
Grupo-alvo	Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos
Objetivo geral	Conhecer as emoções básicas

Momento/ Tempo	Objetivos específicos	Conteúdos Pontos-chave	Métodos/ Estratégias/ Técnicas	Recursos	Atividades das Crianças	Avaliação
Início da ação Boas vindas 5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> Familiarizam-se com o tema e os objetivos da sessão. 	Temática e objetivos da sessão.	Método: Expositivo	Mesa e cadeiras em círculo.	<ul style="list-style-type: none"> Observação e escuta atenta. 	Observação direta

<p>Desenvolvimento da ação</p> <p>“ Todos iguais, sentimentos diferentes”.</p> <p>40 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecem cada uma das emoções básicas; • São capazes de identificar a expressão facial correspondente a cada emoção; • Conseguem identificar alguns dos sentimentos abordados no livro. 	<p>As emoções básicas: alegria, tristeza, surpresa, medo, raiva e nojo.</p>	<p>Métodos:</p> <p>Ativo, participativo e interrogativo.</p>	<p>Mesa e cadeiras em círculo;</p> <p>Livro “ Tudo o que nós sentimos”.</p> <p>Fantoches das emoções.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Escutar e explorar atentamente o livro “ Tudo o que nós sentimos”. • Interagir na exploração do livro recorrendo aos fantoches representativos das emoções que lhe são entregues, de forma a que estas consigam identificar a expressões faciais nos fantoches das emoções representadas no livro. 	<p>Observação direta</p>
---	---	---	---	---	---	--------------------------

					<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os sentimentos abordados no livro. 	
<p>Final da ação</p> <p>Máscaras das emoções</p> <p>45 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicam o seu conhecimento das expressões faciais nas máscaras das emoções. 	Expressões faciais correspondentes a cada emoção básica.	<p>Métodos:</p> <p>Ativo, participativo e interrogativo</p>	<p>Mesa e cadeiras em círculo;</p> <p>Molde de rosto em cartolina com velcro.</p> <p>Elementos correspondentes às expressões faciais (boca, olhos, nariz) com velcro</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Escutar atentamente as instruções para a realização do trabalho. • Construir máscaras que representem as emoções representadas no livro com recurso aos materiais que lhe serão disponibilizados (molde de 	<p>Observação direta</p> <p>Atividade: “ As máscaras das emoções”.</p>

					rosto e elementos como a boca, olhos, etc), de forma a que consigam representar as expressões faciais de todas as emoções exploradas ao longo da sessão.	
--	--	--	--	--	--	--

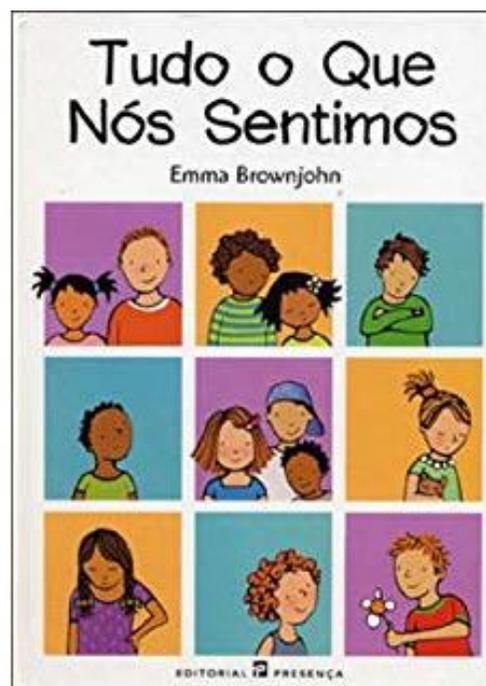
Anexo II - Matriz de Planificação da Atividade 1 da 1ª Sessão

Sessão: Á descoberta das emoções
Atividade: Exploração do livro “ Tudo o que nós sentimos”
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo total: 40 minutos
Dinamizador(es) responsável: Estagiária Patrícia Lopes e Dr.ª Ana Luísa Dinis
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos

Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
Exploração do livro “ Tudo o que nós sentimos”	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a expressão facial correspondente a cada emoção; • Estimular a linguagem; • Ampliar o vocabulário; • Interpretar as ilustrações. • Identificar alguns dos sentimentos abordados no livro. 	<p>As emoções básicas: alegria, tristeza, surpresa, medo, raiva e nojo;</p> <p>Os Sentimentos.</p>	<p>Recursos humanos: Formadoras e crianças;</p> <p>Recursos Materiais: Livro “ Tudo o que nós sentimos”;</p> <p>Fantoches das emoões</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Explicar em que consiste a atividade; 2. Explorar livro colocando questões ás crianças para que identifiquem as emoções e respetivas expressões faciais, bem como alguns dos 	40 minutos

				sentimentos abordados no livro. 3. Interpretar as ilustrações do livro;	
--	--	--	--	--	--

Livro “ Tudo o que nós sentimos”



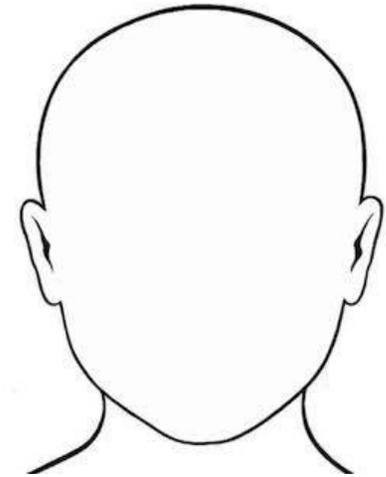
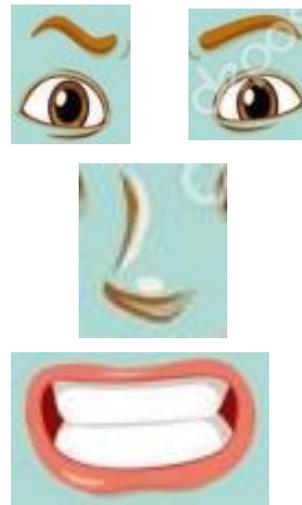
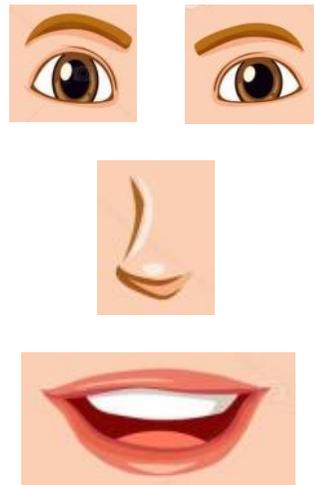
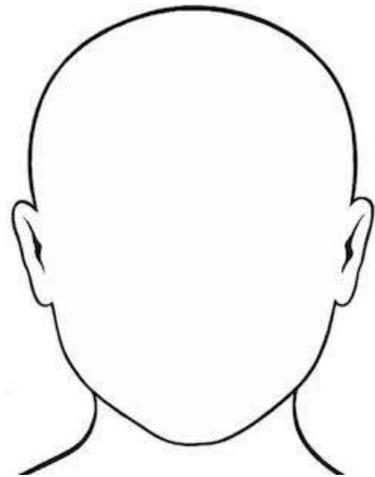
Anexo III - Matriz de Planificação da Atividade 2 da 1ª Sessão

Sessão: Á descoberta das emoções
Atividade: As máscaras das emoções
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas- CAT- Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo total: 45 minutos
Dinamizador(es) responsável: Estagiária Patrícia Lopes e Dr.ª Ana Luísa Dinis
Grupo alvo: Utentes do CAT- Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos

Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
As máscaras das emoções	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as expressões faciais de cada emoção; • Reconhecer e nomear os elementos da cara; • Estimular a linguagem; • Desenvolver a motricidade fina. 	As emoções básicas: alegria, tristeza, surpresa, medo, raiva e nojo;	Recursos humanos: Formadoras e crianças; Recursos Materiais: Molde de rosto em cartolina e com velcro; Elementos da cara (olhos, nariz e boca) com velcro.	4. Explicar em que consiste a atividade; 5. Construir as máscaras das emoções, posicionando corretamente os elementos da cara (olhos, nariz e boca);	45 minutos

				<p>6. Nomear os elementos da cara;</p> <p>7. Identificar a expressão facial das emoções representada em cada máscara.</p>	
--	--	--	--	---	--

Máscaras das emoções



Materiais relativos à 2ª Sessão

Anexo IV – Matriz de Planificação da 2ª Sessão

Projeto	Crianças que sentem, crianças felizes
Tema	As Emoções Básicas
Ação	Sessão 2: A alegria
Local	Sala de Atividades Lúdico-Pedagógicas do Ninho dos Pequenos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo previsto	2 sessões de 45 minutos, com um intervalo de 15 minutos entre elas
Dinamizador(es) responsáveis	Estagiária Patrícia Lopes
Grupo-alvo	Crianças do Ninho dos Pequenos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos
Objetivo geral	Conhecer a emoção alegria

Momento/ Tempo	Objetivos específicos	Conteúdos Pontos-chave	Métodos/ Estratégias/ Técnicas	Recursos	Atividades das Crianças	Avaliação
Início da ação Boas vindas 5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> Familiarizam-se com o tema e os objetivos da sessão. 	Temática e objetivos da sessão.	Método: Expositivo	Mesa e cadeiras em círculo.	<ul style="list-style-type: none"> Observação e escuta atenta. 	Observação direta

<p>Desenvolvimento da ação</p> <p>A alegria</p> <p>40 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificam a emoção alegria; • Identificam as expressões faciais que caracterizam a emoção alegria. 	<ul style="list-style-type: none"> • A emoção básica: alegria. 	<p>Métodos:</p> <p>Ativo, interrogativo e participativo</p>	<p>Mesa e cadeiras em círculo;</p> <p>Livro “ Todos nós nos sentimos felizes”;</p> <p>Jogo “ Quem está alegre?”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Escutar atentamente a leitura da história “ Todos nós nos sentimos felizes”; • Explorar as suas ilustrações e interagir, respondendo às questões que lhe são colocadas; • Identificar a emoção alegria; • Realizar um jogo do qual fazem parte diversos desenhos animados com as expressões 	<p>Observação direta</p> <p>Atividade: Jogo “ Quem está alegre?”</p>
--	---	---	--	--	--	--

					faciais da alegria e tristeza, de forma a que consigam selecionar os desenhos que representam a expressão facial da emoção alegria.	
<p>Final da ação</p> <p>“ Sentio-me feliz quando...”</p> <p>45 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecem e identificam situações que suscitam alegria em si mesmos. 	<ul style="list-style-type: none"> Autoconhecimento da emoção alegria em si. 	<p>Métodos:</p> <p>Ativo, participativo e participativo.</p>	<p>Mesa e cadeiras em círculo;</p> <p>Folha para desenhar;</p> <p>Lápis de cor;</p> <p>Puzzle da emoção alegria.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Partilhar alguns momentos do seu dia a dia em que se sentem felizes; Realizar um desenho de um desses momentos, 	<p>Observação direta</p> <p>Atividade: Desenho</p> <p>Puzzle representativo da emoção alegria</p>

					<p>de modo a que consigam identificar a emoção alegria em si mesmos;</p> <ul style="list-style-type: none">• Construir um puzzle ilustrativo da emoção alegria e interpretar as suas ilustrações	
--	--	--	--	--	--	--

Anexo V – Matriz de Planificação da Atividade 1 da 2ª Sessão

Sessão: A alegria
Atividade: Leitura e exploração da história “ Todos nós nos sentimos felizes”
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo total: 25 minutos
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos

Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
Leitura da História “ Todos nós nos sentimos felizes”	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a emoção alegria; • Estimular a linguagem; • Ampliar o vocabulário; • Interpretar as ilustrações. 	A emoção básica: alegria.	Recursos humanos: Formadora e crianças; Recursos Materiais: Livro da História “Todos nós nos sentimos felizes”.	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar em que consiste a atividade; • Interpretar a história e as suas ilustrações, respondendo às questões colocadas acerca da mesma; • Identificar a emoção alegria abordada ao 	25 minutos

				longo da história.	
--	--	--	--	--------------------	--

Livro “ Todos nós nos sentimos felizes”



Anexo VI – Matriz de Planificação da Atividade 2 da 2ª Sessão

Sessão: A alegria
Atividade: Jogo “ Quem está alegre?”
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo total: 15 minutos
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos

Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
Jogo “ Quem está alegre?”	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as expressões faciais que caracterizam a emoção alegria; • Estimular a linguagem; • Ampliar o vocabulário; • Interpretar as 	A emoção básica: alegria.	Recursos Humanos: Formadora e crianças; Recusos Materiais: Jogo “ Quem está alegre?”.	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar em que consiste a atividade; • Intrepretar as ilustrações das peças do jogo; • Selecionar as peças que ilustram a 	15 minutos

	ilustrações.			emoção alegria.	
--	--------------	--	--	-----------------	--

Jogo “ Quem está alegre”



Anexo VII – Matriz de Planificação da Atividade 3 da 2ª Sessão

Sessão: A alegria
Atividade: Desenho de um momento de felicidade
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo total: 25 minutos
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos

Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
Desenho de um momento de felicidade	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer e identificar situações que suscitam tristeza em si mesmos; • Estimular a linguagem; • Promover a livre expressão e o autoconhecimento; • Desenvolver a motricidade fina. 	A emoção básica: alegria	Recursos Humanos: Formadora e crianças; Recursos Materiais: Folha que tem escrito: “Quando me sinto feliz”; Lápis de cor.	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar em que consiste a atividade; • Partilhar momentos que suscitam tristeza em si mesmos; • Selecionar uma dessas situações para desenhar; • Desenhar apenas um 	25 minutos

				momento que suscitou alegria;	
				<ul style="list-style-type: none">• Interpretar e explicar o desenho realizado.	

Desenho de um momento de felicidade

Um dos meus momentos mais feliz é ...



Anexo VIII – Matriz de Planificação da Atividade 4 da 2ª Sessão

Sessão: A alegria
Atividade: Puzzles representativos da emoção alegria
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas- CAT- Ninho dos Pequenos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo total: 20 minutos
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos

Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
Puzzle representativo da emoção alegria	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a expressão facial que caracteriza a emoção alegria; • Desenvolver a capacidade de observação; • Estimular a linguagem; • Ampliar o vocabulário; • Estimular a motricidade fina. 	A emoção básica: alegria.	<p>Recursos Humanos: Formadora e crianças;</p> <p>Recursos Materiais: Puzzle representativo da emoção alegria.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar em que consiste a atividade; • Disponibilizar os puzzles às crianças; • Realizar o encaixe de todas as peças até finalizar o puzzle; • Interpretar as ilustrações representadas nos 	20 minutos

				puzzles.	
--	--	--	--	----------	--

Puzzles representativos da emoção alegria



Materiais relativos à 3ª Sessão

Anexo IX - Matriz de Planificação da 3ª Sessão

Projeto	Crianças que sentem, crianças felizes
Tema	As Emoções Básicas
Ação	Sessão 3: A tristeza
Local	Sala de Atividades Lúdico-Pedagógicas do Ninho dos Pequenos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo previsto	2 sessões de 45 minutos, com um intervalo de 15 minutos entre elas
Dinamizador(es) responsáveis	Estagiária Patrícia Lopes
Grupo-alvo	Crianças do Ninho dos Pequenos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos
Objetivo geral	Conhecer a emoção tristeza

Momento/ Tempo	Objetivos especificos	Conteúdos Pontos-chave	Métodos/ Estratégias/ Técnicas	Recursos	Atividades das Crianças	Avaliação
Início da ação Boas vindas 5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> Familiarizam-se com tema e os objetivos da sessão. 	Temática e objetivos da sessão.	Métodos: Expositivo	Mesa e cadeiras em círculo.	<ul style="list-style-type: none"> Observação e escuta atenta. 	Observação direta

<p>Desenvolvimento da ação</p> <p>A tristeza</p> <p>40 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Nomeiam a emoção tristeza quando a visualizam num filme; • Identificam as expressões faciais que caracterizam a emoção tristeza; 	<p>A emoção básica: tristeza;</p>	<p>Métodos:</p> <p>Ativo, interrogativo e participativo</p>	<p>Mesa e cadeiras em círculo; Tablet.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Visualizar o filme do “Patinho Feio”, debatendo os conteúdos e as ilustrações do mesmo e identificando a emoção tristeza no decorrer do filme. 	<p>Observação direta</p> <p>Atividade: Exploração do filme do “Patinho Feio”</p>
<p>Descobre a emoção!</p> <p>25 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecem e identificam situações que suscitam tristeza em si e nos outros. 	<p>Autoconhecimento da emoção tristeza em si; Reconhecimento da emoção tristeza no outro.</p>	<p>Métodos:</p> <p>Ativo, interrogativo e participativo.</p>	<p>Mesas e cadeiras em círculo; Folha com ilustrações de situações que representam a tristeza; Lápis de cor.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretar as ilustrações da atividade identificando a emoção tristeza representada pelas personagens; • Partilhar 	<p>Atividade: Descobre a emoção.</p>

					alguns momentos tristes e realizar o respetivo desenho.	
<p>Final da ação</p> <p>Jogo da memória</p> <p>20 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> Identificam as características faciais da emoção tristeza. 	<p>Características faciais da emoção tristeza: sobrancelhas descaídas e mais juntas, boca fechada e queixo tenso, pálpebras contraídas etc.,</p>	<p>Métodos:</p> <p>Ativo, interrogativo e participativo.</p>	<p>Mesa e cadeiras em círculo; Jogo da memória.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Realizar o jogo da memória com figuras ilustrativas da emoção tristeza; Nomear as características faciais da emoção alegria (sobrancelhas descaídas e mais juntas, o movimento das pálpebras, a boca 	<p>Atividade: Jogo da memória representativo da emoção tristeza.</p>

					fechada,...).	
--	--	--	--	--	---------------	--

Anexo X – Matriz de Planificação da Atividade 1 da 3ª Sessão

Sessão: A Tristeza					
Atividade: Visualização do filme “ O Patinho Feio”					
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra					
Tempo total: 25 minutos					
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes					
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos					
Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
Visualização do filme “ O Patinho Feio”	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a emoção Tristeza; • Estimular a linguagem; • Ampliar o vocabulário; • Interpretar e recordar os conteúdos do filme. 	A emoção básica: tristeza.	Recursos humanos: Formadora e crianças; Recursos Materiais: Tablet.	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar em que consiste a atividade; • Visualizar o filme do patinho feio; • Debater e recordar os principais conteúdos do filme; • Identificar a emoção tristeza, que foi abordada ao longo do filme. 	25 minutos

Filme “ O Patinho feio”



Anexo XI – Matriz de Planificação da Atividade 2 da 3ª Sessão

Sessão: A tristeza
Atividade: Descobre a emoção!
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo total: 25 minutos
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes
Grupo alvo: Crianças Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos

Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
Descobre a emoção!	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer e identificar situações que suscitam tristeza nos outros e em si mesmos; • Estimular a linguagem; • Promover a livre expressão e o autoconhecimento; • Desenvolver a motricidade fina. 	A emoção básica: tristeza	Recursos Humanos: Formadora e crianças; Recursos Materiais: Folha com ilustrações de situações que representam a tristeza; Lápis de cor.	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar em que consiste a atividade; • Explorar as ilustrações que representam a emoção tristeza e identificar a mesma representada nas personagens; • Partilhar momentos 	25 minutos

				<p>que suscitam em si tristeza;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Seleccionar uma dessas situações para desenhar; • Interpretar e explicar o desenho realizado. 	
--	--	--	--	--	--

Atividade “Descobre a emoção”



Este é o Pedro! Os amigos do Pedro estavam no recreio a jogar à bola.
 O Pedro perguntou-lhes se também podia jogar.
 Os amigos disseram que não.
 (Como achas que o Pedro se sentiu?)



A Joana está a brincar com o seu peluche preferido, e a Rita perguntou-lhe se também podia brincar com ele.
 A Joana disse-lhe que não.
 (Como achas que a Rita se sentiu?)



Este/a é o/a _____. Por vezes também existem momentos em que me sinto triste, especialmente, quando _____
 _____.

Anexo XII– Matriz de Planificação da Atividade 3 da
3ª Sessão

Sessão: A Tristeza
Atividade: Jogo da Memória
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo total: 20 minutos
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos

Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
Jogo da Memória	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a expressão facial que caracteriza a emoção tristeza; • Identificar as características faciais da emoção tristeza; • Estimular a 	<p>A emoção básica: tristeza;</p> <p>Características faciais da emoção tristeza: sobrancelhas descaídas e mais juntas, boca fechada e queixo tenso, pálpebras contraídas etc.,;</p>	<p>Recursos Humanos: Formadoras e crianças;</p> <p>Recusos Materiais: Jogo da memória.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar em que consiste a atividade; • Reconhecer e identificar a expressão facial da emoção tristeza; • Identificar as características 	20 minutos

	linguagem; • Ampliar o vocabulário; • Interpretar as ilustrações.			faciais da emoção tristeza; .	
--	---	--	--	-------------------------------------	--

Jogo da Memória



Materiais relativos à 4ª Sessão

Anexo XIII - Matriz de Planificação da 4ª Sessão

Projeto	Crianças que sentem, crianças felizes
Tema	As Emoções Básicas
Ação	Sessão 3: O medo
Local	Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo previsto	2 sessões de 45 minutos, com um intervalo de 15 minutos entre elas
Dinamizador(es) responsáveis	Estagiária Patrícia Lopes
Grupo-alvo	Crianças do Ninho dos Pequenos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos
Objetivo geral	Conhecer a emoção medo

Momento/ Tempo	Objetivos especificos	Conteúdos Pontos-chave	Métodos/ Estratégias/ Técnicas	Recursos	Atividades das Crianças	Avaliação
Início da ação Apresentação da Sessão 5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> Familiarizam-se com o tema e os objetivos da sessão. 	Temática e objetivos da sessão.	Método: Expositivo.	Mesa e cadeiras em círculo.	<ul style="list-style-type: none"> Observação e escuta atenta. 	Observação direta.

<p>Desenvolvimento da ação</p> <p>“A Galinha Medrosa”</p> <p>45 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificam a emoção medo; • Recordam os principais momentos da história “ A Galinha Medrosa”; • Identificam a emoção medo nos outros. 	<p>A emoção básica: medo.</p> <p>Reconhecimento da emoção tristeza no outro.</p>	<p>Métodos:</p> <p>Ativo, participativo e interrogativo.</p>	<p>Mesa e cadeiras em círculo;</p> <p>História “ A Galinha Medrosa ”;</p> <p>Tablet;</p> <p>Sequência da história.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Escutar atentamente a leitura da história, explorar as suas ilustrações e responder às questões que lhe são colocadas; • Recordar e nomear os principais momentos da história explorada anteriormente; • Ordenar corretamente os principais momentos da história; • Identificar a 	<p>Observação direta</p> <p>Atividade: Ordenar a sequência da história “ A Galinha Medrosa”</p>
--	--	--	---	--	--	---

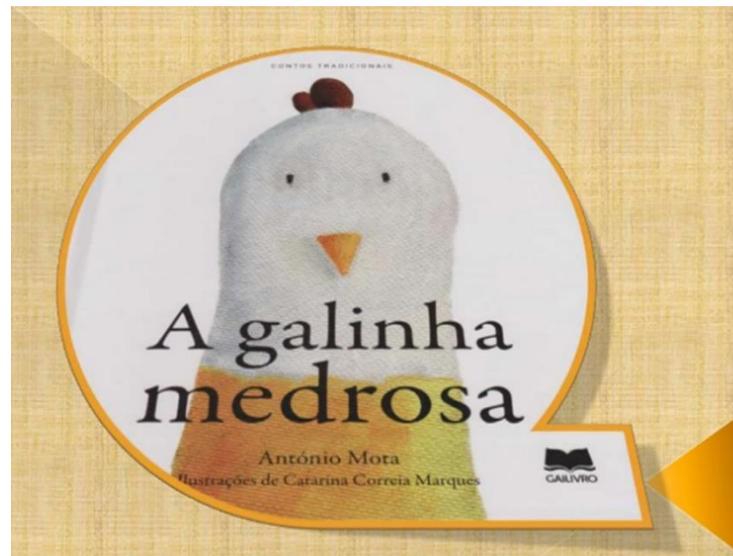
					emoção medo no outro.	
<p>Final da ação</p> <p>“ Os meus medos”</p> <p>35 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecem e identificam situações que suscitam medo em si mesmos. 	Autoconhecimento da emoção medo em si.	<p>Métodos:</p> <p>Ativo, participativo e interrogativo.</p>	Ilstruação de um pote; Lápis de cor.	<ul style="list-style-type: none"> • Partilhar momentos, situações ou algo característico que suscita medo em si; • Selecionar um desses momentos, situações ou aspeto característico que represente medo para si; • Identificar e reconhecer em si a reação perante esse medo. 	<p>Atividade:</p> <p>Iustração: “ Os meus medos”</p>

Anexo XIV – Matriz de Planificação da Atividade 1 da 4ª Sessão

Sessão: O medo					
Atividade: Leitura e exploração da História " A Galinha Medrosa"					
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra					
Tempo total: 30 minutos					
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes					
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos					
Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
Leitura e exploração da História “ A Galinha Medrosa”	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a emoção medo; • Estimular a linguagem; • Ampliar o vocabulário; • Interpretar as ilustrações de uma história; • Reconhecer e 	A emoção básica: medo.	Recursos humanos: Formadora e crianças; Recursos Materiais: História “ A Galinha Medrosa”; Tablet.	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar em que consiste a atividade; • Escutar atentamente a história e responder questões colocadas acerca da mesma; • Interpretar as ilustrações da história; • Reconhecer e Indentificar a emoção 	30 minutos

	identificar a emoção medo nos outros.			medo nos outros, abordada ao longo da história.	
--	---	--	--	---	--

História “A Galinha Medrosa”



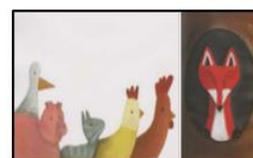
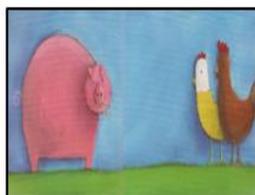
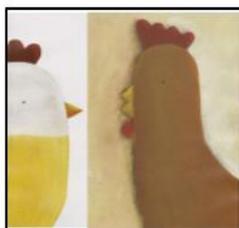
Anexo XV – Matriz de Planificação da Atividade 2 da 4ª Sessão

Sessão: O medo
Atividade: Ordenar a sequência da história “ A Galinha Medrosa”
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo total: 15 minutos
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos

Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
Ordenar a sequência da História “A Galinha Medrosa”	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a emoção medo nos outros; • Estimular a linguagem; • Recordar os principais momentos da história; 	A emoção básica: medo	<p>Recursos Humanos: Formadora e crianças;</p> <p>Recursos Materiais: Estrutura da sequência da história “ A Galinha Medrosa”;</p> <p>Peças com os principais momentos da história.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar em que consiste a atividade; • Recordar e nomear os principais momentos da história; • Ordenar a sequência da 	15 minutos

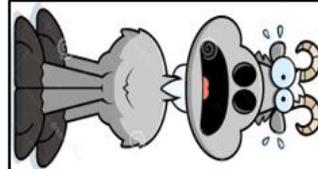
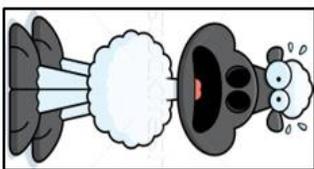
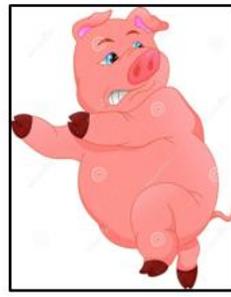
	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a motricidade fina. 			<p>história;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar a emoção medo no outro. 	
--	---	--	--	--	--

Atividade Ordenar a Sequência da História





Atividade Ordenar os animais de acordo com a história



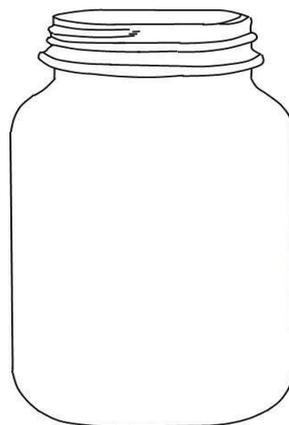
Anexo XVI – Matriz de Planificação da Atividade 3 da 4ª Sessão

Sessão: O medo
Atividade: Ilustração: “ Os meus medos”
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo total: 35 minutos
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos

Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
Ilustração: “ Os meus medos”.	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer e identificar situações, momentos ou algo característico que suscite medo em si mesmo; • Estimular a linguagem; 	A emoção básica: medo.	Recursos Humanos: Formadora e crianças. Recursos Materiais: Ilustração de um pote; Lápis de cor.	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar em que consiste a atividade; • Partilhar momentos, situações ou algo característico que suscite medos em si mesmo; 	35 minutos

	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a livre expressão e o autoconhecimento; • Desenvolver a motricidade fina. 			<ul style="list-style-type: none"> • Selecionar um desses momentos, situações ou aspeto característico que suscita o medo; • Ilustrar o que considera como sendo um medo para si; • Identificar a sua reação ao medo. 	
--	---	--	--	--	--

Ilustração “ Os meus medos”



Materiais relativos à 5ª Sessão

Anexo XVII – Matriz de Planificação da 5ª Sessão

Projeto	Crianças que sentem, crianças felizes
Tema	As Emoções Básicas
Ação	Sessão 3: A raiva
Local Tempo previsto	Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra 2 sessões de 45 minutos com um intervalo de 15 minutos entre elas
Dinamizador(es) responsáveis	Estagiária Patrícia Lopes
Grupo-alvo	Crianças do Ninho dos Pequenos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos
Objetivo geral	Conhecer a emoção raiva

Momento/ Tempo	Objetivos específicos	Conteúdos Pontos-chave	Métodos/ Estratégias/ Técnicas	Recursos	Atividades das Crianças	Avaliação
Início da ação Apresentação da Sessão 5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> Familiarizam-se com o tema e os objetivos da sessão. 	Temática e objetivos da sessão.	Método: Expositivo.	Mesa e cadeiras em círculo.	<ul style="list-style-type: none"> Observação e escuta atenta. 	Observação direta.

<p>Desenvolvimento da ação</p> <p>“ Coelho Branco zanga-se”</p> <p>40 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecem e identificam a emoção raiva; • Reconhecem e identificam a emoção raiva nos outros; • Conhecem a “ técnica da tartaruga”- estratégia de relaxamento. 	<p>A emoção básica: raiva;</p> <p>Reconhecimento da emoção raiva no outro.</p>	<p>Métodos:</p> <p>Ativo, participativo e interrogativo.</p>	<p>Mesa e cadeiras em círculo;</p> <p>Livro da história: “ Coelho Branco zanga-se”;</p> <p>Mascote de coelho e tartaruga.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Escutar atentamente a dramatização da história, com recurso à mascote do coelho. • Responder às questões que lhe são colocadas acerca da mesma; • Conhecer uma estratégia de relaxamento- “ técnica da tartaruga”, com recurso à mascote da tartaruga Molly. 	<p>Observação direta</p>
--	---	--	---	---	--	--------------------------

<p>Final da ação</p> <p>Caixinha da Raiva</p> <p>45 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecem e identificam situações que suscitam raiva em si mesmos. 	<p>Autoconhecimento da emoção raiva em si mesmo.</p>	<p>Métodos:</p> <p>Ativo, participativo e interrogativo.</p>	<p>Mesa e cadeiras em círculo;</p> <p>Folha Branca;</p> <p>Lápis de cor;</p> <p>Caixinha da Raiva.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Partilhar situações ou momentos que suscitam raiva em si mesmos; • Selecionar um desses momentos ou situações e ilustrá-lo; • Reconhecer como aplicar a “ técnica da tartaruga” nesse momento ou situação; • Colocar o desenho realizado acerca de algo que provoque 	<p>Atividade: Caixinha da Raiva.</p>
--	---	--	---	--	---	--------------------------------------

					raiva em si, na caixinha da raiva.	
--	--	--	--	--	--	--

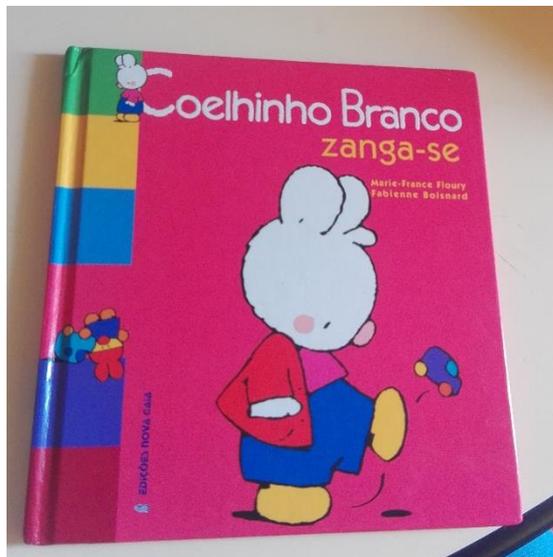
Anexo XVIII – Matriz de Planificação da Atividade 1 da 5ª Sessão

Sessão: A raiva
Atividade: Dramatização da História: “ Coelhoinho Branco zanga-se”
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo total: 40 minutos
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos

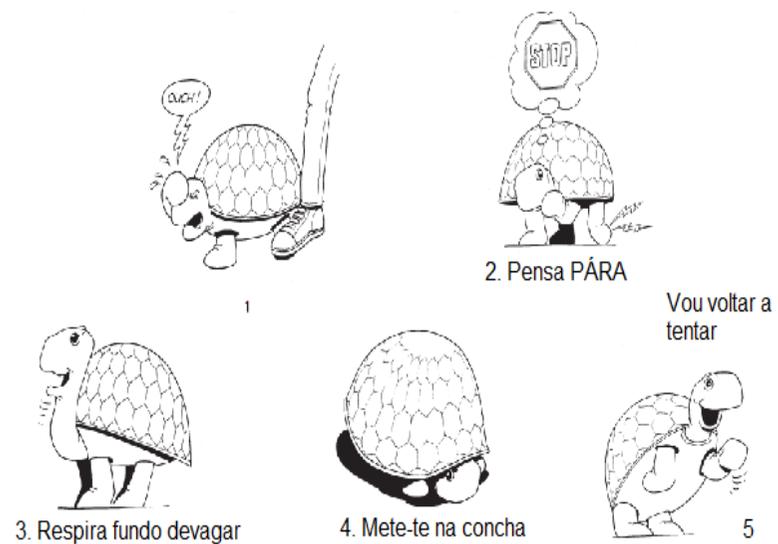
Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
Dramatização da História: “ Coelhoinho Branco zanga-se”	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer e identificar a emoção raiva nos outros; • Conhecer a “técnica da tartaruga”- estratégia de relaxamento; 	<p>A emoção básica: raiva;</p> <p>Estratégia de relaxamento- “ a técnica da tartaruga”:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fechar os olhos; • Respirar fundo; 	<p>Recursos humanos: Formadora e crianças;</p> <p>Recursos Materiais: Livro da história: “ Coelhoinho Branco zanga-se”;</p> <p>Mascotes do coelho branco e da tartaruga Molly.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar em que consiste a atividade; • Escutar atentamente a dramatização da história: “ Coelhoinho Branco zanga-se”, com 	40 minutos

	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a linguagem; • Ampliar o vocabulário. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pensar em coisas positivas; • Auto diálogo positivo (“Eu consigo acalmar-se”; “ Eu consigo controlar-me”; “ Eu consigo resolver isto, só preciso de um tempo para me acalmar”). 		<p>recurso à mascote do coelhinho branco.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar a emoção raiva no outro; • Conhecer a “ técnica da tartaruga”, como sendo uma estratégia para acalmar em situações de raiva ou zanga, com recurso à mascote da tartaruga Molly. 	
--	--	---	--	--	--

História “Coelhinha Branco Zanga-se”



Técnica da Tartaruga



Anexo XIX – Matriz de Planificação da Atividade 2 da 5ª Sessão

Sessão: A raiva
Atividade: Caixinha da Raiva
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo total: 45 minutos
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos

Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
Caixinha da Raiva	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer e identificar momentos ou situações que suscitem raiva em si mesmo; • Estimular a linguagem; • Promover a livre expressão e o autoconhecimento; 	A emoção básica: raiva	Recursos Humanos: Formadora e crianças; Recursos Materiais: Folha branca; Lápis de Cor; Caixinha da Raiva.	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar em que consiste a atividade; • Partilhar momentos, situações que suscitem raiva em si mesmo; 	45 minutos

	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a motricidade fina. 			<ul style="list-style-type: none"> • Selecionar um desses momentos ou situações e ilustrá-lo; • Identificar uma estratégia possível para resolver a situação; • Colocar o desenho de algo que provoque raiva em si, na Caixinha da Raiva. 	
--	---	--	--	--	--

Caixinha da Raiva (Exemplo)



Materiais relativos à 6ª Sessão

Anexo XX – Matriz de Planificação da 6ª Sessão

Projeto	Crianças que sentem, crianças felizes
Tema	As Emoções Básicas
Ação	Sessão 3: O nojo
Local	Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo previsto	2 sessões de 45 minutos, com um intervalo de 15 minutos entre elas
Dinamizador(es) responsáveis	Estagiária Patrícia Lopes
Grupo-alvo	Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos
Objetivo geral	Conhecer a emoção nojo

Momento/ Tempo	Objetivos especificos	Conteúdos Pontos-chave	Métodos/ Estratégias/ Técnicas	Recursos	Atividades das Crianças	Avaliação
Início da ação Apresentação da Sessão 5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> Familiarizam-se com o tema e os objetivos da sessão. 	Temática e objetivos da sessão.	Método: Expositivo.	Mesa e cadeiras em círculo.	<ul style="list-style-type: none"> Observação e escuta atenta. 	Observação direta.

<p>Desenvolvimento da ação</p> <p>Atividade de estimulação sensorial</p> <p>45 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificam a emoção nojo; • Reconhecem a emoção nojo em si. 	<p>A emoção básica: medo;</p> <p>Autoconhecimento da emoção nojo em si.</p>	<p>Métodos:</p> <p>Ativo, participativo e interrogativo.</p>	<p>Mesa e cadeiras em círculo;</p> <p>Recipientes com bolas de gel, espuma de cabelo e areia com água.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Escutar atentamente as instruções para a realização da atividade; • Colocar à vez a mão, nos três recipientes que contém bolas de gel, espuma de cabelo e areia com água e que se encontram tapados com um pano preto; • Responder às questões acerca do que estão a sentir; • Identificar a emoção nojo; 	<p>Observação direta</p> <p>Atividade de estimulação sensorial</p>
---	---	---	---	--	--	--

					<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e reconhecer algo que desperte a emoção nojo em si. 	
<p>Final da ação</p> <p>“Quanto se sente nojo!”</p> <p>40 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificam a emoção nojo no outro; • Reconhecem a expressão facial da emoção nojo. 	Reconhecimento da emoção nojo no outro.	<p>Métodos:</p> <p>Ativo, participativo e interrogativo.</p>	<p>Mesa e cadeiras em círculo;</p> <p>Fotocópias com desenhos de meninos e meninas sem os elementos da cara desenhados;</p> <p>Lápis de cor.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Escutar atentamente as instruções para a realização da atividade; • Demonstrar a expressão facial da emoção nojo; • Reproduzir a expressão facial da emoção nojo na personagem 	<p>Observação direta</p> <p>Atividade “Quando se sente nojo”</p>

					<p>do desenho;</p> <ul style="list-style-type: none">• Colorir todo o desenho;• Atribuir um nome à personagem e o que está a sentir de acordo com a figura, de modo a reconhecer a emoção nojo.	
--	--	--	--	--	--	--

Anexo XXI – Matriz de Planificação da Atividade 1 da 6ª Sessão

Sessão: O nojo					
Atividade: Atividade de Estimulação sensorial					
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra					
Tempo total: 45 minutos					
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes					
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos					
Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
Atividade de Estimulação Sensorial	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a emoção nojo; • Identificar e reconhecer o que desperta a emoção nojo em si; • Estimular a linguagem; • Estimular a habilidade tátil; • Reconhecer diferentes texturas através do tacto; • Promover a livre 	A emoção básica: nojo	Recursos Humanos: Formadora e crianças; Recusos Materiais: Recipientes com bolas de gel, espuma de cabelo e areia com água; Pano preto.	<ul style="list-style-type: none"> • Colocar a mão à vez dentro dos três recipientes que contém bolas de gel, espuma de cabelo e areia com água, um de cada vez, de modo a reconhecerem diferentes texturas; • Questionar as crianças acerca do que estão a 	45 minutos

	expressão e o autoconhecimento.			sentir, de forma a que consigam identificar a emoção nojo;	
				<ul style="list-style-type: none"> • Partilhar algo que desperte a emoção nojo em si. 	

Atividade de estimulação sensorial (Exemplos)



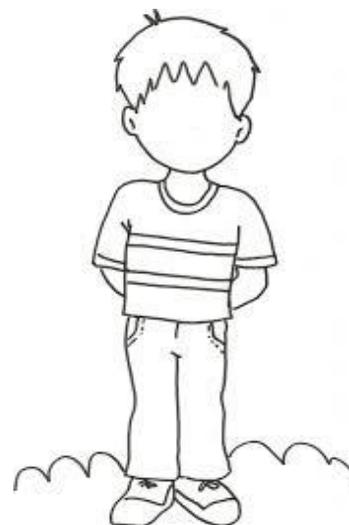
Anexo XXII – Matriz de Planificação da Atividade 2 da 6ª Sessão

Sessão: O nojo
Atividade: “Quando se sente nojo”
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo total: 40 minutos
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos

Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
“ Quando se sente nojo”	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a emoção nojo no outro; • Identificar e reconhecer a expressão facial da emoção nojo; • Estimular a 	A emoção básica: nojo.	<p>Recursos Humanos: Formadora e crianças;</p> <p>Recursos Materiais: Fotocópias com desenhos de meninos e meninas sem os elementos da cara desenhados;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstrar a expressão facial da emoção nojo; • Reproduzir a expressão facial da emoção nojo no outro, nomeando os elementos da cara que desenhou; 	40 minutos

	linguagem; <ul style="list-style-type: none"> • Ampliar o vocabulário; • Desenvolver a motricidade fina. 		Lápis de cor.	<ul style="list-style-type: none"> • Colorir o desenho; • Atribuir um nome à personagem e referem o que está a sentir de acordo com a observação da figura, de modo a identificarem a emoção nojo no outro. 	
--	---	--	---------------	---	--

Atividade “ Quando se sente nojo” (Exemplos)



Materiais relativos à 7ª Sessão

Anexo XXIII – Matriz de Planificação da 7ª Sessão

Projeto	Crianças que sentem, crianças felizes
Tema	As Emoções Básicas
Ação	Sessão 3: A surpresa
Local	Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo previsto	2 sessões de 45 minutos com um intervalo de 15 minutos entre elas
Dinamizador(es) responsáveis	Estagiária Patrícia Lopes
Grupo-alvo	Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos
Objetivo geral	Conhecer a emoção repulsa

Momento/ Tempo	Objetivos especificos	Conteúdos Pontos-chave	Métodos/ Estratégias/ Técnicas	Recursos	Atividades das Crianças	Avaliação
Início da ação Apresentação da Sessão 5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> Familiarizam-se com o tema e os objetivos da sessão. 	Temática e objetivos da sessão.	Método: Expositivo.	Mesa e cadeiras em círculo.	<ul style="list-style-type: none"> Observação e escuta atenta. 	Observação direta.

<p>Desenvolvimento da ação</p> <p>Momento surpresa</p> <p>45 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecem a emoção surpresa; • Reconhecem as diferentes emoções; • Identificam e reconhecem a emoção surpresa em si. 	<p>A emoção básica: surpresa;</p> <p>Autoconhecimento da emoção surpresa em si.</p>	<p>Métodos:</p> <p>Ativo, participativo e interrogativo.</p>	<p>Mesa e cadeiras em círculo;</p> <p>Caixa com tampa;</p> <p>Venda para tapar os olhos;</p> <p>Bonecos que representem a alegria e a raiva;</p> <p>Um recipiente com bolas de gel;</p> <p>Um brinquedo fantasma;</p> <p>Fotografias da emoção tristeza e surpresa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Escutar atentamente as instruções para a realização da atividade; • Retirar de cada vez um objeto da caixa com os olhos vendados. • Destapar os olhos e referir qual a emoção representada no mesmo (Bonecos para a alegria e raiva; bolas de gel para o nojo; brinquedo fantasma para o medo; fotografias da surpresa e da tristeza; 	<p>Observação direta</p> <p>Atividade Momento surpresa</p>
---	---	---	---	---	--	--

					<ul style="list-style-type: none"> • Questionar as crianças se sentiram surpreendidas com o que estava no interior da caixa; • Explicar às crianças o que é a emoção surpresa; 	
<p>Final da ação</p> <p>Que surpresa!</p> <p>40 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificam e reconhecem a emoção nojo no outro. 	Reconhecimento da emoção surpresa no outro.	<p>Métodos:</p> <p>Ativo, participativo e interrogativo.</p>	Mesa e cadeiras em círculo; Plasticina.	<ul style="list-style-type: none"> • Escutar atentamente as instruções para a realização da atividade; • Demonstrar a expressão facial da emoção surpresa; • Reproduzir a expressão facial 	<p>Observação direta</p> <p>Atividade: Que surpresa!</p>

					<p>da emoção surpresa com plasticina.</p> <ul style="list-style-type: none">• Criar uma personagem com alguma orientação do adulto;• Elaborar uma pequena história que aborde a emoção surpresa.	
--	--	--	--	--	---	--

Anexo XXIV – Matriz de Planificação da Atividade 1 da 7ª Sessão

Sessão: A surpresa
Atividade: Momento Surpresa
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo total: 45 minutos
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos

Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças
Momento surpresa	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a emoção surpresa em si; • Reconhecer as diferentes emoções; • Estimular a linguagem; • Ampliar o vocabulário; • Desenvolver a criatividade e a 	A emoção básica: surpresa.	<p>Recursos humanos: Formadora e crianças;</p> <p>Recursos Materiais: Caixa com tampa; Venda para tapar os olhos; Bonecos que representem a alegria e a raiva; Um recipiente com bolas de gel; Um brinquedo fantasma;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Retirar da caixa um objeto de cada vez com os olhos tapados; • Referir qual a emoção que o objeto representa (Bonecos para a alegria e raiva; bolas de gel para o nojo; brinquedo fantasma para o medo; fotografias da surpresa

	imaginação.		Fotografias da emoção tristeza e surpresa.	<p>e da tristeza);</p> <ul style="list-style-type: none"> • Questionar a criança se ficou surpreendida com os objetos que estavam no interior da caixa; • Explicar à criança o que é a emoção surpresa; • Partilhar algo que já tenha provocado surpresa em si.
--	-------------	--	--	--

Caixa Surpresa (Exemplo)



Anexo XXV – Matriz de Planificação da Atividade 2 da 7ª Sessão

Sessão: A surpresa
Atividade: Que surpresa!
Local: Sala de Atividades Lúdico- Pedagógicas do Ninho dos Pequenitos- Maternidade Bissaya Barreto, Coimbra
Tempo total: 40 minutos
Dinamizador responsável: Estagiária Patrícia Lopes
Grupo alvo: Crianças do Ninho dos Pequenitos, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos

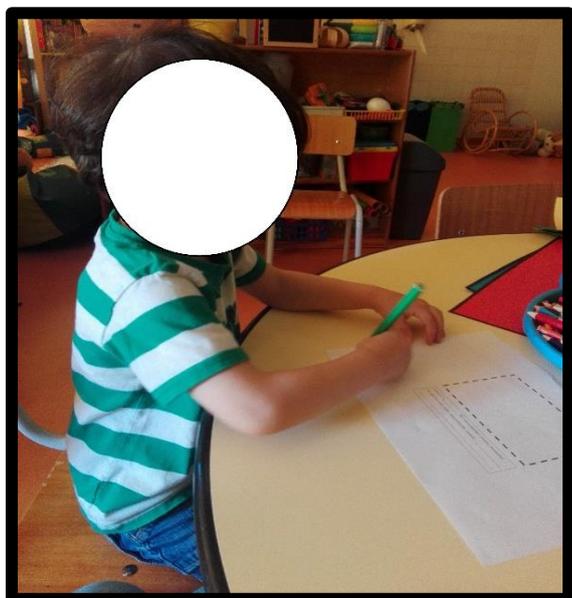
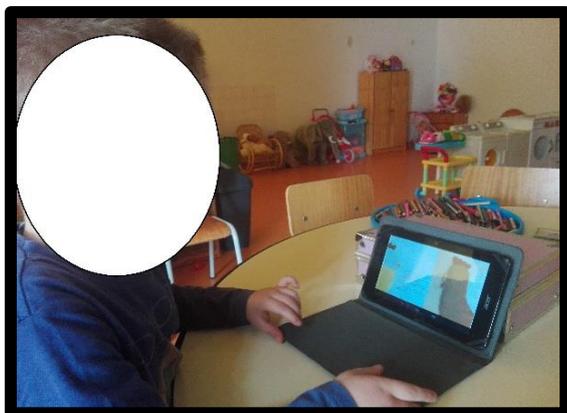
Atividade	Objetivos	Conteúdos a enfatizar	Recursos / Organização do espaço	Passos/ sequência das atividades das crianças	Tempo
Que surpresa!	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e reconhecer a expressão facial da emoção surpresa; • Reconhecer a emoção surpresa no outro; • Estimular a 	A emoção básica: surpresa.	Recursos humanos: Formadora e crianças; Recursos Materiais: Plasticina.	<ul style="list-style-type: none"> • Partilhar algo que tenha despertado a emoção surpresa em si; • Demonstrar a expressão facial da emoção surpresa; • Reproduzir a expressão facial da 	40 minutos

	linguagem; <ul style="list-style-type: none"> • Ampliar o vocabulário; • Desenvolver a motricidade fina; • Estimular a imaginação e a criatividade. 			emoção surpresa na plasticina; <ul style="list-style-type: none"> • Criar uma personagem e em seguida elaborar uma pequena história onde seja abordada a emoção surpresa. 	
--	---	--	--	---	--

Atividade “ Que surpresa”



**Anexo XXVI – Imagens das atividades realizadas na implementação do Projeto “
Crianças que sentem, crianças felizes”**



Anexo XXVII – Outras atividades realizadas no estágio

Imagens do cenário da Lenda de S. Martinho



Dia das Bruxas

Decoração da porta de entrada



Trabalho de Expressão Plástica



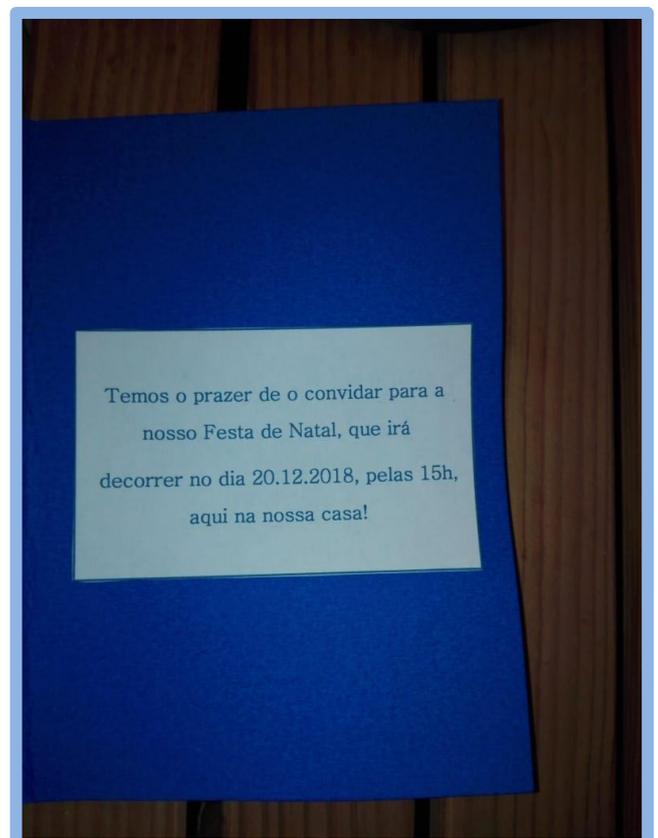
Lanche convívio do Dia das Bruxas



Trabalho de expressão plástica do Outono



Convite da Festa de Natal



Trabalhos de expressão plástica do Natal



Festa de Natal

Dramatização da História



Lanche Convívio



Entrega das prendas



Trabalho de expressão plástica do Inverno



Trabalho de expressão plástica do Dia dos Reis

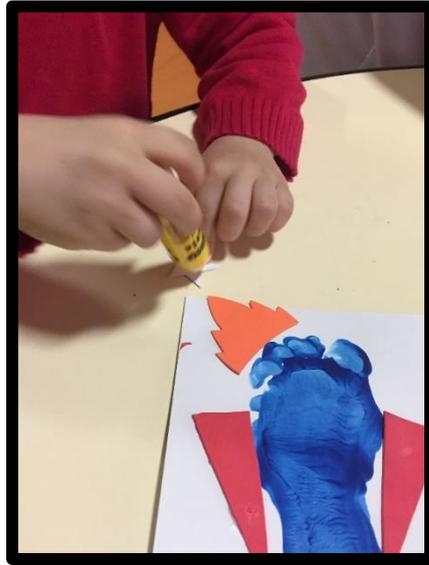


Trabalho de expressão plástica do Carnaval



Elaboração dos postais do Dia do Pai





Campanha Laço Azul



Cartaz e Programa do Seminário- 9ª Campanha de Prevenção dos Maus Tratos a Crianças e Jovens

COMISSÃO ORGANIZADORA

ARS Centro/Comissão Regional de Saúde da Mulher, Criança e do Adolescente/Ação de Saúde para Crianças e Jovens em Risco e Violência Interpessoal ao Longo do Ciclo de Vida.
Agrupamento de Escolas Coimbra Centro.
APBC - Agência para a Promoção da Baixa de Coimbra.
Câmara Municipal Coimbra.
Cáritas Diocesana de Coimbra.
Casa dos Pobres de Coimbra.
Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra.
Comarca de Coimbra - Ministério Público.
Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, Coimbra.
Departamento de Saúde Pública.
Fundação Bissaya Barreto.
Instituto de Apoio à Criança.
Instituto de Segurança Social - Centro Distrital de Coimbra.
Instituto Português do Desporto e Juventude.
Liga dos Pequenininos – Liga de amigos do Hospital Pediátrico de Coimbra.
Ninho dos Pequenitos - Maternidade Bissaya Barreto.
Núcleo Hospitalar de Apoio a Crianças e Jovens em Risco, do Hospital Pediátrico.
Núcleo Hospitalar de Apoio a Crianças e Jovens em Risco Maternidade Daniel de Matos.
Núcleo Hospitalar de Apoio a Crianças e Jovens em Risco da Maternidade Bissaya Barreto.



SEMINÁRIO

9ª CAMPANHA DE PREVENÇÃO DE MAUS TRATOS A CRIANÇAS E JOVENS

12 ABRIL 2019

AUDITÓRIO DO HOSPITAL PEDIÁTRICO DE COIMBRA



09:00	ABERTURA SECRETARIADO
09:15	SESSÃO DE BOAS VINDAS Prof. Doutora Guiomar Oliveira Diretora da UGI da Pediatria do Hospital Pediátrico - CHUC Dr. José Órfão Comissão Regional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente, ARS Centro
09:30	CONFERÊNCIA O EFEITO DO STRESS TRAUMÁTICO NO DESENVOLVIMENTO CEREBRAL DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE Prof. Doutor Miguel Castelo Branco Docente e investigador da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra MODERAÇÃO: Dr.ª Mónica Oliva Comissão Regional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente, ARS Centro
10:15 - 10:30	DEBATE
10:30 - 11:00	COFFEE BREAK
	MOMENTO SURPRESA
11:00	MESA AGORA É A NOSSA VEZ. O QUE OS JOVENS NOS TÊM A DIZER. RELAÇÕES INTERPESSOAIS NÃO VIOLENTAS: QUANDO É NÃO...É NÃO! INTERVENIENTES: Jovens MODERAÇÃO: Jovem
12:45 - 14:15	ALMOÇO LIVRE
14:15 - 15:15	CONFERÊNCIA WHAT'S UP ? (H) APP(Y). ASSIM POSSO PARTICIPAR, YES ! Prof.ª Doutora Teresa Pessoa Professora Associada da Faculdade de Psicologia e de Ciências Educação da Universidade de Coimbra MODERAÇÃO: Dr.ª Concelção Malhó Gomes Diretora do Agrupamento de Escolas Coimbra Centro

15:15 - 15:30	INTERVALO
15:30 - 16:30	MESA USO E ABUSO DAS NOVAS TECNOLOGIAS O TEMPO QUE OS NOSSOS FILHOS PASSAM ONLINE - O QUE PODEM OS PAIS FAZER Dr.ª Cláudia Manata do Outeiro Instituto de Apoio à Criança PERIGOS ONLINE - CONHECER PARA INTERVIR Dr. Camilo Oliveira Coordenador de Investigação Criminal Responsável pela área dos crimes contra pessoas da Diretoria do Centro da Polícia Judiciária COMPORTAMENTOS ADITIVOS: O PAPEL DA TECNOLOGIA Dr.ª Patrícia Monteiro Coordenadora do Centro de Respostas Integradas de WISEU MODERAÇÃO: Prof. Doutor Lúis Moura e Silva CEO da WIT Software MOMENTO MUSICAL
17:00	MESA DE ENCERRAMENTO Dr. Manuel Machado Presidente da Câmara Municipal de Coimbra Dr.ª Rosa Reis Marques Presidente do Conselho Diretivo da ARS Centro Dr. Fernando Regateiro Presidente do Conselho de Administração do CHUC Dr.ª Rosário Farmhouse Presidente da Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção de Crianças e Jovens Dr. Catarina Durão Diretora Regional do Centro do IPDJ Eng.º Ramiro Miranda Diretor do Centro Distrital de Segurança Social de Coimbra Dr.ª Fátima Negrão Ninho dos Pequenitos, em representação das Associações da rede de parceiros na Campanha de Prevenção de Maus tratos a Crianças e Jovens

Certificado de Participação no Seminário- 9ª Campanha de Prevenção dos Maus Tratos a Crianças e Jovens



9ª Campanha de Prevenção - 2019
Maus Tratos a Crianças e Jovens: Silêncio??? Não!!!

Seminário
“OLHARES conSENTIDO”

CERTIFICADO

Patrícia Alexandra Aguiar Lopes participou no Seminário “Olhares conSENTIDO”, que se realizou no Auditório do Hospital Pediátrico de Coimbra-CHUC,EPE, no dia 12 de abril de 2019, integrado na 9ª Campanha de Prevenção de Maus Tratos a Crianças e Jovens: SILÊNCIO??? NÃO!!!., com a duração de 7 horas.

Pª ORGANIZAÇÃO REDE DE PARCEIROS DE COIMBRA


José António Pereira Órfão, Dr.

Silêncio??? Não!!!



Atividades de Páscoa



Postais do Dia da Mãe



Trabalho de Expressão Plástica da Primavera



Trabalho de Expressão Plástica dos Santos Populares



Passeio à Romaria do Espírito Santo



Atividade Santos na Freguesia

Cartaz Santos na Freguesia



Arco realizado pelo Ninho dos Pequenitos



Apresentação “ Os instrumentos”



Instrumentos de Cordas



São Instrumentos cuja origem do som é produzida pela vibração de cordas.

Exemplos de Instrumentos de Cordas:



Violino



Exemplos de Instrumentos de Cordas:



Guitarra



Instrumentos de Sopro



O som é produzido pela vibração de uma coluna de ar.

Exemplos de Instrumentos de Sopro:



Clarinete



Exemplos de Instrumentos de Sopros:



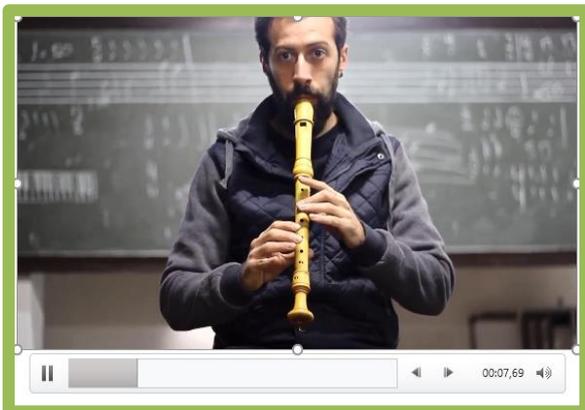
Tuba



Exemplos de Instrumentos de Sopros:



Flauta



Instrumentos de Percussão



O som é obtido através do impacto, raspagem ou agitação, com ou sem o auxílio de baquetas.

Exemplos de Instrumentos de Percussão:



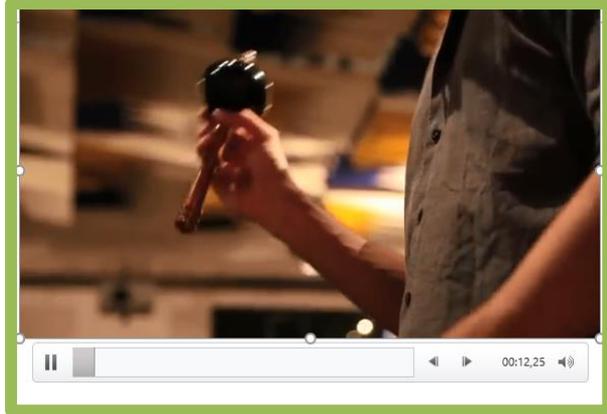
Xilofone



Exemplos de Instrumentos de Percussão:



Maracas



Exemplos de Instrumentos de Percussão:



Triângulo



Exemplos de Instrumentos de Percussão:



Pratos



Exemplos de Instrumentos de Percussão:



Tambor





Atividades realizadas pelo IAC



Atividades realizadas com a estagiária da Escola D. Duarte

